UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

JOÃO BOSCO MARTINS D'ÁVILA

UM ESTUDO DA VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL DO PORTUGUÊS FALADO NOS MUNICÍPIOS DE BENJAMIN CONSTANT E TABATINGA NA REGIÃO FRONTEIRA BRASIL/COLÔMBIA/PERU

MANAUS-AM
2021

JOÃO BOSCO MARTINS D'ÁVILA

UM ESTUDO DA VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICALDO PORTUGUÊS FALADO NOS MUNICÍPIOS DE BENJAMIN CONSTANT E TABATINGA NA REGIÃO FRONTEIRA BRASIL/COLÔMBIA/PERU

Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, na área de Teoria e Análise linguística, na linha de pesquisa da Sociolinguística/Dialetologia.

Orientadora: Profa. Dra. Flávia Santos Martins.

MANAUS-AM

2021

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

D'Ávila, João Bosco Martins
D999e Um estudo da variação semântico-lexical do português falado nos municípios de Benjamin Constant e Tabatinga na região de fronteira Brasil/Colômbia/Peru / João Bosco Martins D'Ávila . 2021
165 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Flávia Santos Martins
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Dialetologia. 2. Sociolínguistica. 3. Variação lexical. 4. Empréstimo linguístico. I. Martins, Flávia Santos. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

JOÃO BOSCO MARTINS D'ÁVILA

"Um estudo da variação semântico-lexical do português falado nos municípios de Benjamin Constant e Tabatinga na região fronteira Brasil/Colômbia/Peru"

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em letras na área de Estudos da Linguagem.

Aprovada em 14 de setembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

Flávia Santos Martins
Profa. Dra. Flávia Santos Martins (UFAM)

Maria Luiza Cruz-Cardoso
Profa Dra. Maria Luiza Carvalho Cruz-Cardoso(UFAM)

Edson Galvão Maia
Prof. Dr. Edson Galvão Maia (IFAM)

DEDICATÓRIA

Ao meu pai Manoel Gama D'Ávila, que, mesmo não estando mais entre nós, deixou-nos conselhos que ficarão para sempre; a minha mãe Maria das Dores de Souza Martins, por incentivar-me a estudar e por cuidar-me sempre; e ao meu filho João Henrique de Souza D'Ávila, por proporcionar-me o amor paterno.

AGRADECIMENTOS

Ao meu poderoso Deus, detentor de todas as coisas, que me permitiu viver, aprender e chegar até este momento, com tanta proteção e amor, muito mais do que eu poderia merecer e por ter me auxiliado na construção deste trabalho, dando-me forças para persistir ao longo do curso e concluir de forma satisfatória o mestrado em Letras.

À minha amada família: meu pai Manoel D'Ávila, que me ensinou o verdadeiro sentido da vida e pelo grande homem que foi nesta terra; à minha mãe Maria, mulher exemplar com um coração tão bondoso que é difícil explicar; aos meus queridos irmãos, Ezenildo, Josy, Fran, Manoel, Rizone, Sara e Elkem por apoiarem-me nas horas difíceis e pelas vibrações em nossas conquistas.

À minha outra família: à minha esposa Marcilene de Souza, pela admirável pessoa que tem sido, orientando-me em algumas situações e por sempre está orando por mim; ao meu filho amado João Henrique de Souza D'Ávila, presente do meu Deus, que me proporcionou conhecer a amor paterno, bem como a responsabilidade do que é ser pai.

À minha admirável e respeitável, Profa. Dra. Flávia Santos Martins, pela imensa boa vontade e presteza, paciência e dedicação com que me ensinou, orientou e suportou durante essa fase tão especial da minha vida.

À banca examinadora, que analisou tão cuidadosamente a minha pesquisa, contribuindo imensamente para meu crescimento profissional.

A todos os meus colegas do mestrado: a Francisca, a Ana Miles e, em particular, a Geise, parceira com que vivenciei momentos bons, difíceis e engraçados, uma pessoa admirável pelo seu caráter como amiga.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior CAPES, pela concessão de bolsa de estudos durante dois anos.

À Universidade Federal do Amazonas pela realização do Mestrado em Letras. Aos professores do Programa de Pós-graduação em Letras da PPGL/UFAM pelas contribuições no curso de Mestrado.

Aos informantes desta pesquisa que nos permitiram conhecer e gravar sua fala.

“Mil cairão ao teu lado, e dez mil a tua direita, mas não chegará a ti”.

“Porque tu, ó SENHOR, és meu refúgio. No Altíssimo fizeste a tua habitação”.

(Salmos 91; 7,9,)

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar a variação semântico-lexical (alimentação e relações sociais) do português falado nos municípios de Benjamin Constant e Tabatinga, na região fronteira Brasil/Colômbia/Peru, à luz da Dialetologia Pluridimensional e da Sociolinguística Variacionista. Para isso, elaboraram-se os seguintes objetivos específicos: comparar a variação semântico-lexical do português falado nos dois municípios com a variação semântico-lexical do português falado em outras regiões do Estado do Amazonas; analisar a variação semântico-lexical de acordo com a estratificação social dos informantes, tendo como controle as variáveis *localidade, sexo, faixa etária* e *escolaridade* e averiguar a ocorrência de empréstimos lexicais no português falado nas duas localidades, decorrente do contato com as línguas espanholas colombiana e peruana e algumas línguas indígenas. Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram selecionados 24 moradores dos dois municípios (12 em cada), estratificados de acordo com *sexo, faixa etária* e *escolaridade*. Quanto à coleta de dados, foi realizada por meio de aplicação do Questionário Semântico-Lexical (Alimentação e Relações Sociais) e através do registro de conversa livre. Para a análise dos dados, foi utilizado o método geolinguístico que consiste na apresentação dos dados linguísticos em forma de mapa ou carta geográfica, gerando assim, melhor visualização do fenômeno no espaço geográfico. Com esta pesquisa, foi possível perceber que algumas variantes são de uso geral no Amazonas, entretanto, existem formas lexicais específicas a essas duas localidades; ainda, foi possível observar que algumas variantes são condicionadas pelos grupos de fatores extralinguísticos, já outras variantes, não; também foi possível conhecer os estrangeirismos presentes na fala dos moradores da região investigada. Ao final desta pesquisa, contribui-se, assim, para o conhecimento das áreas dialetais brasileiras.

Palavras-chave: Dialetologia. Sociolinguística. Variação lexical. Empréstimo linguístico.

ABSTRACT

This research aimed to investigate the semantic-lexical variation (food and social relations) of the Portuguese spoken in the municipalities of Benjamin Constant and Tabatinga, in the border region Brazil/Colombia/Peru, in the light of Pluridimensional Dialectology and Variationist Sociolinguistics. For this, the following specific objectives were elaborated: to compare the semantic-lexical variation of the Portuguese spoken in the two municipalities with the semantic-lexical variation of the Portuguese spoken in other regions of the State of Amazonas; analyze the semantic-lexical variation according to the social stratification of the informants, controlling for the variables location, sex, age group and education, and investigate the occurrence of lexical borrowings in the Portuguese spoken in both locations, resulting from contact with the Colombian Spanish languages and Peruvian and some indigenous languages. For the development of this research, 24 residents of the two cities (12 in each) were selected, stratified according to sex, age and education. As for data collection, it was performed through the application of the Semantic-Lexical Questionnaire (Food and Social Relations) and through the free conversation record. For data analysis, the geolinguistic method was used, which consists of the presentation of linguistic data in the form of a map or geographic chart, thus generating a better visualization of the phenomenon in geographic space. With this research, it was possible to notice that some variants are of general use in Amazonas, however, there are specific lexical forms to these two locations; yet, it was possible to observe that some variants are conditioned by groups of extralinguistic factors, while other variants are not; it was also possible to know the foreignness present in the speech of the residents of the investigated region. At the end of this research, this contributes to the knowledge of Brazilian dialectal areas.

Keywords: Dialectology. Sociolinguistics. Lexical variation. Language loan.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (QUADROS)

Quadro 1: Estudos dialetológicos e sociolinguísticos realizados no Amazonas.....26
Quadro 2: Estudo sobre a centralização e atitude com relação à Martha´s Vineyard.....34
Quadro 3: Estratificação social dos informantes entrevistados em Benjamin Constant e Tabatinga, no Amazonas.....51
Quadro 4: Codificação dos informantes por localidade – Benjamin Constant.....52
Quadro 5: Codificação dos informantes por localidade – Tabatinga.....52
Quadro 6: As variáveis dependentes e as possíveis variantes.....65
Quadro 7: Localidade.....71
Quadro 8: Variável independente extralinguística: sexo (diagenérica).....72
Quadro 9: Variável independente extralinguística: faixa etária (diageracional).....74
Quadro10: Variável independente extralinguística: escolaridade.....75
Quadro 11: Resultados da Questão 1, de acordo com a ordem das respostas.....79
Quadro 12: Resultados da Questão 1, de acordo com o *sexo*.....79
Quadro 13: Resultados da Questão 1, de acordo com a *faixa etária*.....80
Quadro 14: Resultados da Questão 1, de acordo com a *escolaridade*.....80
Quadro 15: Resultados da Questão 6, de acordo com a ordem das respostas.....81
Quadro 16: Análise da Questão 6, em comparação aos resultados de Maia (2018).....83
Quadro 17: Análise da Questão 12, em comparação aos resultados de Cruz (2004) e Maia (2018).....86
Quadro 18: Resultados da Questão 12, de acordo com *sexo*.....86
Quadro 19: Resultados da Questão 12, de acordo com a *faixa* etária.....87
Quadro 20: Resultados da Questão 12, de acordo com a *escolaridade*.....87
Quadro 21: Análise da Questão 14, de acordo com a ordem das respostas.....89
Quadro 22: Análise comparativa da Questão 14, em comparação aos resultados de Maia (2018).....90
Quadro 23: Resultados da Questão 14, de acordo com o *sexo*.....90
Quadro 24: Resultados da Questão 14, de acordo com a *faixa etária*.....91
Quadro 25: Resultados da Questão 14, de acordo com a *escolaridade*.....91
Quadro 26: Resultados da Questão 20, de acordo com a *ordem das respostas*.....93
Quadro 27: Análise comparativa da Questão 20, em comparação aos resultados de Maia (2018) e Viana (2019).....94
Quadro 28: Resultados da Questão 20, de acordo com o *sexo*.....95
Quadro 29: Resultados da Questão 20, de acordo com a *faixa etária* 95
Quadro 30: Resultados da Questão 20, de acordo com a *escolaridade* 96
Quadro 31: Resultados da Questão 22, de acordo com a *localidade* 98
Quadro 32: Análise comparativa da Questão 22, em comparação aos resultados de Azevedo (2013).....99
Quadro 33: Resultados da Questão 25, de acordo com a o*rdem das respostas*.....101
Quadro 34: Resultados da Questão 27, de acordo com a *ordem das respostas*.....104
Quadro 35: Resultados da Questão 28, de acordo com a *ordem das respostas*.....106
Quadro 36: Análise da Questão 34, de acordo com a *ordem das respostas*.....110
Quadro 37: Análise comparativa da Questão 34, em comparação aos resultados de Cruz (2004) e Azevedo (2013).....111
Quadro 38: Análise da Questão 36, de acordo com a *ordem das respostas*.....113

Quadro 39: Análise da Questão 39, de acordo com a *ordem das respostas*.....117
Quadro 40: Resultados da Questão39, de acordo com o *sexo*.....118
Quadro 41: Resultados da Questão 39, de acordo com a *faixa etária*.....118
Quadro 42: Resultados da Questão 39, de acordo com a *escolaridade*.....119
Quadro 43: Resultados da Questão 55, de acordo com a *ordem das respostas*.....121
Quadro 44: Análise comparativa da Questão 55, em comparação aos resultados de Maia (2018) e Viana (2019).....121
Quadro 45: Análise comparativa da Questão 56, em comparação aos resultados de Cruz (2004), Maia (2018) e Viana (2019).....123
Quadro 46: Análise da Questão 60, de acordo com a *ordem das respostas*.....125
Quadro 47: Análise comparativa da Questão 64, em comparação aos resultados de Cruz (2004), Maia (2018) e Viana (2019).....128
Quadro 48: Análise comparativa da Questão 65, em comparação aos resultados de Cruz (2004) e Maia (2018).....130
Quadro 49: Análise comparativa da Questão 68, em comparação aos resultados de Maia (2018).....132
Quadro 50: Análise comparativa da Questão 75, em comparação aos resultados de Cruz (2004), Maia (2018) e Viana (2019).....134
Quadro 51: Análise comparativa da Questão 78, em comparação aos resultados de Maia (2018) e Viana (2019).....137

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (FIGURAS)

Figura 1: Divisão dialetal do Brasil, segundo Nascentes (1953).....20
Figura 2: Carta Semântico-lexical 49 – Pé-de-moleque – Cruz (2004).....41
Figura 3: Carta Semântico-lexical 74 – Prostituta - Cruz (2004).....41
Figura 4: Carta Semântico-lexical 66 – Guereré – Azevedo (2013).....43
Figura 5: Carta Semântico-lexical 146a – Prostituta – Maia (2018).....44
Figura 6: Carta Semântico-lexical 88 – Chifrudo – Viana (2019).....46
Figura 7: Carta Semântico-lexical 91 – Gay – Viana (2019).....47
Figura 8: Divisão política do Amazonas por microrregiões.....55
Figura 9: A tríplice fronteira.....56
Figura 10: Mapa de Benjamin Constant (AM).....57
Figura 11: Vista aérea da Igreja Católica de Benjamin Constant (AM).....58
Figura 12: Festival Folclórico de Benjamin Constant (AM), 2013.....60
Figura 13: Mapa de Tabatinga (AM).....61
Figura 14: Igreja Católica Matriz de Tabatinga (AM).....62
Figura 15: Banner oficial do Festisol, 2019.....63
Figura 16: A brasileira Juliana de Oliveira recebendo a coroa de Senhorita Confraternidad, 2021.....65
Figura 17: Carta lexical 145a – Corno– distribuição por *sexo* – Maia (2018).....73
Figura 18: Carta lexical 155a – Danado – distribuição por *idade* – Maia (2018).....74
Figura 19: Carta lexical L070a – Pé-de-moleque – distribuição por escolaridade – Maia (2018).....75
Figura 20: Bombom.....82
Figura 21: Pé-de-moleque.....85
Figura 22: Dindim.....93
Figura 23: Empanado ou chicharón.....104
Figura 24: Placa de restaurante peruano em Benjamin Constant.....109
Figura 25 - Placa de restaurante colombiano em Tabatinga.....109
Figura 26: Pamonha.....113
Figura 27: Tamales ou fane.....116
Figura 28: Chopp sujo ou michelada.....117

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 14
CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 17
1.1 A DIALETOLOGIA: ORIGEM 17
1.2 DIALETO E ISOGLOSSAS 18
1.1.2 A Dialetologia no Brasil: as fases *21*
1.2 A SOCIOLINGUÍSTICA: HOMOGENEIDADE X HETEROGENEIDADE 28
1.2.1 A Sociolinguística *30*
1.2.2 Variação, variante, variável e comunidade de fala *35*
1.3 FENÔMENO EM ESTUDO: VARIAÇÃO LEXICAL E EMPRÉSTIMO LEXICAL 37
1.3.1 Variação lexical *37*
1.3.2 A variação semântico-lexical no Amazonas *38*
1.3.3 Algumas considerações sobre Empréstimo lexical *47*
1.4 SÍNTESE 50
CAPÍTULO 2 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA 51
2.1 A PESQUISA DE CAMPO 51
2.1.1 Perfil dos Informantes *51*
2.1.2 As entrevistas e os questionários linguísticos *53*
2.1.3 O tratamento do áudio, a transcrição e o suporte quantitativo (elaboração de cartas) *53*
2.1.4 Perfil sócio-histórico das cidades pertencentes à região de tríplice fronteira Brasil/Colômbia/Peru *54*
2.1.4.1 Benjamin Constant *56*
2.1.4.2 Tabatinga *60*
2.2 A VARIÁVEL DEPENDENTE E AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES 65
2.2.1 Grupos de fatores extralinguísticos *70*
2.2.1.1 Variação diatópica (localidade) 70
2.2.1.2 Variação diagenérica (sexo) 71
2.2.1.3 Variação diageracional (faixa etária) 72
2.2.1.4 Escolaridade 74
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS 76
3.1 CAFÉ DA MANHÃ 78
3.2 BOMBOM 81
3.3 PÉ-DE-MOLEQUE 84
3.4 PIRÃO 88
3.5 DINDIM 92
3.6 GUERERÉ 97
3.7 CALDO 100
3.8 EMPANADO 103
3.9 ISCA 105
3.10 CHIBÉ 109
3.11 PAMONHA 112
3.12 CHOPP SUJO 115
3.13 CORNO 119
3.14 PROSTITUTA 122
3.15 GRÁVIDA 124
3.16 MENINO 126
3.17 MENINA 128
3.18 NEGRO 131
3.19 BÊBADO 132
3.20 HOMOSSEXUAL 135
3.21 SÍNTESE 137
ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 145

ANEXO 2 – FICHA DO INFORMANTE 148
ANEXO 3- TRANSCRIÇÃO DOS DADOS 150

INTRODUÇÃO

Como sabemos, toda língua natural é um sistema heterogêneo, isso quer dizer que, toda e qualquer língua apresenta variação e mudança (WLH, 2006 [1968]). Vários estudos, especialmente nas áreas da Dialetologia e da Sociolinguística têm mostrado que a variação linguística acontece em todos os níveis de análise linguística e tal processo não é aleatório ou caótico, mas organizado, regido por condicionadores tanto de dentro do próprio sistema linguístico, quanto de dentro da estrutura extralinguística (social, geográfico e estilístico).

Com isso, podemos afirmar que nossa língua, no caso o Português Brasileiro (PB), conforme Coelho *et al.* (2018), apresenta variação em todos os seus níveis (lexical, fonético-fonológico, morfológico, sintático e discursivo), e, tal variação pode ser regulada por condicionadores linguísticos como classe morfológica, posição sintática, saliência fônica, ordem dos constituintes (ou posição) na sentença e outros. Além desses condicionadores linguísticos, existe a influência dos extralinguísticos, tais como: o geográfico (existem diferenças no modo de falar entre a região Norte e Sul, por exemplo); social (existe diferença na fala de uma pessoa adulta e uma jovem, de uma pessoa escolarizada para uma pessoa não-escolarizada e na fala de um homem para a fala de uma mulher); estilística (um mesmo falante da língua pode se comportar linguisticamente diferente dependendo do contexto comunicativo); além disso, há a variação ocasionada pela diferença entre as modalidades falada e escrita da língua.

Dessa forma, fatores como a influência que uma língua recebeu do falar de outras regiões de um mesmo país, assim como o contato estabelecido com outras línguas podem influenciar na variabilidade de uma língua. Por exemplo, o PB, o qual falamos hoje, recebeu influências lexicais de outras línguas e esse processo ainda continua. Segundo Rodrigues (1993), no Brasil, existem cerca de 180 línguas indígenas. Além dessas línguas, temos as línguas dos imigrantes de outros países que vivem aqui. Assim sendo, temos um intenso processo de contato entre essas línguas. Esse contato linguístico gera as interferências linguísticas em todos os níveis de uma língua e em seu estado mais elevado resulta no empréstimo lexical (CALVET, 2002 [1993]).

Além do contato do PB com as línguas indígenas, como já mencionado, há também um grande contato com diversas variedades do Espanhol, pois, segundo Souza (2015), dos 10 países com os quais o Brasil faz fronteira, 7 têm a Língua Espanhola como língua oficial. Além disso, a intensidade de contato linguístico aumenta ainda mais nas áreas de tríplice

fronteira, pois são três países ligados geograficamente estabelecendo diversas relações. De acordo com Souza (2015), nosso país apresenta 11 localidades de tríplice fronteira e 2 dessas localizam-se nos municípios de Benjamin Constant e Tabatinga com os municípios de Santa Rosa e Islândia, no Peru, e a cidade de Letícia, na Colômbia.

Sendo assim, considerando toda essa diversidade linguística do PB, esta pesquisa teve como objetivo geral investigar a variação semântico-lexical (Alimentação e Relações Sociais) do português falado nos municípios de Benjamin Constant e Tabatinga, na região fronteira Brasil/Colômbia/Peru. Para isso, contou com três objetivos específicos: comparar a variação semântico-lexical do português falado nos dois municípios com a variação semântico-lexical do português falado em outras regiões do estado do Amazonas; analisar a variação semântico-lexical de acordo com a estratificação social dos informantes, tendo como controle as variáveis independentes *localidade*, *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade* e averiguar a ocorrência de empréstimos lexicais no português falado nas duas localidades, decorrentes do contato com variedades do espanhol colombiano e peruano e algumas línguas indígenas.

Com base nos objetivos propostos, formulamos as seguintes perguntas de pesquisa: existem semelhanças ou diferenças da variação semântico-lexical do português falado nos municípios de Benjamin Constant e Tabatinga com o português falado em outras regiões do Estado do Amazonas? A variação semântico-lexical é condicionada por variáveis extralinguísticas? O contato estabelecido entre o português falado nos municípios de Benjamin Constant e Tabatinga com outras línguas favorece as ocorrências de empréstimos lexicais?

Para as perguntas levantadas, elaboramos as seguintes hipóteses: espera-se encontrar semelhanças e diferenças da variação semântico-lexical do português falado nos municípios de Benjamin Constant e Tabatinga com o português falado em outras cidades do Estado do Amazonas, assim como já mostraram as pesquisas de Corrêa (1980), Cruz (2004), Azevedo (2013), Maia (2018), Viana (2019), dentre outros; acredita-se que algumas variantes semântico-lexicais estão diretamente relacionadas à estratificação social (*sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*) dos informantes, assim como à *localidade,* o que, mais uma vez, reforça o que já concluíram Cruz (2002), Azevedo (2012), Maia (2018) e Viana (2019) e espera-se identificar as ocorrências de empréstimos lexicais na fala dos benjamin-constantenses e tabatinguenses em decorrência do contato linguístico da Língua Portuguesa com variedades da Língua Espanhola, bem como com algumas línguas indígenas.

Para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa, fundamentamo-nos no tripé básico do método geolinguístico da pesquisa de cunho dialetal: a definição da rede de pontos (*localidade*), a seleção dos informantes e os instrumentos de recolha de dados, além disso, aderimos, na seleção dos informantes, aos pressupostos da pesquisa sociolinguística ao fazermos o controle das variáveis sociais *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*. Como rede de pontos, definimos os municípios de Benjamin Constant e Tabatinga, pertencentes à microrregião do Alto Solimões, no estado do Amazonas e localizados na região de tríplice fronteira Brasil/Colômbia/Peru.

Quanto aos informantes, foram selecionados 24 informantes, distribuídos nas variáveis *localidade* (duas localidades: Benjamin Constant e Tabatinga), *sexo* (homem/mulher), *faixa etária* (duas faixas etárias: de 20 a 35 anos e 45 a 65 anos) e grau de escolaridade (três níveis: Ensino fundamental I - 4 a 7 anos de escolarização; Ensino Médio - 10 a 13 anos de escolarização; e Ensino Superior- mais de 13 anos de escolarização). A coleta de dados foi feita mediante a aplicação dos questionários semântico-lexicais, divididos em três subáreas semânticas: alimentação e cozinha, relações sociais I - ciclos de vida e relações sociais II - convívio e comportamento social; ainda, foi realizado o registro de elocução livre, após a aplicação do questionário.

Para compreendermos melhor esta pesquisa, esta dissertação está estruturada em três capítulos: no primeiro capítulo, apresentamos a fundamentação teórica desta pesquisa. Inicialmente, fizemos uma breve consideração acerca da origem dos estudos dialetais e discorremos sobre a Dialetologia Brasileira; em seguida, enfatizamos as causas para o surgimento da Sociolinguística; logo depois, delimitamos o fenômeno aqui investigado através de uma breve revisão de algumas pesquisas já realizadas no Amazonas: Corrêa (1980), Cruz (2002), Azevedo (2012), Maia (2018) e Viana (2019), entre outros.

No segundo capítulo, elucidamos os procedimentos metodológicos desta pesquisa: a rede de pontos, ou seja, as cidades nas quais foi realizada a aplicação dos questionários linguísticos; a seleção, quantificação e estratificação social dos informantes; o caráter das entrevistas e dos questionários linguísticos, o tratamento, a transcrição dos dados, o suporte quantitativo (elaboração de cartas linguísticas), assim como fazemos uma descrição sócio-histórica das localidades investigadas e a descrição de algumas variáveis e variantes.

No terceiro capítulo, apresentamos 20 (vinte) cartas linguísticas, apresentando as variantes registradas nas duas localidades, bem como os seus respectivos percentuais de ocorrências.

CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, apresentamos a fundamentação teórica desta pesquisa. Inicialmente, fizemos uma breve consideração acerca da origem dos estudos dialetais e discorremos sobre a Dialetologia Brasileira; em seguida, enfatizamos as causas para o surgimento da Sociolinguística; logo depois, delimitamos o fenômeno aqui investigado através de uma breve revisão de algumas pesquisas já realizadas no Amazonas: Corrêa (1980), Cruz (2002), Azevedo (2012), Maia (2018) e Viana (2019).

1.1 A DIALETOLOGIA: ORIGEM

De acordo com Cardoso (2010), a Dialetologia começa seus estudos no final do século XIX e começo do século XX, com estudos voltados para a descrição dos diferentes dialetos da língua francesa, o que resultou no *Atlas linguistique de la France,* trabalho de Jules Gilliéron e Edmond Edmont (1902, 1910).

Nos seus estudos iniciais, a Dialetologia focava na descrição geográfica. Atualmente, adere aos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, levando, assim, também em consideração aspectos diastráticos e diafásicos, conforme elucida Cardoso (2016, p.13):

> Inicialmente voltada para a análise das diferenças geográficas, numa visão eminentemente monodimensional, vem assumir uma perspectiva pluridimensional na abordagem dos fatos, incorporando ao confronto da variação diatópica a correlação entre fatores sociais e os diferentes usos registrados.

Sabe-se que para identificar e descrever as peculiaridades de um dialeto, deve-se também considerar critérios sociais como *sexo, idade, escolaridade* de seus falantes, dentre outros aspectos, não mais considerar apenas um falante com idade avançada, morador da zona rural, sedentário ao seu local de nascimento, não escolarizado, por exemplo, como se fazia nos primeiros estudos dialetológicos (CARDOSO, 2016). Portanto, numa pesquisa variacionista, é importante levar em consideração falantes de idades diferentes, moradores de várias localidades, inclusive dos grandes centros urbanos e capitais de estados, aqueles que se deslocam de um lugar para o outro, falantes com grau de escolaridade diferente, dentre outros. Segundo Cardoso (2016, p. 13), “são, assim, duas diretrizes, dois caminhos, no exame do fenômeno linguístico, que se identificam nos estudos dialetais: a perspectiva diatópica e o

enfoque sociolinguístico". Nesse sentido, a Dialetologia deixou de ser Monodimensional e passou a ser Pluridimensional.

Segundo Cardoso (2016), na América do Sul, dois dos recentes atlas têm assumido essa postura pluridimensional: o *Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático de Uruguay* (ADDU) (THUN e ELIZAINCIN, 2000) e *o Atlas Linguístico do Brasil*-ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014).

Atualmente, a Dialetologia, conforme Cardoso (2016), firmou-se como mais uma das subáreas da Linguística. Esse ramo ocupa-se pela identificação e descrição de falares específicos, levando em consideração a distribuição geográfica, os aspectos socioculturais e o tempo.

1.2 DIALETO E ISOGLOSSAS

Para muitos autores, as diferenças na língua ocasionadas por fatores geográficos, socioculturais e de tempo constituem os mais diversos dialetos. No entanto, o conceito de dialeto é bastante questionado, uma vez que nem todos os estudiosos da área o definem de uma única maneira. A seguir, discutiremos sobre dois conceitos fundamentais deste estudo: língua e dialeto.

Para Elia (1989), o conceito de língua é utilizado de uma maneira mais genérica, ou seja, refere-se ao falar de uma comunidade maior, estruturalmente diferenciada (por exemplo, língua portuguesa, língua francesa etc.). Para esse autor, a língua é portadora de estimável tradição cultural e reconhecida oficialmente por um Estado.

Por outro lado, segundo Elia (1989), dialeto é o falar característico de parte de uma comunidade maior, com cujo falar mantém afinidades estruturais. Geralmente, é relacionado à modalidade falada de uma língua e não reconhecido por um Estado como forma de comunicação em suas realizações internas e externas.

Diante disso, podemos afirmar que o conceito de língua está relacionado à ideia de abstração e generalização, já o conceito de dialeto, relaciona-se a ideia de diversidade nos usos de uma língua nas diversas situações de comunicação.

Segundo Ferreira e Cardoso (1994, p.11 *apud* CARDOSO 2016, p.15), falar de língua portuguesa ou de qualquer outra língua é "operar uma abstração e uma generalização consideráveis uma vez que sobre denominação de língua há uma gama de variações, consequência direta da diversidade dos seus usuários".

Sabemos que, nenhuma língua é uniforme, homogênea, toda língua apresenta variação como resultado dos diversos usos que os seus falantes fazem dela. Além disso, como já falamos, a variabilidade linguística está correlacionada a diversos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos (diatópico, diastrático, tempo e estilístico). De acordo com Cardoso (2016), "essa diversidade de usos concretizada, harmonicamente, em grupos de falantes, configura os diferentes dialetos de que se reveste uma determinada língua".

O conceito de dialeto é sinônimo de variedade e falar, e, portanto, os dialetos se configuram nos diversos usos da língua por diversos grupos de falantes, por exemplo, o falar amazonense, o falar carioca, o falar dos jovens etc. Conforme ressalta Cardoso (2016, p. 16),

> Os dialetos se distribuem geograficamente, assinalando as diferenças espaciais que podem ser detectadas, construindo, assim, a diatopia da língua. O dialeto gaúcho, o dialeto sergipano, o dialeto amazonense são, entre outras, maneiras de identificar os traços que marcam o uso da língua portuguesa, em cada uma dessas áreas.

De acordo com Câmara Jr. (1986), do ponto de vista puramente linguístico, os dialetos são falares regionais, ou seja, variedades linguísticas diatópicas que apresentam entre si semelhanças de traços linguísticos fundamentais. No entanto, os dialetos não se formam somente pelo fator diatópico, mas também por fatores de cunho diastráticos, por exemplo, *sexo*: dialeto dos homens e dialeto das mulheres; *faixa etária*: dialeto dos jovens e dialeto dos idosos; *escolaridade*: dialeto dos mais escolarizados e dialeto dos menos escolarizados; *profissão*: dialetos dos professores, dos advogados, dos médicos, dos pescadores da comunidade de Nova Paulina (zona rural do município de Benjamim Constant), dentre outros fatores.

Necessário se faz falar de outro conceito que está diretamente relacionado ao conceito de dialeto, isoglossas. Segundo Nascentes (*apud* CÂMARA Jr., 1986), no Brasil, temos uma divisão dialetal entre Norte e Sul, incluindo a primeira os subdialetos amazônico e nordestino; e a segunda, baiano, fluminense, mineiro e sulista, conforme podemos verificar na Figura 1, a seguir:

Figura 1: Divisão dialetal do Brasil, segundo Nascentes (1953)

Fonte: disponível em: https://alib.ufba.br/divisao-dialetal - acesso em: 09/07/2021 às 23h44m

De acordo com Cardoso (2016), as isoglossas definem limites. Para a autora, dialeto pode ser considerado como um feixe de isoglossas, dito de outra forma, um conjunto de linhas imaginárias que unem pontos comuns, ou que separam áreas distintas. São responsáveis por mostrar uma relativa homogeneidade linguística de uma comunidade em comparação à outra comunidade.

Segundo Dubois *et al.* (2004, p. 354), isoglossa é

> a linha ideal que separa duas áreas dialetais que oferecem para um traço dado formas ou sistemas diferentes. A isoglossa (ou linha de isoglossa) é representada num mapa linguístico por uma linha que separa os pontos em que se encontra um traço dado daqueles em que este não se encontra. [...]. Um conjunto de isoglossas superpostas ou próximas é chamado de feixe de isoglossas e marca limites ou fronteiras linguísticas.

Nesse sentido, isoglossa pode ser considerada como uma fronteira geográfica de determinado falar, ou seja, determinada característica linguística, por exemplo, a pronúncia de segmento vocálico da palavra, o uso de determinado léxico, o uso de determinada construção sintática, entre outros.

Disso isso, no próximo tópico, discorremos sobre as fases da Dialetologia no Brasil.

1.1.2 A Dialetologia no Brasil: as fases

No Brasil, conforme Cardoso (2010), os estudos da Dialetologia, além de vários estudos realizados ainda nos anos de 1980 que objetivavam construir diversos dicionários sobre o léxico do PB, firmaram-se com a publicação de duas obras: O Dialeto Caipira (1920), de Amadeu Amaral, e O Linguajar Carioca (1922), de Antenor Nascentes.

De acordo com Cardoso (2010), costuma-se considerar o trabalho comparativo entre o Português do Brasil e o Português de Portugal, feito por Domingos Borges de Barros, visconde de Pedra Branca, a pedido do geógrafo vêneto Adrien Balbi, como o primeiro trabalho de natureza dialetal realizado no Brasil, no ano de 1826. Toda a periodização da Dialetologia no Brasil feita por vários autores vai considerar esta data como o marco inicial da Dialetologia brasileira.

A primeira divisão foi feita por Antenor Nascentes, no ano de 1952. Segundo esse pesquisador,

> Pode-se dividir a história dos estudos dialetológicos no Brasil em duas fases: a primeira, de 1826, ano no qual o brasileiro Domingos Borges de Barros publicou um estudo no livro de Adrien Balbi, até 1920, ano da publicação do livro O dialeto caipira de Amadeu Amaral; a segunda, de 1920 aos nossos dias (NASCENTES, 1952, p. 181).

Essa divisão vem ganhando ao longo do tempo novas reformulações, a primeira delas é a proposta de Ferreira e Cardoso (1994), na qual acrescentam mais uma fase. Assim como considerou Nascentes (1952), as autoras também consideram como primeira fase dos estudos dialetais no Brasil, o estudo de Domingos Borges de Barros, no ano de 1826 e estende-se a 1920, ano no qual Amadeu Amaral publicou sua obra intitulada O dialeto Caipira. Além dessa obra, outros trabalhos foram incluídos nesse período, tendo como principal objetivo uma abordagem lexical da língua Portuguesa Brasileira.

A segunda fase da dialetologia no Brasil, segundo Cardoso (2010), tem início com a publicação da obra O dialeto Caipira de Amadeu Amaral e vai até 1952, momento em que a geolinguística começou a ganhar um tratamento mais sistemático em diversos estudos realizados. Os trabalhos produzidos nesse período, em sua grande maioria de cunho monográfico, vão além de uma descrição lexical: começaram a descrever outros níveis da língua, tais como o fonético-fonológico e o morfossintático. Destacam-se, nessa fase, três significativos estudos dialetológicos, além do já citado O dialeto Caipira, de Amadeu Amaral

(1920), O linguajar Carioca de Antenor Nascentes (1922) e A língua do Nordeste de Mário Marroquim.

Em O dialeto Caipira, segundo Cardoso (2010), Amadeu Amaral fez um estudo sério e sistemático da realidade linguística do Estado de São Paulo, mais especificamente da área na qual consideravam que existia uma predominância do falar caipira. Amaral estava preocupado com uma verdadeira descrição da realidade linguística brasileira, uma vez que, até aquele momento, pouco ou nada se tinha publicado sobre isso. Assim também fez Antenor Nascentes, dois anos depois, em 1922, em O linguajar Carioca. Além da importante contribuição que traz ao conhecimento do falar carioca, ao descrever aspectos do léxico, da fonética, da morfologia e da sintaxe, o referido autor propõe uma subdivisão dos falares brasileiros após ter percorrido todo o território nacional. Preocupação parecida é encontrada em A língua do Nordeste de Mário Marroquim, publicada em 1934. Nela o autor faz uma descrição da realidade linguística de dois estados, Alagoas e Pernambuco. Ainda sobre a necessidade de um estudo sistemático sobre o dialeto brasileiro, Marroquim (1996, p. 9) manifesta-se da seguinte forma no primeiro capítulo de sua obra:

> Não está ainda feito o estudo do dialeto brasileiro. A enorme extensão geográfica em que o português é falado no Brasil dá a cada região peculiaridade e modismos desconhecidos nas outras, e exige, antes da obra integral, que se fixe e defina nossa diferenciação dialetal, trabalhos parcelados, feitos com critério e honestidade, sobre cada zona do país.

Aos três trabalhos citados acima, reúnem-se outras obras que foram realizadas nessa fase, as quais tiveram como objetivo uma descrição das características do dialeto brasileiro. Tal objetivo perpassou até 1953, quando segundo Cardoso (2010), iniciou-se a terceira fase da dialetologia brasileira proposta de Ferreira e Cardoso (1994), ano em que o governo brasileiro, representado por Getúlio Vargas, estabeleceu por meio do decreto 30.643, de 20 de março de 1952, a criação do Centro de Pesquisa Casa de Rui Barbosa e definiu o principal objetivo da Comissão de Filologia, a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, conforme exposto a seguir:

> 3º A Comissão de Filologia promoverá pesquisas em todo o vasto campo de filologia portuguesa - fonológicas, morfológicas, sintáticas, léxicas, etimológicas, métricas, onomatológicas, dialetológicas, bibliográficas, históricas, literárias, problemas de texto, de fontes, de autoria, de influências, sendo sua finalidade principal a elaboração do "Atlas Linguístico do Brasil" (BRASIL, 1953, p.1).

Não bastou somente um decreto vindo do Governo Federal para que tal finalidade fosse alcançada. Diversos fatores, por sua vez, acabaram impossibilitando a concretização desse Atlas Linguístico do Brasil, a começar pela grande extensão territorial do Brasil, pela dificuldade de acesso as mais longínquas localidades, pela falta de pessoas qualificadas para o trabalho de campo, ou seja, a carência de inquiridores preparados, pela falta de uma metodologia clara e definida para os desafios de um trabalho sistemático.

Ainda sobre as dificuldades para a elaboração de um Atlas Linguístico do Brasil, importante se faz citar a própria falta de recursos do Governo Federal, uma vez que, um trabalho de tamanha dimensão gastaria um valor financeiro altíssimo com toda a logística para o trabalho em campo, bem como a aquisição de materiais para a coleta de dados, como gravadores e outros. A inexequibilidade da produção de um Atlas Nacional começou a se desfazer graças às contribuições significativas de quatro grandes dialetólogos brasileiros, Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi.

Antenor Nascentes publica em dois volumes, o primeiro, em 1958, e o segundo, em 1961, as Bases para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. Esses trabalhos visaram orientar os pesquisadores no trabalho de campo. Serafim da Silva Neto, outro contribuidor desse novo momento dos estudos dialetológicos, publicou em 1957, o seu Guia para os estudos dialetológicos, enfatizando a necessidade e urgência de estudos dialetológicos sistemáticos para a descrição dialetal brasileira. Segundo Cardoso (2010, p. 140), Silva Neto,

> Nesse sentido, sugeriu que as faculdades de filosofia – leia-se hoje institutos/faculdades de letras – realizassem, a cada ano, um curso de dialetologia brasileira e procurou definir com muita clareza as tarefas que considerava urgentes para a concretização dos estudos dialetais no Brasil.

Outras vozes que ecoavam evidenciando a necessidade de elaboração de um Atlas Linguístico a nível nacional, foram de Celso Cunha e Nelson Rossi. Entretanto, esses pesquisadores reconheciam a impraticabilidade de sua execução naquele momento, e sugeriam, então, a produção de atlas regionais. No entanto, foi Nelson Rossi, em coautoria com Dinah Isensee e Carlota Ferreira que, em 1963, ao publicar o Atlas Prévio dos Falares Baianos, deu o primeiro salto significativo no campo da geolinguística brasileira ao publicar o primeiro atlas linguístico produzido no Brasil e por marcar o início da aplicação do método geolinguístico com rigor científico. Segundo Cardoso (2010, p. 141), “inicia Rossi a sua empreitada dialetológica na Bahia, tornando-se pioneiro na aplicação da geografia linguística

no Brasil e colocando-se entre os que, com maior rigor científico e precisão metodológica, se empenharam na implantação dos estudos dialetais".

Ampliando a divisão tripartida feita por Ferreira e Cardoso (1994), de acordo com Cardoso (2010), Mota e Cardoso (2006) propõem o acréscimo de uma nova fase, a quarta fase dos estudos dialetais no Brasil, a qual teria início em 1996, ano da implantação do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Essa nova fase seria marcada também pela adesão aos pressupostos metodológicos da Sociolinguística pela Geolinguística que, até então, costumava ser chamada de tradicional, visto que, até aquele momento, focava exclusivamente na descrição dos fenômenos linguísticos numa perspectiva diatópica, sem levar em consideração a perspectiva diastrática e outras.

Cuba (2015), por sua vez, propõe o acréscimo de mais uma fase da dialetologia no Brasil ao considerar os trabalhos realizados após a proposta de Mota e Cardoso (2006), seria a quinta fase. Esse período seria marcado pelo significativo aumento da produção de atlas linguísticos pluridimensionais e relacionais que levam em conta, na dimensão diatópica, os parâmetros topoestáticos e o topodinâmicos.

Romano (2013), por sua vez, ao considerar apenas os estudos geolinguísticos, divide a Dialetologia brasileira em somente duas fases. Para o autor, a primeira fase dos estudos geolinguísticos tem início como a publicação do primeiro atlas a investigar a realidade linguística de um estado, o Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (ROSSI *et al.*, 1963) e vai até o ano de 1996, momento no qual a equipe do projeto ALiB deu início a suas atividades, visando descrever a realidade linguística do Brasil. De acordo com Romano (2013, p. 207), os atlas que pertencem a essa fase são:

> [...] ora priorizando a diatopia: Atlas Prévio dos Falares Baianos (ROSSI *et A.l*, 1963), Esboço de um Atlas linguístico de Minas Gerais (RIBEIRO *et al.* 1977), Atlas Linguístico da Paraíba (ARAGÃO; BEZERRA DE MENEZES, 1984), Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (ALTENHOFEN; KLASSMAN, 2011), ora incluindo outras dimensões da variação, como a diagenérica - Atlas Linguístico de Sergipe (FERREIRA *et al.*, 1987) e o Atlas Linguístico do Paraná (AGUILERA, 1994).

Segundo Romano (2013), esses foram os primeiros trabalhos geolinguísticos brasileiros a trabalhar com uma mentalidade metodológica, já recomendada por Silva Neto em 1957. Inicialmente, priorizavam a variação diatópica, e, mais tarde, a diagenérica, ou seja, começaram a se preocupar com o controle do *sexo* dos informantes. De acordo com o referido autor, "alguns desses atlas foram divulgados e publicados após 1996, porém pertencem ao primeiro momento devido às suas particularidades metodológicas" (ROMANO, 2013, p. 207).

Ainda, segundo Romano (2003), a segunda fase dos estudos geolinguísticos brasileiros começa em 1996 e se estende até os dias atuais. As pesquisas realizadas nesse período são influenciadas diretamente pelos pressupostos metodológicos desenvolvidos pela equipe do projeto ALiB. Nesse momento, presenciamos a mudança da visão monodimensional para uma visão pluridimensional. Conforme Romano (2013, p. 207), "é nesse segundo momento que há um incremento prodigioso da elaboração de atlas linguísticos de pequeno domínio, a partir de projetos incentivados pelos diretores científicos do ALiB".

Ao Atlas Prévio dos falares Baianos – (APFB), pioneiro no Brasil, segundo o site do ALiB[1], somam-se vários atlas publicados até o momento: Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG), Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB), Atlas Linguístico de Sergipe (ALS), Atlas Linguístico do Paraná (ALPR), Atlas Linguístico de Sergipe II (ALS II), Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALISPA), Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC, Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS), Atlas Linguístico de Mato Grosso do SUL (ALMS), Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar (ALiPTG), Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso (ALMESEMT), Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco (ALMASPE), Atlas Semântico-Lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba - municípios do Litoral Norte de São Paulo, Atlas Linguístico do Estado do Ceará (ALECE), Atlas Geossociolinguístico de Londrina (AGeLO), Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE) e Atlas Linguístico Pluridimensional do Português Paulista. E o tão sonhado Atlas Linguístico do Brasil, desejo que durou mais de 60 anos desde o decreto de Getúlio Vargas, começou a ser publicado em 2014, apresentando um retrato da realidade linguística das capitais dos estados brasileiros, espera-se que futuramente haja a publicação de outros volumes do atlas, apresentando a realidade linguística de outras localidades do nosso país.

Somam-se a todos esses atlas publicados uma infinidade de pesquisas de cunho monográfico como artigos científicos, trabalho de conclusão de curso, dissertações e teses, os quais têm adotado os pressupostos metodológicos da Dialetologia. Trabalhos esses realizados pelas diferentes universidades espalhadas por diversos lugares deste país. Como resultado de tudo isso, dispomos de uma descrição considerável das características dos falares brasileiros, mostrando fenômenos de variações linguísticas em todos os níveis da nossa língua: semântico-lexical, fonético-fonológico, morfossintático, pragmático e prosódico.

[1] https://alib.ufba.br/atlas-regionais – consultado no dia 07/03/2021.

No Amazonas, especificamente, existe um grande número de pesquisas já realizadas, as quais investigaram vários níveis linguísticos, sob a ótica da Dialetologia e da Sociolinguística. O Quadro 1, a seguir foi produzido com base nas informações fornecidas na página do Grupo de Estudos Linguísticos do Amazonas – (GELAM).[2]

Quadro 1: Estudos dialetológicos e sociolinguísticos realizados no Amazonas

Nível de análise: Fonético-Fonológico			
Título	**Natureza da pesquisa**	**Pesquisador**	**Ano**
O falar do caboco amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves	Dissertação	Hydelvídia Cavalcante de Oliveira Corrêa	1980
Análise Fonético-fonológica das vogais médias pré-tônicas na fala de Manaus.	Dissertação	Rita de Cássia Botinelly Cunha e Silva	1980
A realização das variantes palatais /ʎ/ e /ɲ/ nos municípios de Itapiranga e Silves (Parte do Médio Amazonas)	Dissertação	Francinery Gonçalves Lima Torres	2009
Estudo Dialetológico e Sociolinguístico do Falar de Itacoatiara: as vogais médias pretônicas	Monografia	Edson Galvão Maia	2009
O alçamento das vogais posteriores em sílaba tônica: um estudo do português falado em Borba no Amazonas	Tese	Maria Sandra Campos	2009
Comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pré-tônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves. Vol. I, II e III	Dissertação	Lúcia Helena Ferreira da Silva	2009
Aspectos dialetais do português da região norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM).	Tese	Orlando da Silva Azevedo	2012
A realização fonética do /S/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá	Dissertação	Edson Galvão Maia	2012
Comportamento Fonético-Fonológico do /S/ pós-vocálico em Manaus.	Artigo	Flávia Santos Martins e Felício Wessling Margotti	2012
Tabus linguísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos.	Dissertação	Vanessa Cristina Martins Benke	2012
Descrição da nasalidade no município de Barreirinha, comunidade do Andirá, no Amazonas.	Dissertação	Tatiana Belmonte dos Santos	2013
Entoação das frases declarativas e interrogativas totais no português falado em Maués, no Amazonas.	Dissertação	Suzana Pinto do Espírito Santo	2014
A realização da fricativa glotal na fala manauara	Dissertação	Shanay Freire Berçot-Rodrigues	2014
A ditongação em sílabas fechadas por /S/ nas trilhas das capitais brasileiras.	Dissertação	Amanda dos Reis Silva	2014
Ditongação e monotongação nas capitais brasileiras.	Artigo	Maria do Socorro Silva de Aragão	2014
Interferência na fala na escrita de alunos do ensino médio: Descrição e análise de usos de Monotongação e de Apagamento do [R] final.	Dissertação	Maria do Perpétuo Socorro Conceição da Silva	2017
A palatalização das alveolares e velares no contexto de /I/ na fala manauara.	Dissertação	Camilla dos Santos Evangelista	2018
A nasalização variável de vogais na fala manauara	Dissertação	Joyce Camila Martins	2018
Nível de análise: Morfológico, Morfossintático e Sintático			

[2] https://gelamufam.wordpress.com - consultado no dia 04/03/2021.

A alternância Tu/Você/Senhor no município de Tefé - Estado do Amazonas.	Dissertação	Germano Ferreira Martins	2010
A variação nas formas de tratamento Tu e VMCE/Você em Manaus na segunda metade do século XIX.	Artigo	Aline Ferreira Lima / Lourdes de Fátima Moraes de Souza / Nelson Fontoura de Melo	2010
Uma abordagem sociolinguística da concordância nominal de número no falar dos habitantes do município amazonense de Benjamin Constant	Artigo	Flávia Santos Martins	2010
Variação na concordância nominal de número na fala dos habitantes do Alto Solimões (Amazonas).	Tese	Flávia Santos Martins	2013
Particularidades do uso dos pronomes de segunda pessoa no falar do manauara: um estudo no panorama da variação pronominal do português do Brasil.	Artigo	Silvana Andrade Martins e Valteir Martins	2014
O gerúndio na expressão de tempo futuro na diversidade do português do manauara.	Dissertação	Ana Augusta de Oliveira Silva	2016
A expressão de futuridade na escrita jornalística manauara dos anos 80 aos dias atuais: um estudo sociofuncionalista.	Dissertação	Jussara Maria Oliveira de Araújo	2016
Nível de análise: semântico-lexical			
Variação lexical nas capitais brasileiras	TCC	Eliane Oliveira da Costa	2009
Aspectos dialetais do português da região norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM).	Tese	Orlando da Silva Azevedo	2012
O léxico indígena nas capitais brasileiras: Um estudo geolinguístico.	Dissertação	Daniela de Souza Silva Costa	2012
Um perfil lexical do português falado em comunidades quilombolas em Barreirinha (AM): Um estudo dialetológico Vol.II	Dissertação	Quezia Maria Reis de Oliveira Barbosa	2013
O falar amazônico: Uma análise da proposta de nascentes (1953) a partir de dados do projeto ALiB.	Dissertação	Danyelle Almeida Saraiva Portilho	2013
Um olhar lexical sobre a identidade dos migrantes interioranos do Estado do Amazonas: Um estudo de Geolinguística	Dissertação	Sandra Maria Godinho Gonçalves	2015
O falar do "caboco" paraense: Um estudo sobre o léxico nos municípios de Santarém, Oriximiná e Juruti (Baixo-Amazonas-PA).	Dissertação	Carolina Pinheiro Barros	2017
Denominações para “Diabo” nas capitais brasileiras: Um estudo geossociolinguístico com base no projeto Atlas Linguístico do Brasil.	Tese	Geisa Borges da Costa	2016
Línguas em contato na tríplice fronteira: a influência da língua espanhola no léxico do português falado em Tabatinga – AM.	Dissertação	Dayane Lima Viana	2019
Atlas linguísticos			
Atlas Linguístico do Amazonas - ALAM / Vol.01	Tese	Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso	2004
Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM	Dissertação	Roseanny Melo de Brito	2011
Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro – ALFARiN	Dissertação	Jeiviane dos Santos Justiniano	2012
Atlas Morfossintático da Microrregião do Madeira – AMSIMA	Dissertação	Liliane Sampaio Tavares	2017
Atlas Linguístico do Sul Amazonense - ALSAM (Volumes I, II e III)	Tese	Edson Galvão Maia	2018

Fonte: adaptado da página do GELAM

A seguir, teceremos comentários sobre a Sociolinguística, uma vez que nesta pesquisa utilizaremos alguns pressupostos metodológicos dessa área dos estudos linguísticos.

1.2 A SOCIOLINGUÍSTICA: HOMOGENEIDADE X HETEROGENEIDADE

A Linguística, tal como é conhecida hoje, a ciência que estuda a linguagem verbal humana, começou a assumir um caráter científico graças às concepções e trabalhos elaborados pelo linguista suíço Ferdinand de Saussure no início do século XX. Saussure postulou suas concepções em dicotomias. Começou dividindo a linguagem em duas partes. Para ele, "o fenômeno linguístico apresenta perpetuamente duas faces que se correspondem e das quais uma não vale senão pela outra" (SAUSSURE, 1975, p.15). Essas duas faces correspondem à *langue* (língua), o lado social e convencional/homogêneo da linguagem e a *parole* (fala), o lado individual e heterogêneo da linguagem.

Segundo Labov (2008 [1972], p. 217),

> A orientação básica para a análise estrutural da língua tal como a maioria dos linguistas a empreenderam hoje em dia parte do ponto de vista expresso por Ferdinand de Saussure no início do século XX. Os linguistas frequentemente começam as discussões teóricas se referindo ao conceito saussuriano de langue, que deve ser distinguida da parole "fala", por um lado, de *language* ou "linguagem", por outro.

Consta no livro Curso de Linguística Geral, obra que se convencionou dizer que é de autoria de Saussure, mas que na verdade resultou da união das anotações feitas por dois alunos seus, Charles Bally e Albert Sechehaye, dos três cursos de Linguística Geral que ministrara de 1906 a 1911 na Universidade de Genebra, com a colaboração de outro discípulo, Albert Riedlinger, que naquela época, Saussure elegeu a *langue* (língua) como objeto de estudo da Linguística, excluindo a *parole* (fala), afirmando que por sua natureza heterogênea não era possível uma análise sistemática. Não obstante, reconheceu a necessidade de criação de uma linguística da fala que desse conta da complexidade da língua falada, dito de outra forma, que estudasse as variações linguísticas.

Antes do início do século XX, segundo Lyons (1981), os trabalhos desenvolvidos na área da linguagem voltavam-se a uma abordagem histórica, por meio do método histórico-comparativo. Foi com base nesse contexto que Saussure, ao postular mais uma de suas dicotomias, fez uma divisão entre duas formas de estudar a língua, a sincronia e a diacronia. Em sincronia, a língua deveria ser estudada em um determinado momento da história, uma

análise estática sem levar em conta outros estados da mesma língua em outros períodos. Em diacronia, a língua deveria ser estudada por meio de comparações de um estado da língua em um dado momento com outros estados em momentos diferentes, constituindo-se, portanto, em um estudo histórico-comparativo.

Ao realizar tal divisão, Saussure priorizou o método sincrônico no estudo científico da Linguagem, afirmando que "a langue constitui um sistema de valores puros que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos" (SAUSSURE, 1975, p. 95). Sendo assim, a linguística saussuriana, exclui a diacronia, ou seja, exclui o aspecto histórico e evolutivo da língua e, por consequência disso, deixa de fora dessa nova forma de estudar a língua a mudança linguística.

De acordo com Coelho *et al.* (2018, p. 56),

> No início do século XX, Saussure, marco da linguística denominada estruturalismo, rompe com a tradição dos estudos históricos e comparativos vigente no século anterior e delimita, como objeto de estudo da linguística, a língua (langue) toda em si mesma, vista como um sistema de signos que estabelecem relações entre si formando uma estrutura autônoma, desvinculada de fatores externos sociais e históricos.

De acordo com Kenedy (2011), outra teoria bastante conhecida é a do linguista norte-americano Noam Chomsky, que na metade do século XX, assim como Saussure também dividiu o conceito de linguagem em duas partes, a competência linguística, que corresponde ao conhecimento internalizado que o falante-ouvinte tem a respeito das regras de funcionamento de sua língua, bem como as intuições acerca da gramaticalidade de suas sentenças; e o desempenho, que diz respeito à utilização deste conhecimento no uso efetivo do ato de comunicação. Chomsky voltou seus estudos para a descrição do dispositivo inato inerente à espécie humana que seria responsável por armazenar tal conhecimento (a competência).

Segundo Labov (2008 [1972] p. 218),

> O estudo dessa "língua" abstrata - o conhecimento disponível a qualquer falante nativo – recebeu ímpeto de Chomsky, que fortaleceu a dicotomia saussuriana ao opor a competência, ou conhecimento abstrato das regras da língua, ao desempenho, ou seleção e execução destas regras.

Tendo priorizado o estudo da competência linguística, Chomsky (1980) também elimina da análise linguística o uso que o falante faz desta competência, o desempenho, alegando que por questões externas ao indivíduo, como o cansaço, emoções, rapidez da fala e

questões de ordem pragmática, esse uso poderia acontecer de forma acidental, ou seja, "errado".

Diante dessas afirmações feitas a respeito de Ferdinand de Saussure e Noam Chomsky, pode-se chegar às seguintes conclusões: tanto o Estruturalismo quanto o Gerativismo, não levaram em conta a fala dos indivíduos, com isso, torna-se irrelevante na Linguística Moderna considerar as características sociais (*sexo*, *idade*, *escolaridade*, *nível socioeconômico*) dos falantes; torna-se irrelevante considerar os elementos históricos, dado que, os falantes da língua não precisariam ter conhecimentos referentes à etimologia dos termos e nem das transformações pelas quais os mesmos passaram ao longo do tempo para serem capazes de utilizá-los no momento presente.

Segundo Calvet (2002), tais concepções não ficaram salvas a críticas, dado que, muitos outros estudiosos desde o tempo de Saussure, como Antoine Meillet e, um pouco mais tarde, William Labov vão criticar veementemente essa ideia de uma linguística associal (não empírica), que não se dedicava à complexidade da língua falada por uma comunidade social heterogênea, pois para eles, todos os fenômenos linguísticos eram motivados por forças internas ao próprio sistema; de uma linguística sincrônica que não dava conta das mudanças pelas quais uma língua passa ao longo do tempo. Foi, em vista disso, que na metade do século XX, surgiu a Sociolinguística, ciência que estuda tanto a variação linguística quanto a mudança linguística.

1.2.1 A Sociolinguística

A Sociolinguística, que é uma subárea da Linguística, surge em contraposição principalmente às ideias defendidas pelos linguistas Ferdinand de Saussure e Noam Chomsky, conforme discutido na seção anterior. Como já foi discutido, os referidos autores desconsideraram do estudo da Linguística as variações, as mudanças linguísticas e, consequentemente, o contexto de utilização de uma língua. É nesse cenário que se posicionam, desde a década de 1960, vários linguistas, entre eles, William Labov, questionando e propondo um novo olhar sobre as concepções e estudos das línguas. Atribui-se a este estudioso o legado da efetivação dessa subárea que "[...] estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos" (COELHO *et al.* 2015, p. 12).

Diferentemente das abordagens anteriores, a Sociolinguística não considera a variação e a mudança linguística como algo assistemático. Assim, não considera a concepção

de que a fala seja acidental, uma representação imperfeita da competência de um falante-ouvinte-ideal.

Antes mesmo da efetivação da Sociolinguística como uma ciência autônoma, o linguista Antoine Meillet já questionava algumas ideias defendidas por Saussure. Segundo Calvet (2002), Antoine Meillet foi, inicialmente, considerado como discípulo de Saussure, no entanto, após a publicação póstuma do Curso de Linguística Geral, Meillet se distanciou das ideias lá apresentadas, em uma resenha do livro (Curso de Linguística Geral) questiona veementemente alguns pontos da obra. Um dos pontos questionados foi à separação da variação linguística das condições externas, dito de outra forma, ele já defendia a ideia de que, alguns fenômenos variáveis das línguas só poderiam ser explicados por meio dos fatores extralinguísticos. Em consequência disso, Meillet considerava a língua como um fato social e as explicações para a diversidade linguística de uma língua, só poderiam ser respondidas precisamente no seio da sociedade. Além disso, Meillet também questiona a separação entre sincronia e diacronia.

De acordo com Calvet (2022), assim como Meillet, outros estudiosos também questionavam as ideias saussurianas, objetivando definir um novo rumo para a Linguística. Percebemos tal preocupação na conferência sobre a Sociolinguística realizada de 11 a 13 de maio de 1964, em Los Angeles. Nesse evento, encontraram-se vários estudiosos e apresentaram-se vários estudos sobre Sociolinguística. Após a apresentação dos trabalhos e diversas discussões sobre a temática, William Brigtht, que ficara encarregado pela ata do evento, segundo Calvet (2002 [1993], p.29), sintetiza assim suas conclusões: “uma das maiores tarefas da sociolinguística é mostrar que a variação ou a diversidade não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais sistemáticas”. Então, é exatamente isso que os estudos em Sociolinguística vão tentar provar e um dos maiores contribuidores para isso será William Labov.

Com a Sociolinguística, passa-se a levar em consideração nos estudos linguísticos o que havia sido excluído anteriormente (elementos extralinguísticos). Nessa ciência, os estudos da linguagem começaram a levar em consideração aspectos sociais e históricos. Podemos observar isso, por exemplo, na publicação de William Labov, em 1966, “[...] sobre a estratificação social do /r/ nas grandes lojas de departamento novaiorquinas, texto que soa como um manifesto e no qual pode-se ver uma retomada das ideias de Meillet” (CALVET, 2002 [1993], p. 32).

Nessa pesquisa, segundo Calvet (2002 [1993]), Labov teve como objetivo analisar a estratificação do /r/ nas grandes lojas da cidade de Nova York. O fenômeno variável investigado nesse estudo foi o tratamento do /r/ em posição pós-vocálica (presença ou ausência) em palavras como *car*, *card*, *four*, *fourth*. Quanto ao local de pesquisa, foram selecionadas três grandes lojas da cidade de Nova York, essas lojas mostravam significativas diferenças quando se consideravam suas localizações geográficas, preços de seus produtos, veículos nos quais faziam propaganda de seus produtos, entre outros. Essas lojas foram: Sacks Fifth Avenue (frequentada por clientes de classe média alta), Macy´s (frequentada por clientes classe média baixa) e Klein (frequentada por clientes de classe baixa). Quanto aos perfis dos informantes, foram selecionados vendedores das três lojas. Quanto à metodologia de coleta de dados, consistia em perguntar aos informantes como chegar a determinada prateleira de produto, ou perguntar em qual andar poderia ser encontrado determinado produto.

Como resultados, de acordo com Calvet (2002 [1993]), Labov chegou a seguinte conclusão: quanto mais alto o nível socioeconômico da loja e dos seus clientes, mais se percebeu a presença do /r/, por exemplo, 62% dos informantes da Sacks pronunciaram o /r/; quanto mais baixo o nível socioeconômico da loja e de seus clientes, percebeu-se menos uso do /r/, por exemplo, 51% dos informantes da Macy´s e 20% dos informantes da Klein pronunciaram o /r/ pós-vocálico nas palavras em questão. Chamamos a atenção para a importância do controle de grupos de fatores extralinguísticos em uma pesquisa de um fenômeno variável em análise, visto que o comportamento do /r/ pós-vocálico nesse estudo não estava condicionado a fatores de natureza linguística, dito de outra forma, foi somente quando o pesquisador considerou a estratificação social dos informantes que encontrou respostas para o fenômeno em estudo.

Outra pesquisa de Labov foi o estudo sobre a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ realizado na ilha de Martha's Vineyard (município de Dukes, estado de Massachusetts), em 1962 (LABOV, 2008 [1972]). Esse estudo de Willian Labov foi o primeiro a controlar as variáveis extralinguísticas na investigação de uma variável linguística. O fenômeno variável investigado pelo pesquisador foi a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/, particularmente, as diferenças na altura do primeiro elemento dos ditongos em questão. Labov percebeu que esses ditongos poderiam ser pronunciados de diversas formas. A pronúncia centralizada era a forma conservadora e a pronúncia não centralizada era a forma inovadora.

Quanto aos informantes dessa pesquisa, foram realizadas entrevistas com 69 nativos de Martha's Vineyard, pouco mais de 1% da população. Esse número representou uma

amostra criteriosa da comunidade de residentes nativos e dos grupos que são importantes na vida social e no sistema de valores da ilha. Os informantes foram selecionados conforme vários grupos de fatores extralinguísticos. Quanto à região, 40 eram *up-islanders* (provenientes da Ilha Alta) e 29 eram *down-islanders* (provenientes da Ilha Baixa). Labov controlou, também, os grupos ocupacionais dos informantes: 14 na *pesca*, 8 na *agricultura*, 6 na *construção*, 19 no *ramo de serviços*, 3 *profissionais liberais*, 5 *donas de casa* e 14 *estudantes*. A divisão entre grupos étnicos ficou assim representada: 42 descendentes de *ingleses*, 16 de *portugueses* e 9 de *índios*. Além dos três grupos de fatores citados acima, os fatores *faixa etária* e *sexo* dos informantes também foram controlados.

O pesquisador controlou ainda, os seguintes grupos de fatores linguísticos: ambiente segmental, ou seja, a influência da consoante subsequente aos ditongos /ay/ e /aw/; fatores prosódicos, isto é, o papel da tonicidade das formas linguísticas em que apareciam os ditongos; influência estilística, ou seja, as diferentes situações em que eles foram coletados e considerações lexicais, ou seja, natureza das palavras nas quais esses ditongos tendiam a ser pronunciados centralizados. Por meio das entrevistas, Labov obteve 3.500 dados de (ay) e 1.500 de (aw) como base de dados para o referido estudo.

Quanto aos resultados da pesquisa, Labov obteve os seguintes dados: a centralização de (ay) e (aw) pareceu exibir um aumento regular em faixas etárias mais elevadas, alcançando maior percentual de ocorrências no grupo de 31 a 45 anos. Quanto às tendências geográficas da centralização, áreas da ilha alta rural favoreceram a centralização mais do que as áreas dos vilarejos da ilha baixa, sendo que os mais altos índices foram encontrados entre os habitantes de um lugarejo chamado Chilmark, onde a maior parte da economia está concentrada na pesca. Nas tendências em função dos grupos profissionais, os pescadores foram os que mais realizaram a centralização dos ditongos investigados. Na distribuição dos grupos étnicos, foram os descendentes de ingleses que se destacaram.

No entanto, não foi só nos grupos de fatores extralinguísticos clássicos (*faixa etária*, *sexo*, *ocupação* etc.) que Labov obteve uma resposta significativa para a centralização dos ditongos analisados, mas, sobretudo, ao considerar a questão da identidade e da atitude dos falantes, sendo, portanto, esse fator extralinguístico também relevante para ocasionar a diferença linguística.

Ao analisar a história social da ilha, percebeu-se que a região de Chilmark, na Up-Island, era habitada por descendentes de ingleses e que a atividade mais praticada por lá era a pesca. A população desse local era conhecida por defender seu modo vida e por se orgulhar

disso, fazendo com que fosse preservada sua cultura e também seu modo de falar, uma vez que, na época da pesquisa, Martha's Vineyard estava passando por diversas mudanças econômicas, pois a atividade do turismo estava se alastrando por todas as localidades da ilha. Além disso, a cidade passava por grandes transformações sociais, visto que os chamados forasteiros estavam adquirindo terrenos na localidade e construindo suas residências. E é nesse sentimento de resistência, identidade e atitude positiva que os falantes tinham a respeito do seu modo de falar que Labov encontrou as melhores respostas para sua pesquisa.

Com isso, o autor chegou aos seguintes resultados, conforme mostra o Quadro 2, a seguir:

Quadro 2: Estudo sobre a centralização e atitude com relação a Martha´s Vineyard

Centralização e atitude com relação Martha´s Vineyard			
Pessoas	**Atitude**	**(ay)**	**(aw)**
40	Positiva	63	62
19	Neutra	32	42
6	Negativa	09	08

Fonte: Labov (2008 [1972] p. 59).

Conforme observa-se no Quadro 2, dentre os moradores da ilha, existiam aqueles que tinham uma atitude positiva, ou seja, exprimiam sentimentos definitivamente positivo em relação à ilha, em consequência disso, realizaram a centralização com maior frequência, já que queriam se identificar como pertencentes à região; outros que tinham uma atitude neutra, dito de outra forma, expressavam sentimentos nem positivos e nem negativos acerca da ilha, refletiram em um percentual de ocorrência da centralização muito menor do que os primeiros e, por fim, os quem tinham uma atitude negativa referente à Martha's Vineyard, posto que indicavam o desejo de ir viver em outro lugar, realizaram a centralização dos ditongos com menor frequência ou não realizaram, sendo que, não gostavam de ser identificados como moradores daquele local.

O estudo de Labov na ilha de Martha's Vineyard mostrou a importância de se considerar fatores externos (extralinguísticos) para a análise de fenômenos de variação e mudança linguística. Nessa pesquisa, Labov percebeu que os fatores puramente internos (linguísticos) não davam conta de explicar de maneira satisfatória o que acontecia no fenômeno estudado. Assim sendo, foi apenas quando ele considerou a *faixa etária*, *ocupação* e outros e, sobretudo, a *atitude dos falantes* em relação à ilha, que a centralização dos ditongos se mostrou mais regular, mais passível de descrição.

No próximo tópico, falaremos sobre alguns conceitos fundamentais da Sociolinguística, visando entendermos melhor esta pesquisa.

1.2.2 Variação, variante, variável e comunidade de fala

Conforme foi possível observar, após o surgimento da Sociolinguística e os primeiros estudos realizados, pincipalmente, por Labov, alguns conceitos começaram a ficar conhecidos na Linguística, tais como variação, variante e variável. Esses conceitos serão utilizados nesta dissertação, sendo assim, faz-se necessário defini-los.

De acordo com Coelho *et al.* (2018), a variação linguística é o processo pelo qual duas formas (ou mais formas) podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, ou seja, com o mesmo significado referencial/representacional. O processo de variação linguística não se limita a um único nível da língua, mas se estende a todos os níveis. Com isso, segundo com Coelho *et al.* (2018), podemos classificar a variação em:

I) fonético-fonológica, normalmente, esse tipo de variação consiste na diferença da pronúncia de um elemento na palavra, no entanto, sem alteração do sentido, por exemplo, a troca de <lh> por <i> nas palavras veia (por 'velha'), foia (por 'folha'), trabaio (por 'trabalho').

II) Variação semântico-lexical, podemos ter duas ou mais formas alternativas para um mesmo significado representacional, por exemplo, mandioca, aipim, macaxeira (para se referir à raiz da maniva de cor marrom que é extraída da terra e serve para fazer farinha e outros alimentos).

III) Variação morfofonológica, quando a variação ocorre nos dois níveis da língua, fonológico e morfológico, ou seja, uma interface. Por exemplo, a supressão do -r que marca o infinitivo nos verbos em palavras como andá (por 'andar'), vendê (por 'vender'), parti (por 'partir'). Nesses casos, o -r representa um fonema e também um morfema. Há ainda a:

IV) Morfológica, por exemplo, alternância de forma pronominal tu e você para expressar a P2. Podemos citar também a:

V) Variação morfossintática, por exemplo, a relação que se estabelece entre pronome e verbos como em "tu anda" (por tu 'andas'); no vi) nível sintático, a variação também pode ser observada, por exemplo, as construções relativas: "O filme a que me referi é muito bom" / "O filme que me referi é muito bom" / "O filme que me referi a ele é muito bom"; vii) no nível discursivo, palavras que pertencem à determinada classe morfológica, quando colocadas num texto, podem desempenhar diferente função, conforme mostram Coelho *et al.* (2018, p.29):

> Dados interessantes são encontrados com relação às palavras que encadeiam trechos discursivos, desempenhando o papel de conectores, como conjunções (‘e’, ‘mas’, ‘porque’, ‘portanto’ etc.), expressões de natureza adverbial (‘aí’, ‘assim’, ‘afinal’, ‘então’, ‘consequentemente’, ‘quanto a’, ‘por outro lado’ etc.), marcadores discursivos (‘quer dizer’, ‘digamos assim’ etc.), entre outros, usados na fala e na escrita.

Como mostrado, o processo de variação linguística permite a existência de duas ou mais formas alternativas para o mesmo significado representacional, e essas formas constituem as variantes, que segundo Coelho *et al.* (2018), são as formas individuais que disputam pela expressão da variável.

O conceito de variável, por sua vez, é um pouco mais complexo, uma vez que temos a variável dependente e independente. No primeiro caso, conforme Coelho *et al.* (2018), é o lugar na gramática em que se localiza a variação, de forma mais abstrata, por exemplo, quando falamos de variação morfofonológica, a variável com a qual trabalhamos foi “supressão do -r que marca o infinitivo”. As variantes dessa variável são: a presença ou a ausência do –r, em palavra como: andá / andar.

Quanto à variável independente, pode ser linguística e extralinguística, também pode ser chamado de condicionador, visto que são eles que vão motivar e regular o processo de variação em uma determinada língua. A variável independente linguística corresponde às forças que agem dentro da língua e a extralinguística diz respeito às forças que agem fora do sistema linguístico, ou seja, na estrutura externa (social, geográfico e estilístico). Nesta pesquisa, por analisar o nível lexical, não levantaremos grupos de fatores linguísticos, no entanto, consideramos as variáveis independentes extralinguísticas: *localidade*, *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*.

De acordo com Labov (2008 [1972]), é na comunidade de fala que o processo de variação e mudança linguística acontecem. Nesse sentido, em uma pesquisa sociolinguística o foco principal do pesquisador não é o indivíduo, mas sim, a comunidade de fala da qual ele pertence. Entretanto, definir comunidade de fala não é uma tarefa fácil, uma vez que não há consenso entre os autores sobre tal definição, assim como é uma árdua tarefa definir tal conceito.

Para Labov (2008 [1972]), a comunidade de fala não pode ser definida somente como um grupo de pessoas que falam todas as mesmas formas, mas sim, como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua. A definição não leva em consideração, de forma prioritária, o uso linguístico dos falantes, mas sim as atitudes que esses falantes

compartilham a respeito dos usos linguísticos, pois, para Labov, são mais homogêneas. Consoante a isso, os membros de uma comunidade de fala são capazes de emitir juízo de valor positivo ou negativo sobre as regras e formas da língua.

A definição de Labov não ficou salva de críticas, visto que ela não foi definida pelas regras linguísticas presentes na fala das pessoas, e sim pelas atitudes em relação às regras e formas linguísticas. Diante desse cenário, Guy (2001) amplia a definição laboviana com base em três critérios: a) os falantes devem compartilhar traços linguísticos que sejam diferentes de outros grupos; b) devem ter uma frequência de comunicação alta entre si; c) devem ter as mesmas normas e atitudes em relação ao uso da linguagem. Com base nessas afirmações, podemos concluir o seguinte: para o autor, os falantes de uma comunidade de fala devem compartilhar traços linguísticos que diferenciam seu grupo de outros grupos; que pratiquem comunicação com maior frequência com o seu grupo do que com outros e que compartilhem as mesmas normas e atitudes referentes ao uso da língua. Conforme podemos perceber, o primeiro e o terceiro critério de Guy coincidem com a proposta de Labov. Assim sendo, nesta dissertação, vamos considerar o conceito de comunidade de fala de acordo com a concepção de Guy (2001).

No próximo tópico, enfatizaremos o fenômeno aqui em estudo, a variação lexical, interferências linguísticas e os possíveis empréstimos linguísticos.

1.3 FENÔMENO EM ESTUDO: VARIAÇÃO LEXICAL E EMPRÉSTIMO LEXICAL

1.3.1 Variação lexical

De acordo com Câmara Jr. (1986), léxico é sinônimo de vocabulário, o conjunto de vocábulos de que dispõe uma língua dada. Em sentido especializado, é a parte do vocabulário correspondente às palavras. Toda língua natural possui um conjunto de palavras, dito de outra forma, um conjunto de léxicos.

O processo de variação linguística também atinge o nível do léxico, ou melhor, como já foi dito, tal processo acontece em todos os níveis linguísticos (semântico-lexical, fonético-fonológico, morfológico, sintático etc.). No campo do léxico, esse processo, chama-se variação lexical. Segundo Coelho *et al.* (2018), as variantes lexicais estão quase sempre associadas à variação regional. Por exemplo, segundo Coelho *et al.* (2018, p. 23-24), "a mesma realidade é representada, conforme a região, por palavras diferentes". No entanto, a

variação lexical também pode ser motivada pela situação de formalidade e informalidade no uso da língua, por questões culturais, pelo contato entre línguas e por questões sociais diversas.

Os estudos da Geolinguística têm dado uma grande e valiosa contribuição para o conhecimento da diversidade lexical do PB, que a partir de seus resultados produziram atlas linguísticos de várias naturezas desde aqueles que tinham como objetivo investigar a diversidade lexical de um único estado da federação (por exemplo, o Atlas Linguístico do Amazonas), passando a investigar uma região (Atlas Linguístico-Etnográfico da região Sul do Brasil) e até um atlas de grande dimensão que recobriu todo o território nacional (Atlas Linguístico do Brasil). Um dos precursores da ideia de mapear linguisticamente o Brasil com a produção de atlas linguísticos, conforme apontado na seção 1.1.1, foi o filólogo Antenor Nascentes. Já na década de 1950, seus estudos trouxeram grandes contribuições para a consolidação da Dialetologia brasileira.

Na subseção a seguir, daremos ênfase aos trabalhos de variação semântico-lexical produzidos no Amazonas com o intuito de embasar os resultados que serão encontrados nesta pesquisa.

1.3.2 A variação semântico-lexical no Amazonas

Os estudos de cunho dialetal no estado do Amazonas, sob o aspecto lexical, têm início com os estudos de Corrêa (1980) sobre o falar "caboco" dos municípios de Itacoatiara e Silves. Além desse estudo, outras pesquisas sob o aspecto lexical do falar amazonense foram realizadas, conforme o Quadro 2 apresentado na seção 1.1.1. A seguir, faremos resenhas de alguns desses trabalhos, os quais foram escolhidos porque serão utilizados para efeito comparativo com este estudo: Corrêa (1980), Cruz (2004), Azevedo (2013), Maia (2018) e Viana (2019).

Em 1980, Hydelvídia Cavalcante de Oliveira Corrêa, apresentou sua dissertação para obtenção do título de Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, intitulado *O falar do caboco amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves*.

Nessa pesquisa, a pesquisadora buscou caracterizar o falar amazonense, considerando alguns aspetos fonéticos, bem como lexicais. No nível lexical, foco desta dissertação, a pesquisadora objetivou caracterizar léxicos peculiares falados na região. Como

rede de pontos, foram escolhidos os municípios de Silves e Itacoatiara, localizados na região do Médio-Amazonas.

Quanto aos informantes, foram entrevistados 42 moradores dos dois municípios, sendo 21 por localidade. Para a seleção dos informantes, a pesquisadora considerou os seguintes critérios:

> a) ter nascido na localidade de inquérito e ser originário de família igualmente ali nascida e criada;
> b) ter acima de 30 (trinta) anos;
> c) se casado, deve ser o cônjuge também da mesma localidade;
> d) tratar-se de pessoa iletrata [sic], se possível analfabeta ou com escolaridade mínima;
> e) ter de preferência, profissão variável (juteiro, pescador, roceiro) uma vez que os questionários aplicados versam sobre campos semânticos variados (CORREA, 1980, p.22).

Quanto à recolha de dados, deu-se mediante aplicação de questionários semântico-lexicais e fonético-fonológicos. No que tange ao Questionário Semântico-Lexical, foco desta pesquisa, as perguntas abarcaram os seguintes aspectos semânticos: família (parentesco, saúde, alimentação), habitação (estrutura, mobília, utensílios), vida social ou ciclo de vida (festas, folclore, crendices, lendas, superstições), atividades de produção (roça, juta, pesca), meio de transporte (fluvial), a terra (os rios, fenômenos naturais, a vegetação) e os modos de dizer (palavras, expressões, provérbios).

Como parte dos resultados dessa pesquisa no nível lexical, a autora concluiu que os falantes das duas localidades compartilham as mesmas variantes linguísticas. No entanto, verificou-se que os informantes da cidade de Silves são mais conservadores no uso de algumas formas linguísticas, posto que vivem em uma localidade com maior grau de isolamento social. A respeito disso, conclui Corrêa (1980, p. 138):

> As características do falar caboclo são as mesmas tanto no município de Itacoatiara quanto no de Silves. Nada obstante, podemos dizer que não deixamos de observar que o caboclo de Silves mantém um maior conservadorismo linguístico que se desenvolve lentamente, causado pelo isolamento que provoca muita estabilidade e pouca mudança social.

Quanto à influência de outras línguas no acervo lexical dos falantes dessas localidades, a pesquisa comprovou que existem vários léxicos provenientes das línguas indígenas: “é fácil notar a influência constatada pelas palavras de origem tupi e pelo uso de certos sufixos, como: rana, era, açu, mirim, etc.” (CORRÊA, 1980).

Em 2004, Maria Luiza de Carvalho Cruz produziu o Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM, tese de Doutorado em Letras Vernáculas apresentada à Coordenação dos Cursos de

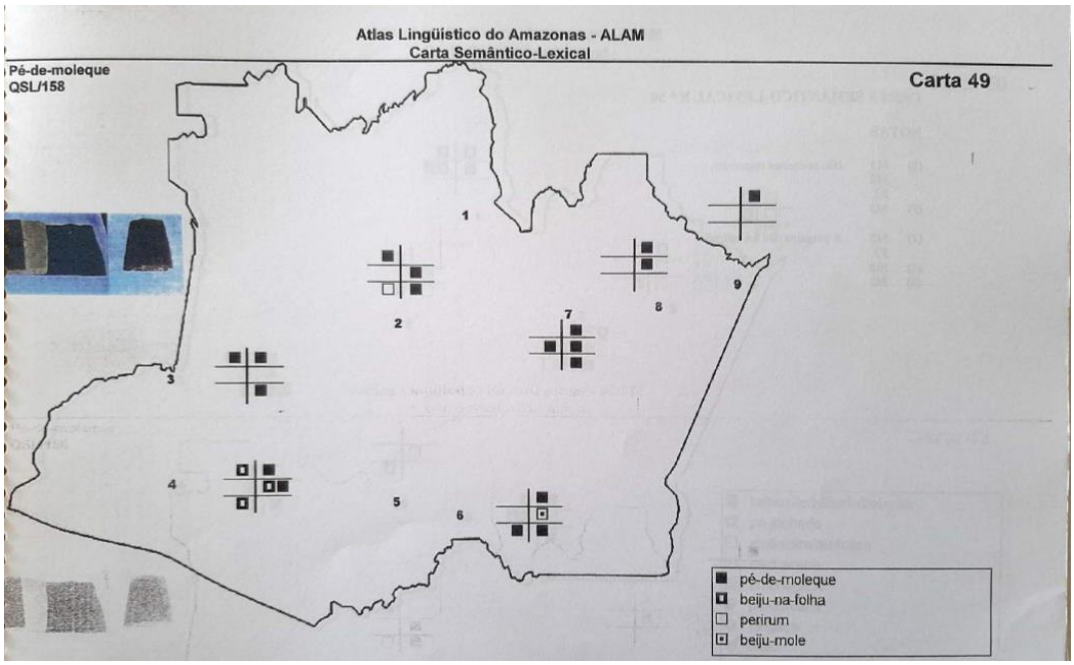
Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ. A pesquisa de Cruz (2004), que resultou no primeiro Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM), foi realizada na perspectiva da Geografia Linguística, sendo pioneira ao controlar, de forma sistemática, no Brasil, as variáveis *faixa etária e sexo*, ou seja, aderiu aos pressupostos teórico-metodológicos da Dialetologia Pluridimensional. Nesse atlas, a referida pesquisadora analisou tanto fenômenos fonético-fonológicos quanto semântico-lexicais.

A pesquisadora selecionou como rede de pontos nove municípios (Barcelos, Tefé, Benjamin Constant, Eirunepé, Lábrea, Humaitá, Manacapuru, Itacoatiara e Parintins) representativos das nove Microrregiões do Estado do Amazonas. [3]Quanto aos informantes, em cada localidade, foram selecionados 6 (seis) informantes, estratificados por *sexo* e três *faixas etárias* (18-35 anos, 36-55 anos, 56 anos em diante), num total de 54 indivíduos, com nível de instrução até, no máximo, a 4ª série do Ensino Fundamental. A investigadora aplicou dois tipos de questionário: o questionário Fonético-fonológico, com 156 questões, e o Semântico-lexical, com 327 questões, além disso, ao final da aplicação dos referidos questionários, realizou entrevistas sociolinguísticas (elocuções livres).

O Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM), além das cartas fonéticas, registrou 150 cartas semântico-lexicais. As cartas semântico-lexicais cobriram diversos campos semânticos – meio físico, biótico (fauna, flora) e antrópico (o homem, atividades de produção). A seguir, apresentamos a Carta linguística semântico-lexical 29, gerada com base na questão 156 (Beiju feito da mandioca ralada, enrolado na casca da banana).

Figura 2: Carta Semântico-lexical 49 – Pé-de-moleque – Cruz (2004)

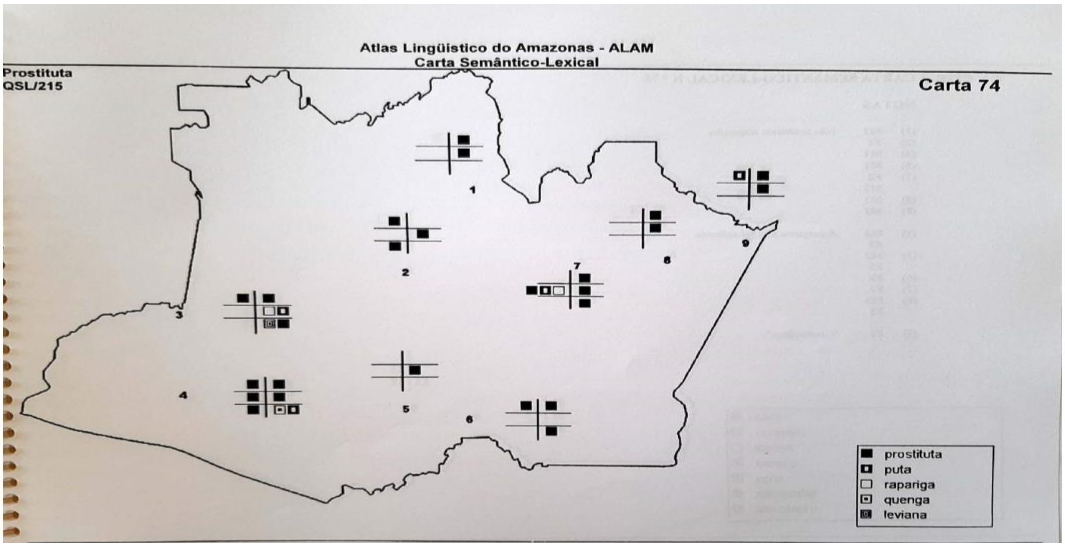
[3] De acordo com a divisão político-administrativa que consta na Constituição Estadual de 1988.



Fonte: Cruz (2004)

No total, para a variável em discussão, Cruz (2004) registrou 4 variantes, a saber: *pé-de-moleque*, *beiju-na-folha*, *perirum* e *beiju-mole*. Conforme podemos verificar na carta linguística 49 (Figura 2), a variante *pé-de-moleque* foi a mais recorrente. Entretanto, nos pontos 1 e 5, os informantes não souberam responder à pergunta, talvez fosse um referente desconhecido para eles. Vamos observar, agora, a Carta semântico-lexical 74, feita a partir da questão 216 – (Mulher que vende seu corpo para qualquer homem, em troca de dinheiro).

Figura 3: Carta Semântico-lexical 74 – Prostituta – Cruz (2004)



Fonte: Cruz (2004)

Com base nos dados apresentados na Carta 74 (Figura 3), a variante *prostituta* foi a mais utilizada em todas as localidades. No ponto 3, por exemplo, dos seis informantes, cinco

responderam *prostituta*. Em segundo lugar, ficou o termo *puta,* seguido de *rapariga*, *quenga* e em último lugar ficou *leviana*.

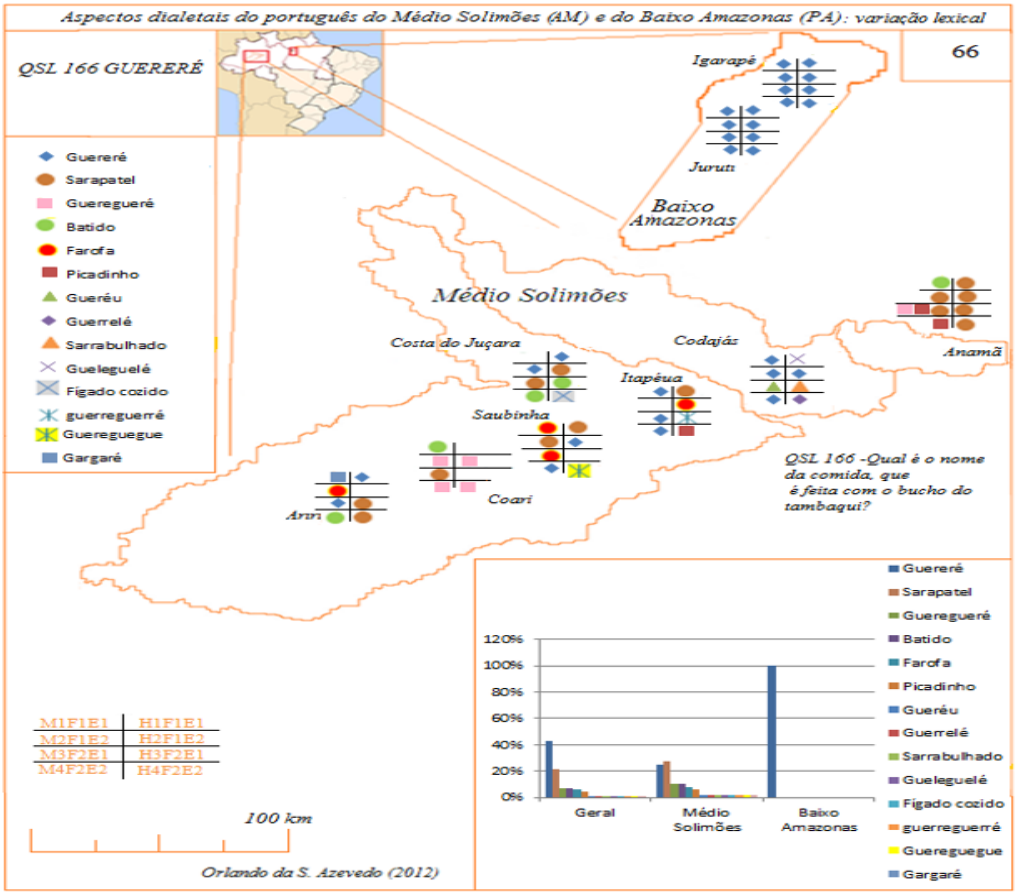
Portanto, essa pesquisa contribuiu de forma significativa para o conhecimento da diversidade linguística do Amazonas e serve como modelo para as pesquisas que foram e estão sendo desenvolvidas nas universidades do referido Estado (e fora do Estado).

Em 2012, Orlando da Silva Azevedo realizou um estudo intitulado *Aspectos dialetais do português da região norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM)*. Essa pesquisa teve como objetivo investigar, além das variações fonéticas, variações lexicais de duas regiões: no Baixo Amazonas/PA, constituindo como pontos de inquérito o Igarapé do Juruti-velho e a Vila do Juruti-velho, e no Médio Solimões/AM, no qual foram selecionadas como pontos de inquérito as comunidades ribeirinhas de Ariri, Saubinha, Itapéua, Costa do Juçara e as cidades (sedes) de Coari, Codajás e Anamã.

Azevedo (2012) utilizou em seu estudo os métodos e princípios geolinguísticos da Dialetologia Pluridimensional. No nível lexical, as hipóteses apontavam para a presença de variantes lexicais específicas em cada região. Quanto aos informantes, foram selecionados em cada ponto de inquérito 8 (oito) informantes, estratificados em *sexo*, *escolaridade* e *faixa etária*. Quanto aos instrumentos de coleta de dados, foram utilizados um questionário fonético-fonológico contendo 101 questões e um questionário semântico-lexical contendo 192 questões. Foram elaboradas 82 cartas fonéticas e 75 cartas lexicais.

Como resultado, no nível lexical, houve algumas diferenças dialetais existentes entre a Região do Médio Solimões e a do Baixo Amazonas. Como podemos observar na carta lexical 66 – **Guereré**: *comida preparada com os miúdos do peixe como tambaqui:*

Figura 4: Carta Semântico-lexical 66 – Guereré – Azevedo (2013)



Fonte: Azevedo (2013)

Ao observar a Carta lexical 66 (Figura 4), percebemos a ocorrência de 14 (catorze) variantes lexicais para o mesmo referente (comida preparada com os miúdos do peixe como tambaqui). No entanto, na região do Baixo Amazonas (PA), a utilização da variante *Guereré* foi unânime, com 100% do percentual de ocorrência. Já No Médio Solimões, identificaram-se as seguintes variantes: *sarapatel* (27%); *guereré* (25%); *guereguéré* e *batido* (10% cada); *farofa* (8%); *picadinho* (6%); *gueréu*, *guerrelé*, *sarrabulhado*, *gueleguelé*, *fígado cozido*, *guerreguerré*, *guereguegué* e *gargaré* (2% cada).

Tal resultado evidencia a hipótese segundo a qual existem diversidade na fala de pessoas que residem em áreas geográficas diferentes. Nesse caso, Azevedo (2013) mostrou a diferença em duas regiões (uma no Estado do Amazonas e a outra no Estado do Pará).

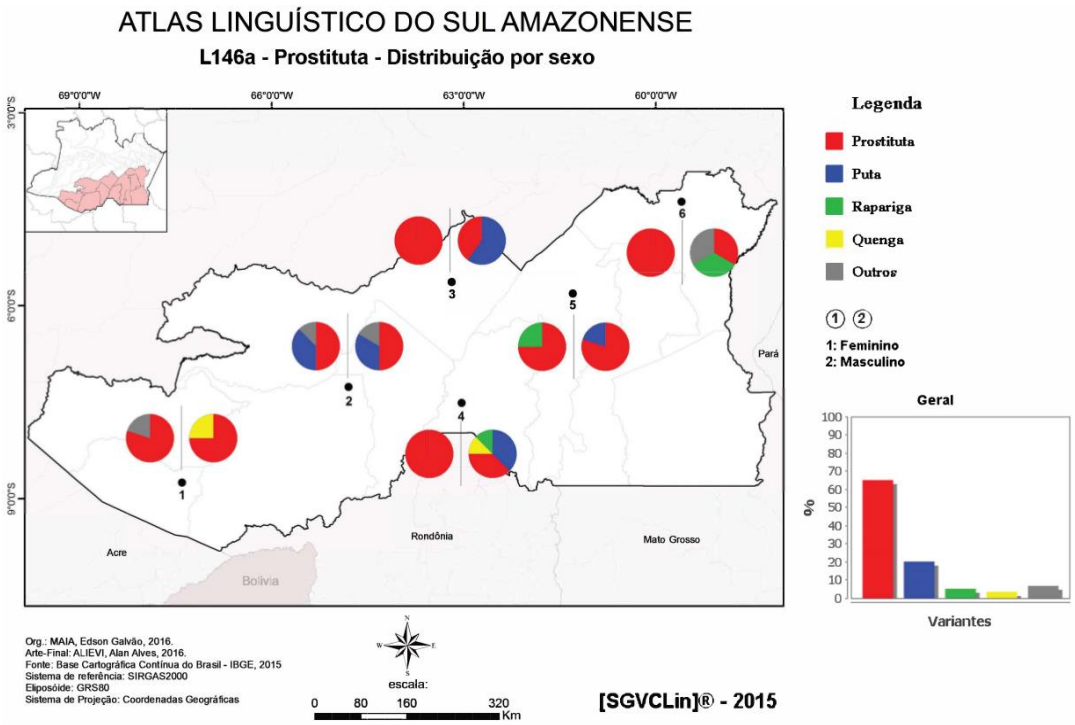
Em 2018, Edson Galvão Maia, por sua vez, realizou um estudo como tese de doutorado em Estudos da Linguagem, na Universidade Estadual de Londrina, que resultou no Atlas Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM. A pesquisa teve como objetivo geral investigar aspectos fonético-fonológicos e semântico-lexicais do falar de seis cidades da mesorregião do Sul Amazonense: Boca do Acre, Lábrea, Tapauá, Humaitá, Manicoré e

Borba[4]. Obedecendo aos princípios da Dialetologia Pluridimensional, além da dimensão diatópica, abarcou também as dimensões diastrática, diassexual e diageracional.

Quanto aos informantes, foram selecionados 48 informantes, divididos em *sexo, faixa etária* (20-35 anos e 50-65 anos) e *escolaridade* (4-7 anos de escolaridade e 10-13 anos de escolaridade). A coleta de dados se deu por meio da aplicação de questionários linguísticos, divididos em Questionário Semântico-lexical, contemplando as seguintes áreas semânticas: Meio Físico, Meio Biótico e Meio Antrópico e em suas respectivas subáreas e Questionário Fonético-fonológico.

Foram produzidas 435 cartas linguísticas, sendo 285 lexicais (172 dessas cartas são pluridimensionais, ou seja, foi feito um cruzamento dos aspectos geográficos e sociais nas cartografias das formas lexicais) e 150 fonéticas. Vejamos na carta 146 – Prostituta: (*mulher que vende seu corpo para qualquer homem, em troca de dinheiro)*, um exemplo de como é feito o controle do aspecto diassexual juntamente com o diatópico, constituindo assim, a carta pluridimensional:

Figura 5: Carta Semântico-lexical 146a – Prostituta – Maia (2018)



Fonte: Maia (2018)

4 De acordo com a divisão que consta no IBGE (2010).

Ao analisar a Carta 146a (Figura 5), considerando o município de Boca do Acre (Ponto 1), percebemos uma diferença entre a ocorrência de algumas variantes para o mesmo referente se levarmos em conta também a distribuição dos informantes por *sexo*. Veja que quase 70% das mulheres responderam *prostituta* e mais ou menos 10% responderam *outros*. Já os homens utilizaram quase 70% *prostituta* e mais ou menos 5% *quenga*. Isso mostra que a variante *quenga* é mais comum na fala dos homens na cidade de Boca do Acre do que na fala das mulheres. Com isso, fica evidente que muitas variantes do PB não podem ser explicadas simplesmente pelo fator diatópico, visto que muitas variantes estão intimamente relacionadas a fatores de cunho social e estilísticos.

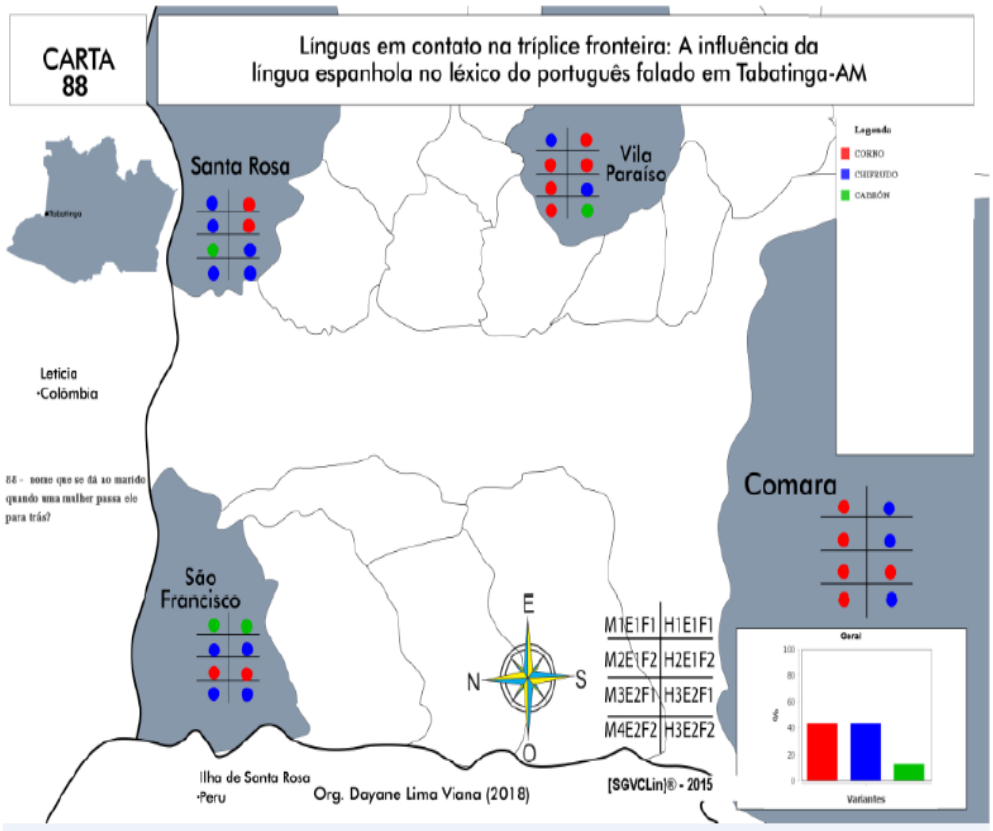
É importante enfatizar que em Tapauá, Borba e Humaitá apenas se registrou a variante *prostituta* na fala das mulheres, enquanto na fala dos homens se encontram outras variantes consideradas mais vulgares como *puta*, *rapariga* ou *quenga*. Com isso, evidencia-se a importância da variável independente extralinguística *sexo* explicando a variabilidade linguística.

Como resultado, no campo lexical, a variação linguística revela as influências das configurações geográficas, históricas, socioeconômicas e culturais da mesorregião.

Em 2019, Dayane Lima Viana realizou um estudo como dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Letras, como requisito para obtenção de título de Mestre pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM intitulado: *Línguas em contato na tríplice fronteira: a influência da língua espanhola no léxico do português falado em Tabatinga – AM*. O estudo teve como objetivo principal descrever as particularidades sociodialetais do falante de Tabatinga. A pesquisa teve como hipótese inicial que o português é predominante na cidade, mas o contato com a língua espanhola está ofertando variação à fala dos moradores da cidade por meio da difusão das lexias hispânicas.

A pesquisa foi realizada de acordo com os princípios teórico-metodológicos da geolinguística pluridimensional. Quanto aos pontos de inquéritos, foram 4 bairros de Tabatinga: Santa Rosa, São Francisco, Vila Paraíso e Comara. Quanto aos informantes, foram selecionados 8 por ponto, totalizando 32 moradores do município. A investigação contemplou os níveis diatópicos, diastráticos, diagenéricos e diageracional. A recolha de dados foi feita mediante aplicação de um questionário semântico-lexical, constituído por 106 questões dos mais variados campos semânticos. Os resultados da pesquisa foram apresentados por meio de cartas linguísticas com o objetivo de mostrar como o léxico da cidade de Tabatinga tem sido influenciado pela língua espanhola. Conforme podermos Carta Linguística 88 – *Chifrudo*.

Figura 6: Carta Semântico-lexical 88 – Chifrudo – Viana (2019)

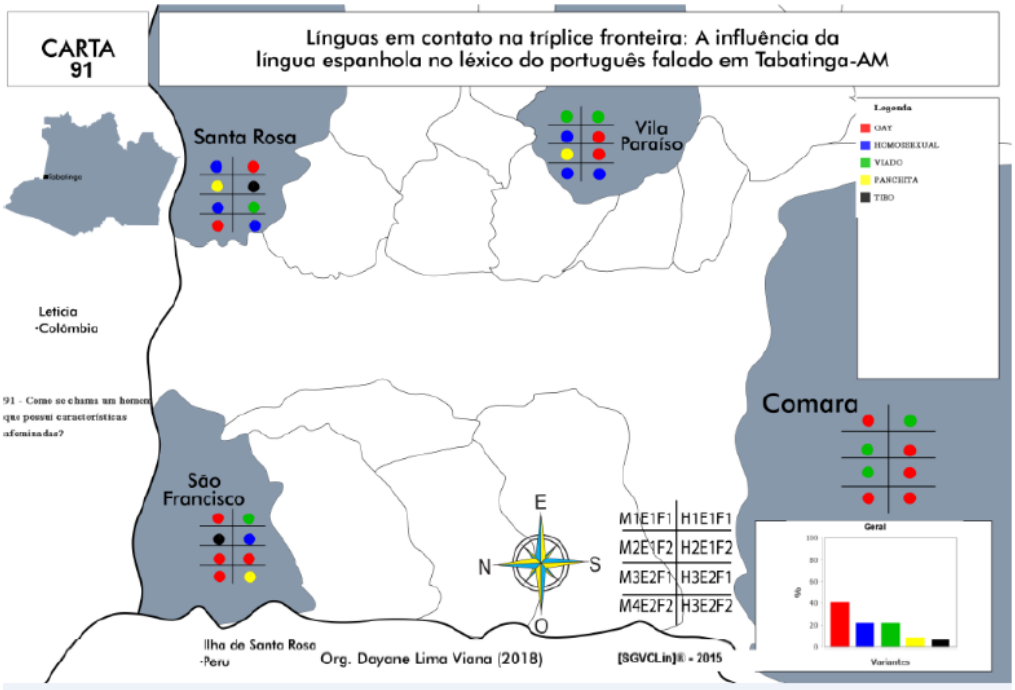


Fonte: Viana (2019)

No total, para a variável em questão, foram registradas três variantes, sendo *corno* a lexia mais recorrente, em segundo lugar apareceu *chifrudo* e em terceiro lugar ficou a variante *cabrón*. O registro da terceira variante evidencia o feito do contato linguístico entre o PB e o espanhol nesta região de fronteira. *Cabrón* trata-se de um termo da língua espanhola.

Outro exemplo da influência do espanhol sobre o português, podemos verificar na Carta Linguística 91 – *Gay*.

Figura 7: Carta Semântico-lexical 91 – Gay – Viana (2019)



Fonte: Viana (2019)

De acordo com a Carta Linguística 91 (Figura 7), a pesquisadora identificou cinco variantes, a saber: *gay*, *homossexual*, *veado*, *panchita e tibo*. A variante *gay* foi a mais usual, seguida de *homossexual* e *veado*, as menos recorrentes foram *panchita* e *tibo.* As duas últimas variantes são léxicos do espanhol, assim sendo, percebemos, mais uma vez, o fator contato linguístico agindo de forma significativa para ocasionar a diferença lexical da região de tríplice fronteira. Como resultado, conclui a autora:

> [...] pudemos constatar que a Tabatinga apresenta caraterísticas linguísticas marcadamente heterogênea, uma vez que, as lexias hispânicas foram observadas em diversos graus de frequência, inclusive com arealizações. Também pudemos verificar como os diferentes estratos sociais moldam seu repertório verbal diante do contato português-espanhol (VIANA, 2019, p. 09).

Na subseção a seguir, faremos algumas considerações sobre os empréstimos lexicais, uma vez que tal fenômeno também constitui nosso objeto em análise.

1.3.3 Algumas considerações sobre Empréstimo lexical

Uma estimativa feita em Calvet (2002 [1993]) mostra que em todo o mundo são faladas entre 6.000 e 7.000 línguas. Essas línguas estão distribuídas entre os 150 países que existem na superfície do globo terrestre. Se o total de línguas fosse divido pelo número de

países, o resultado seria cerca de 46 línguas por país. No Brasil, se fosse feita essa estimativa, não daria certo, pois se sabe que, segundo Rodrigues (1993, p.99), "[...] existem ainda no Brasil cerca de 180 línguas indígenas. Este número representa uma grande diversidade linguística". Além do português que é considerado a língua oficial do Brasil, existem diversas línguas indígenas que são faladas pelos diversos povos indígenas. Além dessa quantidade de línguas indígenas no Brasil, há também outras línguas dos imigrantes de diversos outros países.

Como frutos desse contato linguístico nascem as interferências linguísticas em todos os níveis da língua, as línguas veiculares, a mistura de línguas, bem como os empréstimos lexicais etc. Segundo Calvet (2002, p. 35), "O plurilinguismo faz com que as línguas estejam constantemente em contato. O lugar desses contatos pode ser o indivíduo (bilíngue, ou em situação de aquisição) ou a comunidade. E o resultado dos contatos é um dos primeiros objetos de estudo da sociolinguística".

A língua Portuguesa começou a sofrer influências de outras línguas muito antes de chegar ao Brasil. Quando chegou aqui, segundo Cunha (2003), no período das grandes navegações lideradas por portugueses, manteve contato com as línguas indígenas, aumentando ainda mais sua heterogeneidade e sendo acrescentada a sua composição lexical, outras infinidades de termos originários dessas línguas. Sobre tal acontecimento, Cunha (2003, p. 8-9) diz que "[...] foram introduzidos no português algumas centenas de vocábulos oriundos dos idiomas indígenas dessas regiões – africanismos, asiaticismos e americanismos".

De acordo com Cunha (2003), além da influência das línguas africanas, asiáticas e americanas, houve grande influência de outras línguas europeias, como, por exemplo, o espanhol, pois a Língua Portuguesa e a espanhola sempre conviveram em um grau de proximidade no Brasil.

Atualmente, essas duas línguas ainda estão muito próximas, pois o Brasil possui fronteiras com 10 dos 12 países da América do Sul. E, quase todos esses países têm a Língua Espanhola como língua oficial. Segundo Souza (2015), no Brasil existem 11 municípios localizados em área de tríplice fronteira e 2 desses são os municípios de Benjamin Constant e Tabatinga que estabelecem fronteira com o Peru e a Colômbia.

Como resultado do contato entre várias línguas, surgem as interferências linguísticas, que segundo Weinreich (1963 *apud* CALVET, 2002 [1993], p.35-36), constitui o "[...] remanejamento de estruturas resultante da introdução de elementos estrangeiros nos campos mais fortemente estruturados da língua, como o conjunto do sistema fonológico, uma grande

parte da morfologia e da sintaxe e algumas áreas do vocabulário (parentesco, cor, tempo etc.)". Segundo Calvet (2002 [1993]), podemos classificar as interferências em três tipos: as interferências fônicas, interferências sintáticas e as interferências lexicais.

No campo lexical, especificamente, segundo Calvet (2002 [1993]), as interferências mais nítidas são aquelas em que um determinado falante utiliza um léxico de outra língua atribuindo-lhe um significado que essa palavra tem em sua língua materna. De acordo com Calvet (2002 [1993], p. 38), "[...] as interferências mais simples são as que consistem em cair na armadilha dos falsos cognatas, quando um inglês, por exemplo, utiliza em francês o termo *instance* com o sentido de 'exemplo' que ele tem em sua língua".

Ainda de acordo com Calvet (2002 [1993]), o processo de interferências linguísticas no campo lexical pode levar ao empréstimo linguístico, ou seja, mais do que procurar em sua própria língua um léxico que nomeia um objeto, um ser, uma ação, etc., o falante utiliza um léxico da língua estrangeira e o pronuncia de acordo com sua língua materna, ou melhor, o adapta ao padrão fonotático da sua língua. Isso acontece porque no sistema lexical de sua língua, esse termo equivalente é difícil de encontrar ou não existe, e, por conseguinte, é nesse momento que acontece o empréstimo, o que também é conhecido como estrangeirismos.

Estrangeirismos ou empréstimos são, portanto, a utilização de uma palavra originária de uma língua estrangeira em determinada comunidade linguística. No PB, podemos encontrar, por exemplo, diversas palavras de origem africana, indígena, espanhola, inglesa, dentre outras línguas. E esse processo de empréstimo linguístico não terminou e possa ser que jamais terminará enquanto houver línguas no mundo. A fim de reforçar o que foi exposto até o momento, Garcez e Zilles (2004) afirmam:

> Estrangeirismo é o emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas. No caso brasileiro, posto simplesmente, seria o uso de palavras ou expressões estrangeiras no português. Trata-se de fenômeno constante no contato entre comunidades linguísticas, também chamado de empréstimo (GARCEZ e ZILLES, 2004, p.15).

Mattoso Câmara Jr. (2000, p. 104-105) classifica os empréstimos linguísticos em três tipos: o primeiro seria "os empréstimos linguísticos culturais: aos que pertencem todos os vocábulos adquiridos por meio de relações políticas, comerciais ou culturais entre povos de países diferentes" (p. 105); o segundo tipo de empréstimos seria os "linguísticos íntimos: aqueles apreendidos quando duas ou mais línguas coexistem num mesmo território" (p. 105) e, por fim, "os empréstimos linguísticos dialetais: que resultam de falares de uma mesma

língua, ou seja, da variabilidade linguística regional, das variantes sociais e jargões especializados" (p. 105).

Todas as línguas naturais tomaram e continuam tomando palavras emprestadas de línguas estrangeiras, como afirma Calvet:

> [...] o empréstimo é um fenômeno coletivo: todas as línguas tomaram empréstimos de línguas próximas, por vezes de forma massiva (é o caso do inglês emprestando ao francês grande parte de seu vocabulário), a ponto de se assistir, em contrapartida, a reação de nacionalismo linguístico (CALVET, 2002 [1993], p. 39).

No Brasil, já houve políticas contra a entrada de estrangeirismo no português, no entanto, sabemos que esse processo sempre fez e continuará fazendo parte da nossa realidade linguística. Portanto, não há como negar: i) a influência que a Língua Portuguesa teve de outras línguas desde sua chegada ao território brasileiro; ii) as línguas dos imigrantes que vivem no Brasil; a entrada de palavras estrangeiras na fala de brasileiros nos municípios de BC, TBT ou em qualquer lugar do Brasil, pois um dos motivos para a entrada de estrangeirismo seria pelo fato de não haver uma palavra equivalente em português, com isso, entendemos que o empréstimo acontece como uma necessidade de comunicação.

1.4 SÍNTESE

Nesta seção, inicialmente, mostramos a origem dos estudos dialetais de modo geral, assim como expomos o surgimento e as fases da Dialetologia Brasileira. Em seguida, contextualizamos o surgimento da Sociolinguística. Para isso, mencionamos as concepções de línguas do linguista suíço Ferdinand de Saussure e do norte-americano Noam Chomsky como forma de compreender as implicações que trouxeram para o campo da Linguística e entender as ideias de William Labov e a origem da Sociolinguística. Além disso, descrevemos alguns estudos sobre a variação lexical realizados no Amazonas e algumas considerações a respeito de empréstimos linguísticos.

CAPÍTULO 2 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Neste capítulo, elucidamos os procedimentos metodológicos desta pesquisa: a rede de pontos, ou seja, as cidades nas quais foi realizada a aplicação dos questionários linguísticos; a seleção, quantificação e estratificação social dos informantes; o caráter das entrevistas e dos questionários linguísticos; o tratamento, a transcrição dos dados e o suporte quantitativo (elaboração de cartas linguísticas); assim como fazemos uma descrição sócio-histórica das localidades investigadas, bem como das variáveis dependentes, variáveis independentes extralinguísticas e das variantes desta pesquisa.

2.1 A PESQUISA DE CAMPO

2.1.1 Perfil dos Informantes

Inicialmente, foi necessário definir os informantes desta pesquisa, considerando seu local de nascimento, bem como seus perfis sociais. Desse modo, foram selecionados 24 moradores naturais dos municípios de Benjamin Constant e Tabatinga (12 em cada localidade), levando em consideração a estratificação de *sexo* (homem/mulher), *faixa etária* (20 a 35 anos e 45 a 65 anos) e grau de escolaridade (três níveis: Ensino fundamental II - 4 a 7 anos de escolarização; Ensino Médio - 10 a 13 anos de escolarização; e Ensino Superior – mais de 13 anos de escolarização), ou seja, levamos em conta o fator diatópico e diastrático. Segundo Cardoso (2010, p. 91), "a escolha de informantes se depara, em outras, com questões do tipo: o número ideal a ser inquirido; a identificação – naturalidade, vinculações familiares, inserção social; características sociais -, a idade, o gênero/sexo, a escolaridade". Dessa forma, a constituição da nossa amostra ficou assim distribuída:

Quadro 3: Estratificação social dos informantes entrevistados em Benjamin Constant e Tabatinga, no Amazonas

Idade		**20 a 35 anos**		**45 a 65 anos**	
Localidade	**Escolaridade**	**Sexo**			
		H	**M**	**H**	**M**
Benjamin Constant	**Fundamental II** (4 a 7 anos de escolarização)	1	1	1	1
	Ensino Médio (10 a 13 anos de escolarização)	1	1	1	1
	Ensino Superior (mais de 13 anos de escolarização)	1	1	1	1
Tabatinga	**Fundamental II** (4 a 7 anos de escolarização)	1	1	1	1
	Ensino Médio (10 a 13 anos de escolarização)	1	1	1	1
	Ensino Superior (mais de 13 anos de escolarização)	1	1	1	1

Fonte: elaborado pelo autor.

Conforme o Quadro 3 apresentado, esta pesquisa contou com um total de 24 informantes, distribuídos em 1 por célula social. Um dos requisitos básicos fundamentais de uma pesquisa geossociolinguística é manter os princípios éticos referentes à identidade dos informantes, pois em pesquisa desta natureza o que interessa são os perfis sociais dos informantes.

A seguir, apresentamos o Quadro 4 no qual consta a codificação dos informantes, os quais foram assim identificados: o número para a *faixa etária* (**01** para 20 a 35 anos de idade, **02** para 45 a 65 anos de idade). A primeira letra é formada pela *localidade* (**B** para Benjamin Constant e **T** para Tabatinga); a segunda letra é formada pela *escolaridade* **(A** para o Ensino fundamental II - 4 a 7 anos de escolarização, **B** para o Ensino Médio - 10 a 13 anos de escolarização e **C** para Ensino Superior, mais de 13 anos de escolarização). A terceira letra para o *sexo* (**H** para homens, **M** para mulheres). Sendo assim, o informante **01BAH** trata-se de uma pessoa natural do município de Benjamin Constant, entre 20 a 30 anos de idade, com escolarização de 4 a 7 anos, homem, por exemplo.

Quadro 4: Codificação dos informantes por localidade – Benjamin Constant

Código	**Perfil dos informantes**
01BAH	1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), de 4 a 7 anos de escolarização, homem.
01BAM	1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), de 4 a 7 anos de escolarização, mulher.
02BAH	2º faixa etária (45 a 65 anos de idade), de 4 a 7 anos de escolarização, homem.
02BAM	2º faixa etária (45 a 65 anos de idade), de 4 a 7 anos de escolarização, mulher.
01BBH	1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), de 10 a 13 anos de escolarização, homem.
01BBM	1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), de 10 a 13 anos de escolarização, mulher.
02BBH	2º faixa etária (45 a 65 anos de idade), de 10 a 13 anos de escolarização, homem.
02BBM	2º faixa etária (45 a 65 anos de idade), de 10 a 13 anos de escolarização, mulher.
01BCH	1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), mais de 13 anos de escolarização, homem.
01BCM	1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), mais de 13 anos de escolarização, mulher.
02BCH	2º faixa etária (45 a 65 anos de idade), mais de 13 anos de escolarização, homem.
02BCM	2º faixa etária (45 a 65 anos de idade), mais de 13 anos de escolarização, mulher.

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 5: Codificação dos informantes por localidade – Tabatinga

Código	**Perfil dos informantes**
01TAH	1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), de 4 a 7 anos de escolarização, homem.
01TAM	1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), de 4 a 7 anos de escolarização, mulher.
02TAH	2º faixa etária (45 a 65 anos de idade), de 4 a 7 anos de escolarização, homem.
02TAM	2º faixa etária (45 a 65 anos de idade), de 4 a 7 anos de escolarização, mulher.
01TBH	1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), de 10 a 13 anos de escolarização, homem.
01TBM	1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), de 10 a 13 anos de escolarização, mulher.
02TBH	2º faixa etária (45 a 65 anos de idade), de 10 a 13 anos de escolarização, homem.
02TBM	2º faixa etária(45 a 65 anos de idade), de 10 a 13 anos de escolarização, mulher.
01TCH	1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), mais de 13 anos de escolarização, homem.
01TCM	1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), mais de 13 anos de escolarização, mulher.
02TCH	2º faixa etária (45 a 65 anos de idade), mais de 13 anos de escolarização, homem.
02TCM	2º faixa etária (45 a 65 anos de idade), mais de 13 anos de escolarização, mulher.

Fonte: elaborado pelo autor.

2.1.2 As entrevistas e os questionários linguísticos

O principal modo de coletar dados em pesquisa dialetal/variacionista é com a aplicação de questionário ou a partir do registro de conversa livre (entrevista sociolinguística), com o objetivo de coletar a fala dos informantes. Os questionários são definidos conforme os dados que se almeja coletar, "[...] pode ser fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático, prosódico, pragmático discursivo, metalinguístico [...]" (CARDOSO, 2010, p. 96).

Nesta pesquisa, a coleta de dados foi feita mediante a aplicação do questionário semântico-lexical, assim como através de elocução livre, feita após a aplicação dos questionários. O referido questionário abarcou o campo semântico do Meio Antrópico, dividido em três subáreas semânticas: alimentação e cozinha; relações sociais I (ciclos de vida) e relações sociais II (convívio e comportamento social). Para elaboração das perguntas dos questionários tivemos como base o modelo dos questionários 2001 do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB); Cruz (2004), Atlas Linguístico do Amazonas - (ALAM); Azevedo (2013), Aspectos dialetais do português da região Norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM). e Maia (2018), Atlas Linguístico do Sul Amazonense – (ALSAM). Ao todo, o questionário semântico-lexical foi composto de 98 questões. As entrevistas duraram em média de 40 a 50 minutos.

As perguntas dos questionários foram adaptadas ao objetivo desta pesquisa, bem como aos informantes para os quais foram destinadas. Foram acrescentadas algumas perguntas específicas às duas localidades em investigação, principalmente aquelas que objetivavam a identificação de interferências linguísticas de outras línguas ao português. Além disso, utilizamos a ficha da localidade (cf. Anexo, p. 140) a fim de conhecer os perfis sócio-históricos das cidades pesquisadas, bem como a ficha dos informantes (cf. Anexo, p. 143), visando fazer um controle das características sociais dos entrevistados.

2.1.3 O tratamento do áudio, a transcrição e o suporte quantitativo (elaboração de cartas)

Para dar conta do mapeamento da variação lexical e das possíveis ocorrências de empréstimos lexicais ao português na região em investigação, foi utilizado o método geolinguístico, visto que um dos seus principais objetivos é descrever a variação de uma

língua em um espaço geográfico específico. De acordo com Cardoso (2016, p. 17), "para dar cumprimento ao objetivo de detectar e descrever a variação, a Dialetologia recorre ao seu método por excelência, a Geografia Linguística, ou, como atualmente vem sendo denominada, a Geolinguística". Com a utilização dessa técnica foi possível apresentar os dados linguísticos em forma de mapa ou carta geográfica, ou seja, foi possível descrever a variação lexical e as interferências linguísticas mais utilizadas e específicas em cada área pesquisada através da visualização no espaço.

Para a elaboração das cartas linguísticas, nesta pesquisa, utilizamos o programa SGVCLin, desenvolvido por Seabra, Romano, Oliveira, (2014). Por meio dessa ferramenta computacional foi possível realizar o armazenamento e tratamento de dados coletados, bem como a elaboração de cartas linguísticas.

2.1.4 Perfil sócio-histórico das cidades pertencentes à região de tríplice fronteira Brasil/Colômbia/Peru

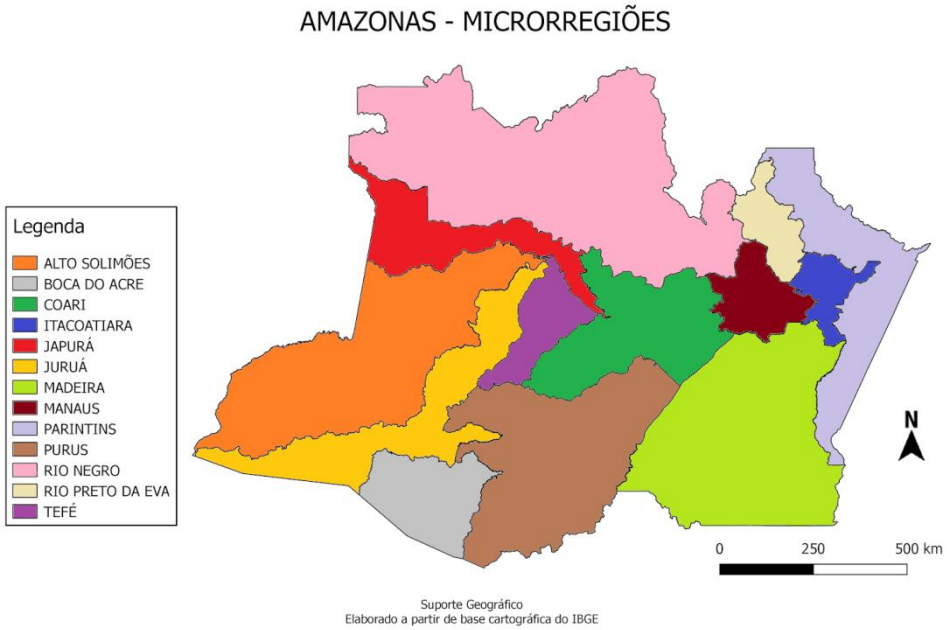
Nesta subseção, apresentamos informações relevantes acerca dos municípios selecionados para compor a rede de pontos desta pesquisa por meio de critérios históricos, geográficos, sócio-econômicos e culturais: Benjamin Constant e Tabatinga.

Em virtude da escassez no que se refere a informações acerca dos municípios amazonenses em livros, a escrita desta seção está baseada em fontes como o IBGE, através do site *https://cidades.ibge.gov.br7*,[5] informações coletadas em sites de notícias, ou mesmo com os entrevistados, além das observações do pesquisador enquanto morador das localidades.

A pesquisa foi realizada nos municípios brasileiros de Benjamin Constant e Tabatinga. Ambos se localizam no Estado do Amazonas, na microrregião do Alto Solimões e em fronteira com as cidades de Letícia/Colômbia e Islândia e Santa Rosa/Peru (IBGE, 2010).

[5] Consultado em 06/03/2021, às 11h.

Figura 8: Divisão política do Amazonas por microrregiões



Fonte:https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fsuportegeografico77.blogspot.com%2F2018%2F03%2Fmapas-microrregioes-do-amazonas.html.

Esses dois municípios compõem o grupo das 11 cidades que se localiza em área de tríplice fronteira em todo território nacional. De acordo com Souza (2015, p. 29), a referida tríplice fronteira

> é composta por três Estados-Nação, Peru, Colômbia e Brasil. Tem como cidades que representam esses estados: Tabatinga e Benjamin Constant (Brasil), Letícia (Colômbia), Islândia e Santa Rosa (Peru). As cidades brasileiras se localizam a oeste do estado do Amazonas, e têm como limites naturais os rios Solimões e Javari.

Figura 9: A tríplice fronteira [6]

[6] Na frente da imagem, lugar onde o pesquisador fotografou, situa-se a cidade de Santa Rosa, no Peru; do lado direito, localiza-se a cidade de Tabatinga, no Brasil, já do lado esquerdo, situa-se a cidade de Letícia, na Colômbia.

Fonte: arquivo pessoal do autor

A escolha das áreas investigadas deu-se por conta de suas particularidades linguísticas, pois nesses municípios, a Língua Portuguesa está em constante contato com a Língua Espanhola, assim como com determinadas línguas indígenas (Kokama, Ticuna, por exemplo), o que certamente ocasiona uma diferença lexical em relação a outras áreas do Estado do Amazonas, e, por localizarem-se na região de fronteira, possibilita a ocorrência de empréstimos lexicais. Além de questões linguísticas e geográficas, outras questões foram levadas em consideração para definição do local a ser analisado, como a própria história do povoamento dessa região, suas relações culturais, sociais, políticas e econômicas. Segundo Cardoso (2016),

> O estabelecimento da área a ser investigada define-se em razão de suas características linguísticas, mas também do que diz respeito a situação geográfica, a sua história, ao tipo de povoamento que a marcou e tem marcado, ao desenvolvimento econômico, a sua relação com as demais áreas a serem pesquisadas [...] (CARDOSO, 2016, p.18-19).

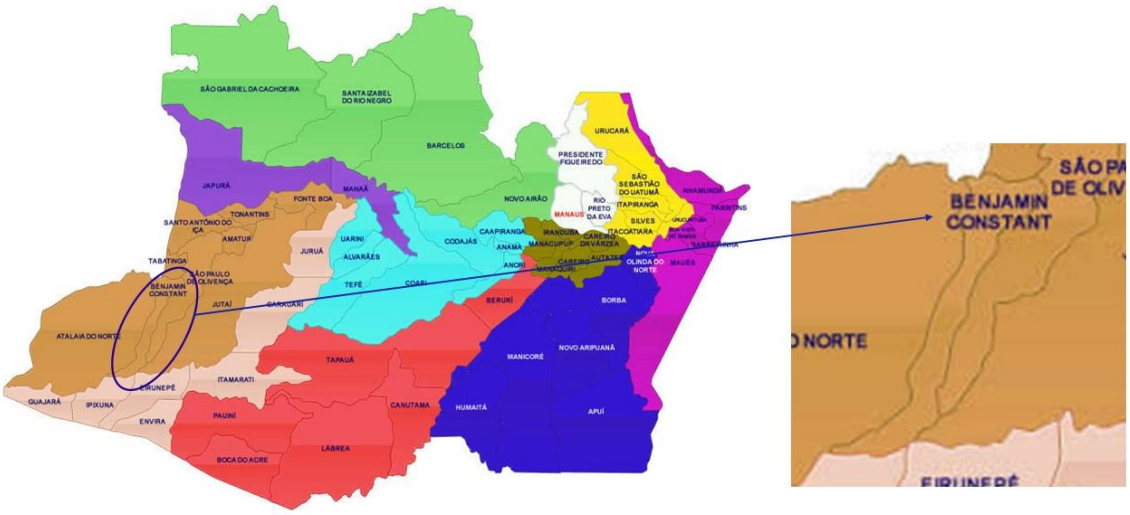
A seguir, apresentamos os perfis das duas localidades em estudo, os municípios de Benjamin Constant e Tabatinga.

2.1.4.1 Benjamin Constant

Segundo dados do IBGE (2010), Benjamin Constant é um município situado no interior do Estado do Amazonas, na região Norte do nosso país. A cidade está localizada na

microrregião do Alto Solimões e na mesorregião do Sudoeste do Estado. Segundo o último censo do IBGE (2010), sua população era de 33.411 habitantes, no entanto, estimava-se que até 2020, sua população chegaria a 43.935 de habitantes.

Figura 10: Mapa de Benjamin Constant (AM)



Fonte: https://www.coisaspraver.com.br/2012/11/mapa-do-amazonas-para-imprimir-e.html (adaptado pelo autor).

Segundo informações fornecidas no sítio do IBGE (2010), o povoamento do município de Benjamin Constant deve ter-se iniciado nas primeiras décadas do século XVIII. Por volta de 1750, já existia nas proximidades da foz do Javari, no Solimões, a aldeia do Javari, onde viviam os índios Ticunas, fundada pelos jesuítas. Nessa aldeia, seria instalada a Sede da Capitania, segundo a Carta Régia de 18 de julho de 1755, do governo português, dirigida ao governador do Grão-Pará, Mendonça Furtado. Este, todavia, por motivos expostos à Metrópole e por ela aceitos, resolveu sediar a capitania na Aldeia de Mariuá, no rio Negro. Em São José do Javari eram sediados então um destacamento militar e um posto fiscal (registro). O local, entretanto, não oferecia as condições necessárias ao fim a que estava servindo. Quanto à origem do nome do município, segundo Ferrarini (2013, p. 166), "o nome Benjamin Constant foi dado por sugestão de Cândido Rondon quando de passagem por essa região, chefiando a comissão mista de Letícia, substituindo assim seu antigo nome de Vila de Esperança".

De acordo com Ferrarini (2013), quanto à emancipação político-administrativa, o município foi criado em 29/01/1898, pela Lei Estadual nº 191, por desmembramento do território do município de São Paulo de Olivença. Em 1901, por efeito da Lei nº 328, de 4 de

janeiro, foi suprimido o município de Benjamin Constant, cujo território foi anexado ao de São Paulo de Olivença. Em 1904, deu-se a restauração do município de Benjamin Constant, pela Lei nº 446. Em 12 de outubro do mesmo ano, ocorreu a reinstalação do município de Benjamin Constant e a restauração do termo judiciário.

Figura 11: Vista aérea da Igreja Católica de Benjamin Constant (AM)

Fonte: https://portaldoamazonas.com/wp-content/uploads/2017/11/bj-consta-fb-prefeitura.jpg

A economia do município gira em torno dos serviços da prefeitura, de atividades autônomas, da pesca e de atividades agrárias de serviços bancários, serviços de transporte fluvial através de barcos regionais e lanchas rápidas, serviços de moto-taxistas e do comércio varejista e atacadista local. Quanto ao serviço comercial, o município apresenta uma grande concentração de lojas variadas e restaurantes peruanos e, em qualidade um pouco menor, colombianos. O acesso à cidade de Benjamin Constant pode ser feito somente via fluvial pelo Rio Solimões em barcos médios e lanchas rápidas.[7]

Segundo o IBGE (2010), em 2015, o PIB per capita do município foi de R$ 7.346,07. O índice de desenvolvimento humano municipal (IDHM), 2010, foi de 0,574. Em 2018, o salário médio mensal era de 1.8 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 5,8%. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 49,3% da população nessas condições.

O município conta com supermercados, fábrica de açaí, fábrica de gelo, olaria, serraria, hotéis, agências bancárias, agência de correios, canal de rádio e, ainda, com telefonia móvel. A energia elétrica é fornecida pela Eletrobrás Manaus Energia e a água pela

[7] As informações apresentadas no parágrafo são observações do pesquisador enquanto morador da cidade.

Companhia de Saneamento do Amazonas - COSAMA. Apresenta 12,3% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 12,8% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 6,6% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio) (IBGE, 2010).

Na aérea da saúde, em 2017, segundo o IBGE, a taxa de mortalidade infantil média na cidade era de 18.29 para 1.000 nascidos vivos. O município conta com o Hospital Geral De Benjamin Constant Doutor Melvino De Jesus e alguns postos de saúde para atendimento da população.

Na cultura, o município destaca-se por realizar o maior Festival Folclórico da Região do Alto Solimões, com a disputa dos bois bumbás Corajoso (representado pelas cores vermelho e branco) e pelo Mangangá (representado pelas cores verde e branco). Realiza carnaval de rua, com o tradicional desfile do bloco do soro, além disso, os blocos carnavalescos: bloco los dálmatas, bloco tribo folia, bloco das marias, bloco unidos de Coimbra, bloco unidos da colônia, disputam anualmente o título de campeão do carnaval local. Realiza também Festas Juninas Escolares com apresentação de danças típicas e quadrilhas por todas as escolas, o Festejo de São Francisco, o Festejo da padroeira do município, Nossa Senhora da Imaculada Conceição, dentre outros.

Figura 12: Festival Folclórico de Benjamin Constant (AM), 2013

Fonte: https://www.acritica.com/uploads/news/image/468952/show_1.jpg

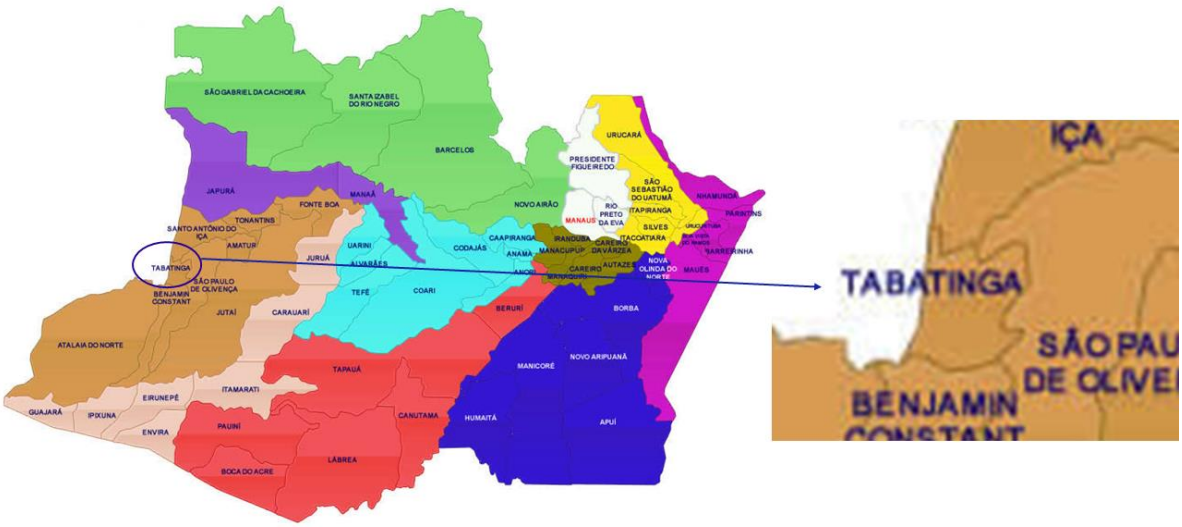
Na área de Educação, o município conta com várias escolas municipais e estaduais de Ensino Básico, bem com escolas municipais e particulares de Educação Infantil. Desde

2005, como política de interiorização da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, existe o Instituto de Natureza e Cultura - INC[8], que funciona com seis cursos: Licenciatura em Biologia e Química, Letras - Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola, Pedagogia, e bacharelados em Ciências Agrárias, Antropologia e Administração, os quais atraem estudantes de Atalaia do Norte, Tabatinga, São Paulo de Olivença, Santo Antônio do Içá, Jutaí, Tonantins, Amaturá, Fonte Boa, Manaus e de outras partes do Estado, de outros lugares do Brasil, bem como do Peru e Colômbia. [9]

2.1.4.2 Tabatinga

De acordo com o IBGE (2010), Tabatinga é um município localizado no interior do Estado do Amazonas, Região Norte do Brasil. Localiza-se à Microrregião do Alto Solimões e à Mesorregião do Sudoeste Amazonense. Possui área territorial de 3.266,062 km². Segundo o censo do IBGE (2010), sua população era de 52.272 habitantes, entretanto, esperava-se que até 2020, o município tivesse uma população de 67.182 pessoas, que atendem pelo gentílico de tabatinguense. A densidade demográfica é de 16,21 habitantes por quilômetro quadrado.

Figura 13: Mapa de Tabatinga (AM)



Fonte: https://www.coisaspraver.com.br/2012/11/mapa-do-amazonas-para-imprimir-e.html (adaptado pelo autor).

[8] https://www.ufam.edu.br/unidades-academicas/67-ufam-institucional/ufam-unidades-academicas/ufam-interior/141-benjamin.html.

[9] As informações apresentadas no parágrafo são observações do pesquisador enquanto morador da cidade.

De acordo com Ferrarini (2013), a cidade de Tabatinga deriva do povoado de São Francisco Xavier de Tabatinga, fundada na primeira metade do séc. XVIII por Fernando da Costa Ataíde Teives, que para ali transferiu um destacamento militar do Javari (mais ao sul, nas fronteiras Brasil – Peru), estabelecendo um posto de guarda de fronteiras entre domínios do Reino de Portugal e da Espanha.

Figura 14: Igreja Católica Matriz de Tabatinga (AM)

Fonte: arquivo pessoal do autor

A economia da cidade gira em torno dos serviços da prefeitura, de instituições do governo do Estado, de empresas particulares, de atividades autônomas, da pesca e de atividades agrárias de serviços bancários, serviços de transporte fluvial através de barcos regionais e lanchas rápidas, conhecida como catraia [10]nas duas localidades, serviços de moto-taxistas e do comércio varejista e atacadista local. Tabatinga está localizada na área de tríplice fronteira com o Peru e a Colômbia, motivo pelo qual torna este como acolhedor de muitos estrangeiros desses dois países. [11]

Segundo o IBGE (2010), em 2018, o PIB per capita foi de R$ 8.274,57. O índice de desenvolvimento humano municipal (IDHM), 2010, foi de 0,616. Em 2018, o salário médio mensal era de 2.0 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população

[10] Catraia é um termo falado para se referir a um meio de transporte fluvial baseado em uma lancha ou baleeira pequena motoriza bastante utilizado pelos moradores dos municípios de Benjamin Constant e Tabatinga no trajeto entre as duas cidades.
[11] As informações do parágrafo foram feitas pelo pesquisador enquanto conhecedor/morador do município.

total era de 5,3%. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 48,2% da população nessas condições.

O município conta com supermercados, fábrica de gelo, olaria, serraria, hotéis, agências bancárias, agência de correios, canal de rádio e televisão, ainda, com telefonia móvel. A energia elétrica é fornecida pela Eletrobrás Manaus Energia e a água pela Companhia de Saneamento do Amazonas - COSAMA. Apresenta 21,6% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 35,5% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 8,5% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio) (IBGE, 2010).

Na cidade, encontramos uma grande quantidade de lojas e restaurantes, colombianos e peruanos, onde vendem produtos, comidas vindas desses países, como o “ceviche”, a “arepa” e a “chicharón” e outras. Há boates e bares peruanos e colombianos que tocam os mais variados ritmos e gêneros de música (vallenato, cúmbia, reggaeton, bachata, além das músicas brasileiras). Nesses lugares, é possível encontrar vários tipos de bebidas nacionais e peruanas ou colombianas, como a “michelada”.

Na aérea da saúde, em 2017, segundo o IBGE, a taxa de mortalidade infantil média na cidade era de 22,93 óbitos por mil nascidos vivos. O município conta com o Hospital de Guarnição, administrado pelo exército brasileiro, uma Unidade de Pronto Atendimento - UPA e alguns postos de saúde para atendimento da população.

Na cultura, o município realiza o Festival das Tribos do Alto Solimões – FESTISOL. Anualmente, a onça pintada (representada pela cor vermelha) e a onça preta (representada pela cor azul) travam uma espetacular disputa na arena do “onçódromo” que impressiona e encanta a todos para conquistar o título de campeã.

Figura 15: Banner oficial do Festisol, 2019

Fonte: Página do facebook do Portal Tabatinga.

O município participa também, anualmente, da Festa da Confraternidade, evento realizado na cidade de Letícia, na Colômbia, que tem como objetivo unir os três países que formam a tríplice fronteira. A festa é dividida em três momentos: fica determinada uma noite para cada país realizar sua apresentação, visando mostrar um pouco das suas danças, comidas típicas e da sua cultura. O evento se encerra com a escolha da sua rainha (disputa entre brasileira, colombiana e peruana).

Figura 16: A brasileira Juliana de Oliveira recebendo a coroa de Senhorita Confraternidad 2021

Fonte: página do facebook do Portal Tabatinga.

Além desses dois eventos, os tabatinguenses realizam o carnaval, com o desfile das escolas de samba e blocos carnavalescos; as festas juninas escolares e os festejos do padroeiro do município, dentre outros.

O acesso à cidade pode ser feito via fluvial pelo Rio Solimões em barcos médios, lanchas e por via aérea pelo Aeroporto Internacional de Tabatinga. Nesse município, estão sediados o Comando de Fronteira Solimões e o 8º Batalhão de Infantaria de Selva, também conhecido como Batalhão Forte de São Francisco, uma unidade do Exército Brasileiro.

Na cidade, desde 2001, há também uma unidade da Universidade do Estado do Amazonas – UEA: o Centro de Estudos Superiores de Tabatinga - CESTB, o qual funciona com cinco cursos: Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, Pedagogia, Biologia, Matemática e Geografia, os quais atraem estudantes de Atalaia do Norte, Tabatinga, São Paulo de Olivença, Santo Antônio do Içá, Jutaí, Tonantins, Amaturá, Fonte Boa, Manaus, de outras partes do Estado e de outros lugares do Brasil, bem como do Peru e Colômbia. [12]Na cidade, existe ainda, desde 2010, o Instituto Federal do Amazonas – IFAM, o qual oferta os

[12] As informações do parágrafo foram feitas pelo pesquisador enquanto conhecedor/morador do município.

cursos Técnicos integrado em Administração, Informática, Agropecuária e Meio Ambiente, Técnicos Subsequente em Administração, Informática, Agropecuária, Recurso Pesqueiro e Meio Ambiente.

2.2 A VARIÁVEL DEPENDENTE E AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Segundo Coelho *et al.* (2018, p. 17), "comumente chamamos de variável o lugar na gramática em que se localiza a variação, de forma mais abstrata". Nesta pesquisa, trabalharemos no nível semântico-lexical, com isso as variáveis dependentes serão os significados representacionais dos significantes.

Quadro 6: As variáveis dependentes e as possíveis variantes

Nº	**Variáveis dependentes (significados representacionais)**	**Possíveis Variantes (significantes)**	**Origem da pergunta**
1.	Primeira refeição do dia, feita pela manhã.	CAFÉ DA MANHÃ DESJEJUM	ALiB (2001)
2.	Carne depois de triturada na máquina.	CARNE MOÍDA PICADINHO	ALiB (2001)
3.	Papa cremosa feita com coco e milho verde ralado, polvilhada com canela.	CURAU CANJICA	ALiB (2001)
4.	Bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar.	AGUARDENTE CACHAÇA PINGA	ALiB (2001) e ALSAM (MAIA, 2018)
5.	Pessoa que normalmente come demais.	GLUTÃO GULOSA	ALiB (2001)
6.	Aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa.	BALA CONFEITO BOMBOM	ALiB (2001) e ALSAM (MAIA, 2018)
7.	Comida que vocês fazem com o peixe que, depois de frito, vai novamente ao fogo, num molho de temperos e verduras já refogados.	ESCABECHE DE PEIXE	ALAM (CRUZ, 2004)
8.	Alimento feito de farinha seca e geralmente dado a pessoas que se encontram doentes, enfraquecidas.	MINGAU DE CARIDADE CALDO DA CARIDADE	ALAM (CRUZ, 2004) e ALSAM (MAIA, 2018)
9.	Comida feita de peixe assado, que depois de desfiado, é posto para cozinhar num refogado.	MOJICA CANJICA	ALAM (CRUZ, 2004)
10.	Tratamento que se dá ao peixe quando é assado só pelo lado de fora, quase cru no interior.	MOQUEAR ASSAR	ALAM (CRUZ, 2004) e ALSAM (MAIA, 2018)
11.	Comida preparada com o fígado da tartaruga.	PAXICÁ BATIDO	Elaborado pelo autor
12.	Alimento feito da mandioca ralada, enrolado na casca da banana.	PÉ-DE-MOLEQUE BEIJU	ALAM (CRUZ, 2004) e ALSAM (MAIA, 2018)
13.	O nome que se dá ao peixe salgado e seco ao sol.	PEIXESECO SALMORADO	ALAM (CRUZ, 2004) e ALSAM (MAIA, 2018)
14.	Alimentação que é feita com a farinha d´água ou seca. É boa para se comer com caldeirada.	PIRÃO ESCALDADO	ALAM (CRUZ, 2004) e ALSAM (MAIA, 2018)
15.	Comida daqui que é feita com o sangue da tartaruga ou tracajá.	SARAPATEL PATELZINHO	ALAM (CRUZ, 2004)

16.	Alimento preparado com goma, tucupi, jambu, camarão, sal, pimenta e que é servido em cuias, bem quente.	TACACÁ CALDO JAMBU	ALAM (CRUZ, 2004)
17.	Tipos de comida que se pode fazer com o tracajá.	SOPA GUISADO SARAPATEL	Elaborado pelo autor
18.	Alimento que é feito da goma de mandioca já seca e torrada no forno ou frigideira.	TAPIOCA BEIJU	ALSAM (MAIA, 2018)
19.	Doce feito de amendoim ou castanha com açúcar queimado que se deixa endurecer e se corta em quadrados.	QUEBRA-QUEIXO	ALSAM (MAIA, 2018)
20.	Sorvete que é feito de suco congelado em sacos.	DINDIM GELADINHO CURITE	ALSAM (MAIA, 2018)
21.	Aquilo que dá no feijão e no milho com o tempo.	GORGULHO BICHINHO	ALSAM (MAIA, 2018)
22.	Comida que é feita com o bucho do tambaqui.	GUERERÉ FAROFA	Azevedo (2013)
23.	Comida que é feita da carne do bodó seco.	PIRACUÍ	Azevedo (2013)
24.	Da castanha de caju se faz com açúcar e com farinha o quê?	PAÇOCA	Azevedo (2013)
25.	Sopa feita de galinha, tubérculos, vegetais e condimentos.	SANCOCHO CALDO DE GALINHA	Elaborado pelo autor
26.	Comida baseada em peixe cru marinado em suco de limão ou lima, batata cozida, milho, cebola de cabeça e pimentão.	CEVICHE CEBICHE	Elaborado pelo autor
27.	Comida que é feita geralmente de pequenos pedaços de diferentes tipos de carne, que são fritos até ficarem crocantes, normalmente servida com arroz e molho?	CHICHARRÓN EMPANADO	Elaborado pelo autor
28.	Comida feita de carne cortada em pequenas tiras refogada e frita com várias verduras, principalmente cebola de cabeça, batata e arroz e servida com arroz branco ou chaufa.	LOMO SALTADO ISCA	Elaborado pelo autor
29.	Alimento que tem um formato de panqueca e sua massa é feita com farinha de milho pré-cozida ou pão de milho moído, podendo ser frita, assada, cozida no vapor, grelhada e até fervida.	AREPA TORTILLA CHANGA	Elaborado pelo autor
30.	Comida que consiste em uma mistura de arroz frito com legumes, geralmente incluindo cebola chinesa, ovos e frango ou carne, rapidamente cozidos em fogo alto, geralmente em uma frigideira com molho de soja e óleo.	ARROZ CHAUFA	Elaborado pelo autor
31.	Comida feita de frango cozido, arroz e azeitona enrolado em folhas.	FANE TAMALES	Elaborado pelo autor
32.	Comida feita de peixe (preferíveis o tambaqui e o matrinxã) enrolado em folhas de bananeiras e recheado com frutas, verduras e condimentos e levado para assar ao fogo brando.	PUPECA	Elaborado pelo autor
33.	Comida feita de banana verde amassada e frita.	PATACÓN PATACÃO BANANA AMASSADA	Elaborado pelo autor
34.	Bebida que é feita a partir da mistura de farinha de mandioca, água e açúcar.	CHIBÉ JACUBA	Elaborado pelo autor
35.	Refresco que é feito com o milho de cor roxa, o *maíz morado*, fervido com especiarias e frutas e depois adoçado a gosto?	CHICHA MORADA SUCO DE MILHO	Elaborado pelo autor
36.	Alimento que consiste na mistura da massa do milho verde, leite (ou leite de coco), sal (ou açúcar), manteiga,	PAMONHA CUMINTA	Elaborado pelo autor

	canela e erva-doce.		
37.	Bebida que resulta das cascas de abacaxi postas de molho na água, por três dias, depois, adiciona-se açúcar e ferve-se a mistura e depois a deixa-se esfriar e gelar.	ALUÁ ARUÁ	Elaborado pelo autor
38.	Bebida que é feita de mandioca, arroz, milho ou abacaxi. Sua preparação consiste em deixá-los fermentar em uma recipiente com água por um tempo aproximado de 8 dias, até que a mistura comece a gerar espuma?	CAIÇUMA MASATO	Elaborado pelo autor
39.	Bebida que deriva da mistura da cerveja, limão e sal.	MICHELADA CHOPP SUJO	Elaborado pelo autor
40.	Como se chama isso (mostrar a imagem)?	PACOTE BALINHA CAIXINHA	Elaborado pelo autor
41.	Alimento que consiste em um pão recheado com lascas de tucumã, banana madura frita, queijo coalho e manteiga.	X-CABOQUINHO SANDUÍCHE	Elaborado pelo autor
42.	Alimento que consiste em um pão com salsicha e molho.	KIKÃO HOT DOG CACHORRO-QUENTE	Elaborado pelo autor
43.	Bebida indígena feita da massa da mandioca, usada como alimento quando está doce, mas quando fica fermentada depois de dois dias que levanta torna-se uma bebida alcoólica fortíssima.	PAJUARÚ	Elaborado pelo autor
44.	Comida feita do peixe de tambaqui, normalmente coloca-se água, batata, cebola, tomate, pimentão e chicória.	CALDEIRADA CALDO	Elaborado pelo autor
45.	Molho feito com água de goma e pimenta, que pode acompanhar vários pratos.	TUCUPI MOLHO	Elaborado pelo autor
46.	Alimento que é feito da banana verde cozida e amassado.	TACATE TACACHO	Elaborado pelo autor
47.	Comida que é feita com ovo cru batido e pode ser acrescentado açúcar, leite e até farinha.	OVO BATIDO PONCHO	Elaborado pelo autor
48.	Alimento que é feito com a banana madura assada, esfarelada em um recipiente e depois acrescenta-se água, açúcar e, em algumas vezes, leite.	MINGAU DE BANANA CHAPO	Elaborado pelo autor
Relações Sociais I (Ciclos de vida)			
49.	As mulheres perdem sangue todos os meses.	MENSTRUAÇÃO BODE	ALiB (2001), ALAM (CRUZ, 2004) e ALSAM (MAIA, 2018)
50.	A mulher que ajuda a criança a nascer.	PARTEIRA MADRINHA	ALiB (2001), ALAM (CRUZ, 2004) e ALSAM (MAIA, 2018)
51.	Duas crianças que nasceram no mesmo parto, na mesma hora.	GÊMEOS REPETIDOS	ALiB (2001) e ALAM (CRUZ, 2004)
52.	Quando a mulher fica grávida, mas não quer ter a criança, ela toma remédio para quê?	ABORTAR JOGAR	ALiB (2001) e ALAM (CRUZ, 2004)
53.	Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?	MÃE-DE-LEITE	ALiB (2001), ALAM (CRUZ, 2004) e ALSAM (MAIA, 2018)
54.	O filho que nasceu por último.	FILHO MAIS MOÇO CAÇULA MAIS NOVO	ALiB (2001) e ALAM (CRUZ, 2004)
55.	O marido quando uma mulher passa ele para trás.	CORNO CHIFRUDO	ALiB (2001) e ALAM (CRUZ, 2004)
56.	A mulher que vende seu corpo para qualquer homem, em troca de dinheiro.	PROSTITUTA PUTA QUENGA	ALiB (2001) e ALAM (CRUZ, 2004)

57.	Uma pessoa que já morreu, em uma conversa, geralmente não menciona mais o nome daquela pessoa.	DEFUNTO FINADO FALECIDO	ALiB (2001), ALAM (CRUZ, 2004) e ALSAM (MAIA, 2018)
58.	Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha?	MADRASTA BOADRASTA MALDRASTA	ALiB (2001), ALAM (CRUZ, 2004) e ALSAM (MAIA, 2018)
59.	A pessoa que tem o mesmo nome da gente.	XARÁ MEU PEIXE	ALAM (CRUZ, 2004)
60.	Quando a mulher está esperando nenê.	GRÁVIDA BUCHUDA PRENHA OVADA	ALSAM (MAIA, 2018)
61.	E quando o nenê nasce, diz-se que ela...	GANHOU NENÊ PARIU DEU A LUZ	ALSAM (MAIA, 2018)
62.	O repouso da mulher, por vários dias (às vezes até 40) após o parto.	RESGUARDO LICENÇA	ALSAM (MAIA, 2018)
63.	Quando um homem e uma mulher vivem maritalmente sem serem casados, eles são o quê?	JUNTOS AMIGADOS	ALSAM (MAIA, 2018)
64.	A criança do sexo masculino de 5 a 10 anos.	MENINO MOLEQUE CURUMIM PIRRALHO	ALiB (2001) e ALSAM (MAIA, 2018)
65.	A criança do sexo feminino de 5 a 10 anos.	MENINA MOLECA CUNHANTÃ PIRRALHA	ALiB (2001) e ALSAM (MAIA, 2018)
Relações Sociais II (Convívio e Comportamento social)			
66.	A pessoa que fala demais.	TAGARELA GASGUITA	ALiB (2001) e ALSAM (MAIA, 2018
67.	A pessoa pouco inteligente que tem dificuldade em aprender as coisas.	BURRO LENTO LESO	ALiB (2001) e ALSAM (MAIA, 2018)
68.	A pessoa que tem a pele bem escura.	NEGRO PRETO	ALSAM (MAIA, 2018)
69.	A pessoa que tem a pele um pouco escura porque só o pai ou a mãe é negro.	MULATO MORENO	ALSAM (MAIA, 2018)
70.	A pessoa que não é índio, mas tem sangue indígena por ter um dos pais índios.	CABOCLO MISCIGENADO MISTURADO	ALSAM (MAIA, 2018)
71.	A pessoa que mora na beira dos rios e vive da plantação e criação de animais.	RIBEIRINHO AGRICULTOR	ALSAM (MAIA, 2018)
72.	Cidadão que vem de fora do país para conhecer a região e fala outra língua.	ESTRANGEIRO TURISTA FORASTEIRO	ALSAM (MAIA, 2018)
73.	A pessoa que não paga suas contas.	VELHACO MAU PAGADOR CALOTEIRO	ALiB (2001) e ALSAM (MAIA, 2018)
74.	A pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa fome para não gastar.	MÃO-DE-VACA SOVINO MÃOZINHA MISERÁVEL	ALiB (2001) e ALSAM (MAIA, 2018)
75.	A pessoa que bebe muita bebida alcoólica e perde o controle de suas ações momentaneamente.	BÊBADO PORRE	ALiB (2001) e ALSAM (MAIA, 2018)
76.	Outras designações para bêbado	PORRE	ALiB (2001) e ALSAM

		BORRACHO	(MAIA, 2018)
77.	A mulher que se envolve por meio de um relacionamento amoroso com outra mulher.	LÉSBICA MACHUDA	Elaborado pelo autor
78.	O homem que se envolve por meio de um relacionamento amoroso com outro homem.	HOMOSSEXUAL GAY BICHA VEADO	ALSAM (MAIA, 2018)
79.	A pessoa que tem pressa, que é impaciente, quer tudo rápido.	AFOBADO AVEXADO	ALSAM (MAIA, 2018)
80.	A criança muito levada, que vive fazendo travessuras.	DANADO PERALTA	ALSAM (Maia, 2018)
81.	A pessoa que vive bajulando outra por algum interess.	PUXA-SACO BABA-OVO	ALSAM (MAIA, 2018)
82.	O nome que se dá para quando o pai chama a atenção do filho porque ele fez algo de errado? As crianças e adolescentes não fazem algo errado por medo de _____?	CARÃO RALHO	ALSAM (MAIA, 2018)
83.	A pancada que se dá na cabeça de alguém com o dedo dobrado.	COCOROTE COQUE CASCUDO	ALSAM (MAIA, 2018)
84.	A pessoa que fala e grita muito alto.	GASGUITA ALTO-FALANTE	ALSAM (MAIA, 2018)
85.	O cidadão que nasceu no Peru.	PERUANO PAISANO PAGA N'ÁGUA	Elaborado pelo autor
86.	O cidadão que nasceu no Colômbia.	COLOMBIANO COLÔMBIA	Elaborado pelo autor
87.	O homem que sobrevive ou é sustentado por outra pessoa em troca de serviços sexuais.	GIGOLÔ BOY	Elaborado pelo autor
88.	O povo que os homens têm o cabelo e a barba grandes e as mulheres usam um pano na cabeça, a grande maioria possui comércios em vários lugares da nossa cidade.	ISRAELITAS CABELUDOS FEDORENTOS	Elaborado pelo autor
89.	Os cidadãos que vivem em comunidades como Umariaçú e Feijoal.	INDÍGENA TICUNA CHURARA MECHEZINDO	Elaborado pelo autor

Fonte: elaborado pelo autor

A partir do surgimento da Sociolinguística, vimos que os estudiosos dessa área começaram a se preocupar em buscar fora da estrutura linguística as razões pelas quais as línguas variavam e mudavam, dado que, antes disso, os pesquisadores em linguística deixavam de lado os elementos extralinguísticos. Hoje, sabemos que toda língua natural é constituída de heterogeneidade em todos os seus níveis linguísticos (semântico-lexical, fonético-fonológico, morfológico, sintático e discursivo) e que esse caráter heterogêneo é regulado tanto por fatores de natureza linguística, quanto por fatores de natureza extralinguística.

No entanto, a depender do nível linguístico, os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos podem se mostrar mais ou menos relevantes na explicação do processo de variação linguística. Segundo Coelho *et al.* (2018, p. 25),

> [...] os aspectos lexicais são menos sistematizáveis do que os fonético-fonológicos, morfológicos ou sintáticos, visto que esses últimos são regulados por condicionadores internos, além dos externos, enquanto os lexicais estão intimamente ligados a fatores extralinguísticos, de caráter cultural, sobretudo etnográficos e históricos.

Conforme elucidado por Coelho *et al.* (2018), nos níveis fonético-fonológico, morfológico e sintático, além dos grupos de fatores extralinguísticos (geográfico, diastrático e estilístico), temos os grupos de fatores linguísticos condicionando e regulando a variabilidade linguística, por exemplo, a posição do fonema na palavra, classe de palavra, a posição da palavra na sentença, entre outros. Já no nível lexical, os grupos de fatores linguísticos se mostram irrelevantes, em razão de estarem intimamente ligados aos grupos de fatores extralinguísticos. Por esse motivo, incialmente, não levantaremos grupos de fatores linguísticos nesta pesquisa, isto é, trabalharemos apenas com os fatores externos (*localidade, sexo, faixa etária* e *escolaridade*).

2.2.1 Grupos de fatores extralinguísticos

Nesta pesquisa, como já foi mencionado, controlamos as variáveis independentes extralinguísticas *localidade*, *sexo, faixa etária* e *escolaridade*, a fim de entender até que ponto tais variáveis condicionam o processo de variação semântico-lexical nas localidades pesquisadas.

2.2.1.1 Variação diatópica (*localidade*)

Como sabemos, nos primórdios dos estudos dialetais, o maior objetivo dos dialetólogos foi à descrição da variação linguística ocasionada por fatores geográficos. No entanto, com o passar do tempo, esses estudiosos começaram a incluir as variáveis de cunho social, sem perder, no entanto, seu objetivo principal, a variação linguística diatópica. No Brasil, o maior estudo de mapeamento linguístico no nosso país vem sendo feito pelo projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

No Amazonas, alguns trabalhos já foram realizados nessa perspectiva: O falar do caboco amazonense: (aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves (CORRÊA, 1980), Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM (CRUZ, 2004), Aspectos dialetais do português da região Norte do Brasil: um estudo sabre as vogais pretônicas e sobre o léxico do Baixo Amazonas (PA) e do Médio Amazonas (AM) – (AZEVEDO, 2013), Atlas

Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM (MAIA, 2018) e outros. Assim como nessas pesquisas realizadas, esperamos encontrar semelhanças e diferenças da variação semântico-lexical do português falado nos municípios de Benjamin Constant e Tabatinga com o português falado em outras áreas do estado do Amazonas.

Quadro 7: Localidade

Localidades	
Benjamin Constant	Tabatinga

Fonte: elaborado pelo autor

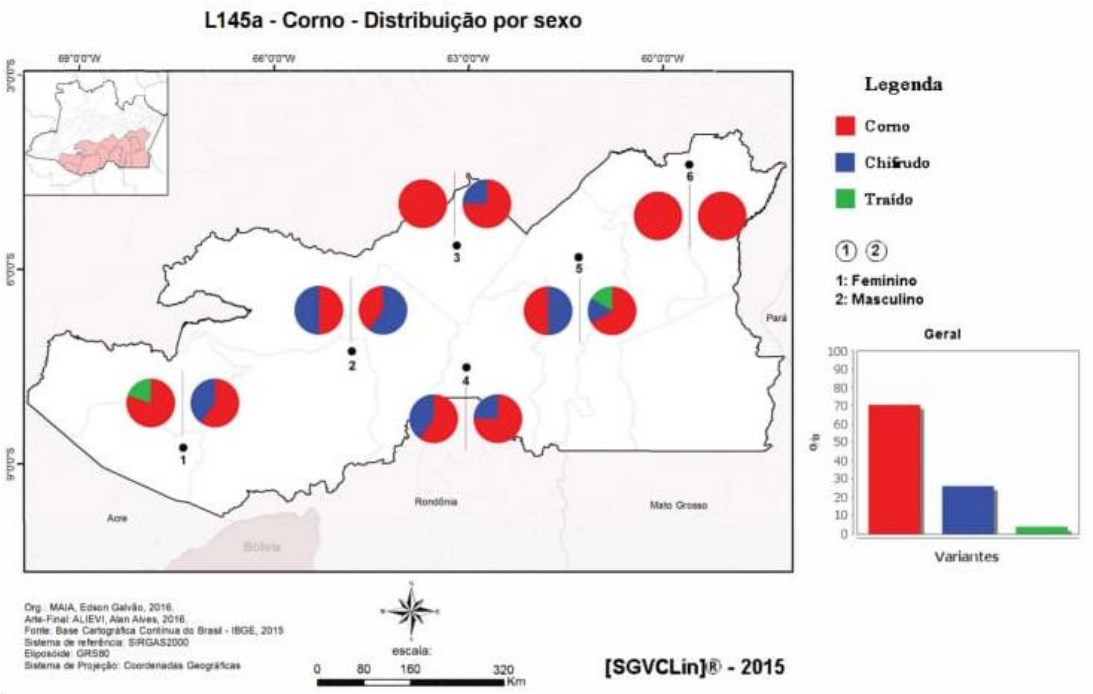
2.2.1.2 Variação diagenérica (*sexo*)

A variável *sexo* esteve presente desde o início dos estudos dialetais, conforme podemos comprovar ao analisar os perfis dos informantes do Atlas Linguistique de la France (ALF). Mesmo em um número menor, percebemos a presença de mulheres como informantes da pesquisa, "[...] embora em proporção pouco significativa para a mulheres – 60 informantes do gênero feminino num total de cerca de 700 dos que foram inqueridos [...]" (BOP, 1950 *apud*, CARDOSO, 2010 p. 128). Apesar de selecionar mulheres, as pesquisas dialetológicas tradicionais não faziam um controle sistemático dessa variável na apresentação dos dados, visto que seus principais objetivos estavam voltados para a descrição da variação linguística na perspectiva diatópica, quer dizer, numa visão monodimensional.

Nesse sentido, Thun (2000), ao considerar os atlas linguísticos já realizados, os classificou em três grupos – potencialmente pluridimensional, parcialmente pluridimensional e sistematicamente pluridimensional. Para o último grupo o autor cita três atlas, dois deles brasileiros: o Atlas linguístico de Sergipe e o Atlas linguístico do Paraná, além do já citado Atlas linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU), nos quais a variável *sexo* se mostrou relevante para a descrição da heterogeneidade linguística.

No Amazonas, alguns trabalhos que levaram em consideração o *sexo* do informante foram: Cruz (2004), Azevedo (2012), Maia (2018) e Viana (2019). Tais pesquisas apontam para a significativa influência dessa variável em algumas variantes do falar amazonense. Como podemos comprovar na Carta linguística 145a abaixo:

Figura 17: Carta lexical 145a – Corno– distribuição por sexo – Maia (2018)



Fonte: Maia (2018)

Na carta linguística apresentada na Figura 17, ao considerar apenas o município de Tapauá (ponto 3), percebe-se que, somente alguns homens utilizaram a variante *chifrudo*, dado que a variante *corno*, esteve presenta na fala de 100% das mulheres. Esse é um dado interessante para mostrar diferença entre a fala de homens e mulheres. Sendo assim, faremos a estratificação dos informantes desta pesquisa considerando o *sexo*, homens e mulheres.

Quadro 8: Variável independente extralinguística: sexo (diagenérica)

Sexo	
Homem	Mulher

Fonte: elaborado pelo autor

2.2.1.3 Variação diageracional (*faixa etária*)

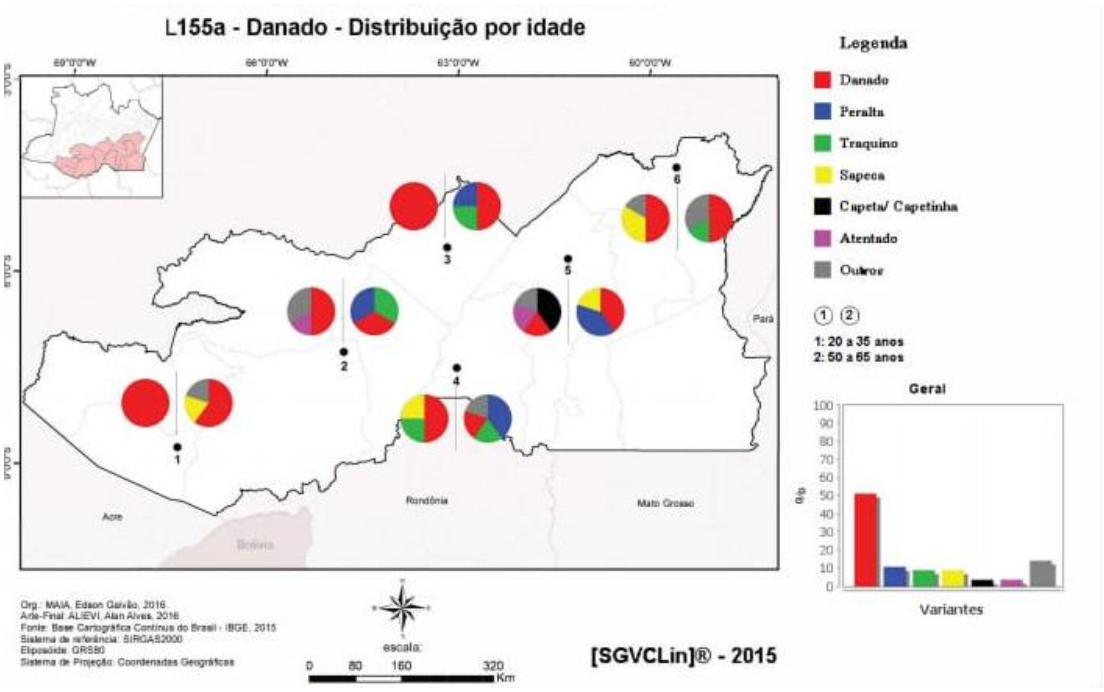
A variável independente extralinguística *faixa etária* também sempre esteve presente nos estudos de cunho dialetológico, como na produção do Atlas Linguistique de la France (ALF), de Gilliéron e Edmont, e no estudo feito por Terracini, na Itália, Gardette. No entanto, nem sempre foi tratada como na atualidade, pois apesar de tais estudos considerarem informantes de idades distintas, essa variável não era controlada sistematicamente na cartografia linguística (na apresentação dos dados). Segundo Cardoso (2010, p. 51), "é, porém, o Linguistic Atlas of New England (LANE) que vai trazer, pela primeira vez, o controle etário com a documentação sistemática de informantes mais velhos e de meia-idade". É somente a partir do início de século XX que os estudos na área da dialetologia vão dar a

devida atenção ao fator diagenérico, por meio disso, perceber as diferenças linguísticas que existem entre falantes das diversas gerações. Os dados são apresentados em cartas linguísticas pluridimensionais, o que permite perceber além da diferença diatópica, a diferença diageracional, diagenérica, diastrática e outras, além de oferecer a possibilidade de relacionar essas variáveis extralinguísticas.

Um exemplo desse recurso metodológico foi utilizado por Thun e Elizaincin, na produção do Atlas linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU). De acordo com Cardoso (2010, p. 51), "foi preciso chegar-se ao final do século XX para se vir a dispor de cartas que documentem os fatos de língua relacionados e identificados com os informantes selecionados segundo a faixa etária" (CARDOSO, 2010, p. 51).

No Amazonas, alguns trabalhos dialetológicos que levaram em consideração a *faixa etária* do informante foram: Cruz, (2004), Azevedo (2012), Maia (2018) e Viana (2019). Tais pesquisas apontam apara a significativa influência dessa variável em algumas variantes do falar amazonense. Conforme podemos comprovar ao analisar a carta lexical 155a - Danado.

Figura 18: Carta lexical155a – Danado – distribuição por idade – Maia (2018)



Fonte: Maia (2018)

Ao analisar a carta linguística apresentada na Figura 18, destacamos que em Boca do Acre (ponto 1) e Tapauá (ponto 3), apenas se registrou a variante *danado* na fala de informantes da 1ª faixa etária (de 20 a 35 anos), enquanto na fala de informantes da 2ª faixa

etária (50 a 65 anos) se encontram outras variantes como *danado*, *peralta*, *traquino* e outras. Esse é um dado interessante para mostrar diferença entre a fala de informantes com faixa etária distinta.

Sendo assim, acreditamos que a algumas variantes semântico-lexicais estejam diretamente relacionadas à idade dos informantes. Com isso, esta pesquisa, contemplará a variável f*aixa etária*, conforme ilustrado no Quadro 9, a seguir:

Quadro 9: Variável independente extralinguística: faixa etária (diageracional)

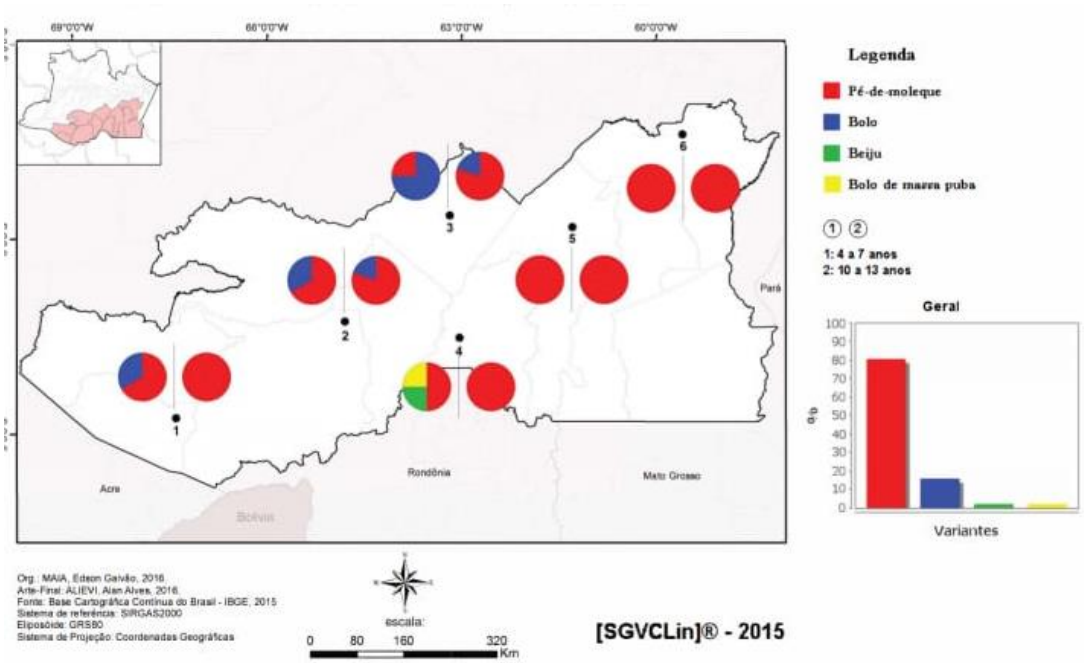
Faixa etária	
20 a 35 anos	50 a 65 anos

Fonte: elaborado pelo autor

2.2.1.4 Escolaridade

No Amazonas, algumas pesquisas que levaram em consideração a *escolaridade* do informante foram: Azevedo (2013), Maia (2018) e Viana (2019). Tais pesquisas concluíram que a variável *escolaridade* influencia o uso de algumas variantes do falar amazonense. A seguir, apresentamos um dado interessando extraído de Maia (2018), sobre a influência da variável independente extralinguística *escolaridade* no falar amazonense.

Figura 19: Carta lexical L070a – Pé-de-moleque – distribuição por escolaridade – Maia (2018)



Fonte: Maia (2018)

A carta linguística apresentada na Figura 19 mostra que em Boca do Acre (ponto 1) e Humaitá (ponto 4), o pesquisador registrou 100% de ocorrência da variante *pé-de-moleque* no grupo de falantes com escolarização de 10 a 13 anos, enquanto na fala de informantes com escolarização de 4 a 7 anos, encontram-se além da variante *pé-de-moleque*, outras como *bolo, "beiju" e bolo de massa puba*. Esse resultado revela uma pequena diferença entre grupos de falantes com *faixa etária* diferente. De acordo com isso, esperamos concluir que a algumas variantes semântico-lexicais estão diretamente relacionadas à *escolaridade* dos informantes.

Quadro10 - Variável independente extralinguística: escolaridade

Escolaridade		
Fundamental II (4 a 7 anos de escolarização)	**Ensino Médio** (10 a 13 anos de escolarização)	**Ensino Superior** + de 13 anos

Fonte: elaborado pelo autor

2.3 SÍNTESE

Nesta seção, inicialmente, elucidamos os procedimentos metodológicos desta pesquisa: a rede de pontos, ou seja, as cidades nas quais foi realizada a aplicação dos questionários linguísticos; a seleção, quantificação e estratificação social dos informantes. Logo depois, mostramos o caráter das entrevistas e dos questionários linguísticos, o tratamento, a transcrição dos dados, o suporte quantitativo (elaboração de cartas linguísticas), assim como fazemos uma descrição sócio-histórica das localidades investigadas. Para finalizar, discorremos sobre as variáveis dependentes e independentes extralinguísticas. No Capítulo 3, a seguir, discorreremos sobre os resultados encontrados nesta pesquisa.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados a análise e a discussão dos resultados da variação semântico-lexical do português falado na região de tríplice fronteira (Benjamin Brasil/Colômbia/Peru) através das cartas linguísticas geradas no Programa SGVClin.

Esta investigação teve como objetivo geral investigar a variação semântico-lexical (Alimentação e Relações Sociais) do português falado nos municípios de Benjamin Constant e Tabatinga, na região fronteira Brasil/Colômbia/Peru. Para isso, conforme apresentado no Capítulo 2, foram selecionados 24 moradores naturais dessas duas localidades (12 em cada), levando em consideração a estratificação em *sexo* (homem/mulher), *faixa etária* (de 20 a 35 anos e 45 a 65 anos) e *grau de escolaridade* (três níveis: Ensino fundamental II - 4 a 7 anos de escolarização; Ensino Médio - 10 a 13 anos de escolarização; e Ensino Superior – mais de 13 anos de escolarização).

Fez parte também dos objetivos da nossa análise: i) comparar a variação semântico-lexical do português falado nos dois municípios com a variação semântico-lexical do português falado em outras regiões do estado do Amazonas, tendo como base, para efeito de comparação, as pesquisas de Cruz (2004), Maia (2018), Azevedo (2013) e Viana (2019); ii) analisar a variação semântico-lexical de acordo com a estratificação social dos informantes, tendo como controle as variáveis independentes extralinguísticas de *localidade*, *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*. Por fim, iii) averiguar a ocorrência de empréstimos lexicais no português falado nas duas localidades, decorrentes do contato com variedades do espanhol colombiano e peruano e algumas línguas indígenas, como a Kokama e a Tikuna.

Como já apresentado na metodologia, para a coleta das variantes lexicais, foi aplicado nas duas localidades nosso questionário semântico-lexical, o qual abarcou o campo semântico do Meio Antrópico, dividido em três subáreas semânticas: alimentação e cozinha; relações sociais I - ciclos de vida e relações sociais II - convívio e comportamento social. Para elaboração das perguntas dos questionários tivemos como base o modelo dos questionários 2001 do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), Cruz (2004), Azevedo (2013) e Maia (2018).

Nosso QSL é composto de 89 questões. Dentre elas, selecionamos 20 (vinte) para elaboração de cartas linguísticas. Priorizamos na seleção, as questões que melhor respondiam aos objetivos desta investigação, a saber: 1–café da manhã, 6–bombom, 12–pé-de-moleque, 14–pirão, 20 – dindim, 22 – guereré, 25- caldo de galinha, 27 – empanado, 29 – isca, 34 –

chibé, 36 – pamonha , 39 – chopp sujo, 55 – corno, 56-prostituta, 60- grávida, 64 – menino, 65 – menina, 68- negro, 70-bêbado e 78- homossexual.

As demais questões não foram analisadas ao levarmos em conta diversos critérios, a saber:

I) Questões que registraram homogeneidade nas respostas: 03 – Mungunzá; 08 – mingau de caridade; 13 – peixe seco; 15 – Sarapatel; 16 – Tacacá; 18 – Tapioca; 19 – Cocada; 21 – Gorgulho; 32 – Pupeca; 41 – X-caboquinho; 45 – Molho de tucupi; 50 – Parteira; 51 – Gêmeos; 58 – Madrasta e 62 - Resguardo.

II) Questões que os referentes não são comuns na região, com isso, registramos o uso homogêneo de algumas variantes, bem como um alto percentual de abstenção nas respostas dos informantes: 7 – Escabeche; 22 – Buchada; 23 – Piracuí e 24 – Paçoca.

III) Questões com referentes inexistentes no Brasil, em consequência disso, identificamos o uso homogêneo de algumas variantes, bem como um alto percentual de abstenção nas respostas dos informantes: 26 – Ceviche; 29 – Arepa; 30 – Arroz Chaufa; 31 – Fane; 35 – Cicha morada e 48 – Chapo.

IV) Questões que apresentaram variação, entretanto suas análises não foram postas aqui com intuito de delimitar a análise: 2 – Carne Moída; 4 – Cachaça; 5 – gulosa; 42 – Cachorro-quente; 49 – Menstruação; 53 – Mãe-de-leite; 54 – Caçula; 57 – Finado; 59 – Xará; 61 – Deu a luz; 63 – Amigados; 66 – Tagarela; 67- Burro; 69 – Moreno; 71 – Ribeirinho; 72 – Estrangeiro; 74 – Mão-de-vaca; 77 – Lésbica; 79 – Apressado; 80 – Danado; 81 – Puxa-saco; 82 – Apanhar; 83 – Coque; 85 – Peruano; 86 – Colombiano; 87 – Gigolô; 88 – Israelita e 89 – Indígena.

V) Questões que obtiveram um baixo percentual de respostas dos informantes seja por motivo de não entenderem a pergunta, por não saberem responder, por distração na hora da entrevista, ou simplesmente por não quererem responder: 9 – Mojica; 10 – Moqueado; 11 – Sarapatel; 37 – Chicha; 40 – Balinha; 43 – Pajuarú; 47 – Ponche; 52 – Abortar; 70 – Descendente; 73 – Caloteiro e 84 – Gasguita.

VI) Questões com perguntas abertas ou fechadas, as quais obtiveram como respostas muitas variantes que não correspondiam ao referente em questão: 17 – Sarapatel; 44 – Caldeirada e 76 – Bêbado.

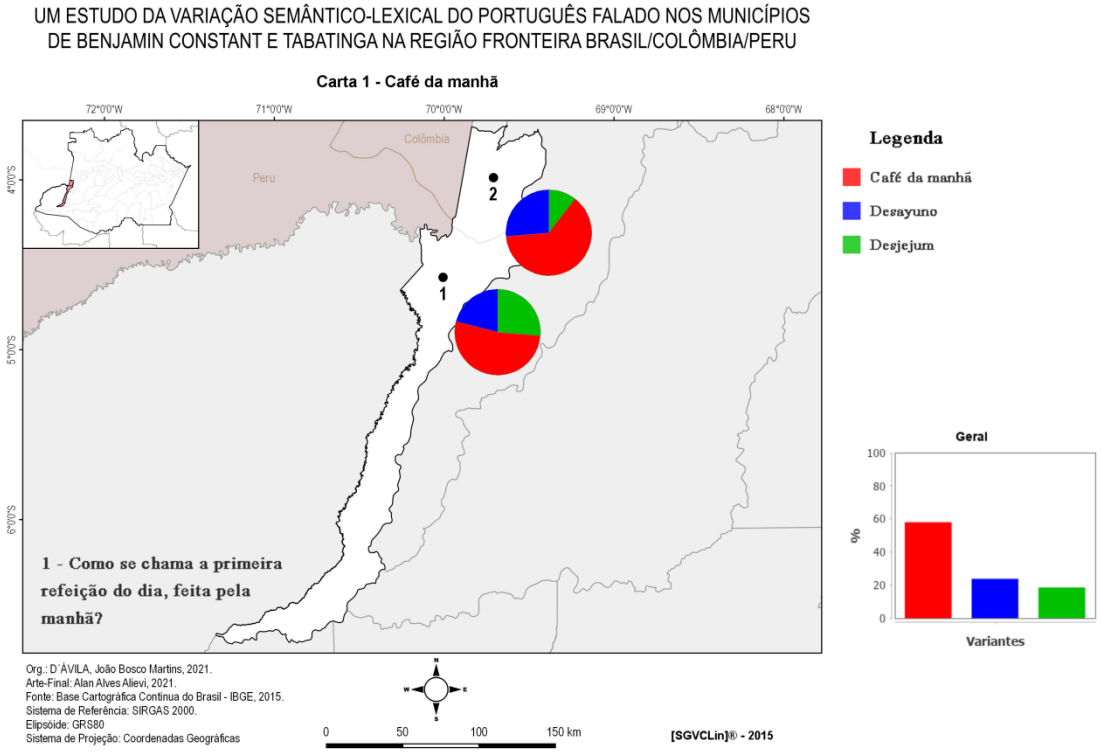
VII) Questões que as variantes se direcionam mais para uma análise fonética do que lexical: 26 – Ceviche 33 – Patacão; 46 – Tacate.

Dito isso, passemos para a análise da primeira questão selecionada:

3.1 CAFÉ DA MANHÃ

Segundo Bechara (2011, p. 245), café da manhã, "é a primeira refeição do dia; desjejum". A pergunta relacionada a esse referente foi: como se chama a primeira refeição do dia, feita pela manhã? Essa pergunta foi retirada do questionário semântico-lexical do Atlas linguístico do Brasil (ALiB).

A seguir, apresentamos a Carta Linguística 1 explicitando os dados registrados nas duas localidades investigadas.



Em nossa pesquisa, identificamos as duas variantes (*café da manhã* e *desjejum*) dicionarizadas em Língua Portuguesa, além disso, registramos a variante *Desayuno***,** léxico que corresponde à forma traduzida da palavra desjejum na Língua Espanhola "desayuno, desjejum; pequeno almoço; café da manhã" (GUIMARÃES, 1999, p. 89). De modo geral, a variante *café da manhã* apresentou um percentual de 57.89% (22 ocorrências) ao passo que *Desayuno* apresentou 23.68% (nove ocorrências) e *Desjejum* 18.42% (sete ocorrências).

Quadro 11: Resultados da Questão 1, de acordo com a ordem das respostas

Questão: 1	A primeira refeição do dia feita pela manhã.		
Localidade: Benjamin Constant			
Variantes	**Café da manhã**	**Desayuno**	**Desjejum**
Resposta	Nº de respostas	Nº de respostas	Nº de respostas
1ª	8	2	2
2ª	2	2	2
3ª			1
Localidade: Tabatinga			
1ª	11	1	
2ª	1	4	
3ª			2

Fonte: elaborado pelo autor

Considerando o percentual de ocorrências por ponto de inquérito, em Benjamin Constant, a denominação mais recorrente foi *café da manhã* com 52.63% (dez ocorrências), seguida de 26.32% de *Desjejum* (cinco ocorrências) e 21.05% de *Desayuno* (quatro ocorrências). Em Tabatinga, as variantes *Café da manhã, Desayuno e Desjejum* ocorreram em, respectivamente, 63.16% (doze ocorrências), 26.32% (cinco ocorrências) e 10.53% (duas ocorrências).

Ao levar em conta as variáveis extralinguísticas *sexo, faixa etária e escolaridade*, obtivemos os seguintes dados:

Quadro 12: Resultados da Questão 1, de acordo com o *sexo*

Questão	Como se chama a primeira refeição do dia, feita pela manhã?						
Sexo	**Variantes**						
	Café da manhã		**Desayuno**		**Desjejum**		**Total**
	Ocorrências	**%**	**Ocorrências**	**%**	**Ocorrências**	**%**	
Homem	10	52.63	5	26.32	4	21.05	19
Mulher	12	63.16	4	21.05	3	15.79	19

Fonte: elaborado pelo autor

Entre os homens, prevaleceu a variante *café da manhã* com percentual de 52.63% (dez ocorrências). Ocorreram também as variantes *dasayuno* e *desjejum*, com registros percentuais, respectivamente, de 26.32% (cinco ocorrências) e 21.05% (quatro ocorrências). *Café da manhã* também foi o termo mais falado pelas mulheres com um percentual de ocorrência em 63.16% (doze ocorrências). A segunda variante desse grupo de falantes foi *dasayno*, que apareceu com percentual de 21.05% (quatro ocorrências) e a terceira foi *desjejum*, aparecendo com percentual de 15.79% (três ocorrências). Portanto, ao considerar a diferença entre homens e mulheres, observamos que a variante *café da manhã* foi a mais falada pelas mulheres ao passo que *desayuno* e *desjejum* foi mais recorrente entre os homens.

Quadro 13: Resultados da Questão 1, de acordo com a *faixa etária*

Questão	Como se chama a primeira refeição do dia, feita pela manhã?						
Faixa etária	**Variantes**						
	Café da manhã		**Desayuno**		**Desjejum**		**Total**
	Ocorrências	**%**	**Ocorrências**	**%**	**Ocorrências**	**%**	
20 a 35 anos	11	61.11	5	27.78	2	11.11	18
45 a 65 anos	11	55.00	5	25.00	4	20.00	20

Fonte: elaborado pelo autor

Conforme dados do Quadro 13, no grupo dos informantes com idade entre 20 a 35 anos se sobressaiu a variante *café da manhã* com percentual de 61.11% (onze ocorrências) seguida por *desayuno* com 27.78% (cinco ocorrências) e por *desjejum* com 11.11% (duas ocorrências). No grupo de informantes com idade entre 45 a 65, encontramos *café da manhã* como a mais expressiva obtendo um percentual de 55% (onze ocorrências), seguida de 25% (cinco ocorrências) de *desayuno* e 20% (quatro ocorrências) de *desjejum*. Sendo assim, *café da manhã* foi a variante mais expressiva entre os informantes de 20 a 35 anos (os mais jovens), enquanto *desjejum* foi o termo mais recorrente entre os informantes de 45 a 65 anos (os mais velhos); já *dasayuno* não mostrou diferença significativa entre esses dois grupos de falantes.

Quadro 14: Resultados da Questão 1, de acordo com a *escolaridade*

Questão 1	Como se chama a primeira refeição do dia, feita pela manhã?						
Escolaridade	**Variantes**						
	Café da manhã		**Desayuno**		**Desjejum**		**Total**
	Ocorrências	**%**	**Ocorrências**	**%**	**Ocorrências**	**%**	
Ensino Fundamental II	8	80.00	0	00.00	2	20.00	10
Ensino Médio	8	66.67	3	25.00	1	8.33	12
Nível Superior	6	37.50	6	37.50	4	25.00	16

Fonte: elaborado pelo autor

No Quadro 14, no grupo de informantes do Ensino Fundamental II, *café da manhã*, em referência à primeira refeição do dia, foi a variante predominante apresentando um percentual de 80% (oito ocorrências), por outro lado *desjejum* apresentou 20% (duas ocorrências) e *nenhuma* ocorrência de *desayuno*. No grupo de informantes do Ensino Médio, encontramos a variante predominante *café da manhã* com percentual de 66.67% (oito ocorrências) e 25% (três ocorrências) de *desayuno* e de 8.33% (uma ocorrência) de *desjejum*. No grupo de informantes com Nível superior, prevaleceram as variantes *café da manhã* e *desayuno* empatadas com 37.50% (seis ocorrências), enquanto *desjejum* apareceu com 25.00% (quatro ocorrências).

Assim, o termo *café da manhã* foi mais expressivo entre os informantes com Ensino Fundamental II, ao passo que *desayuno e desjejum* foram variantes mais usadas entre os

informantes com Nível superior. A variante *desayuno* poder estar na fala dos informantes mais escolarizados por eles terem mais contato com o ensino formal, desta forma, podem ter mais conhecimentos de termos de outras línguas. Ainda, na região de fronteira aqui investigada, geralmente, a língua estrangeira ensinada nas escolas é o Espanhol.

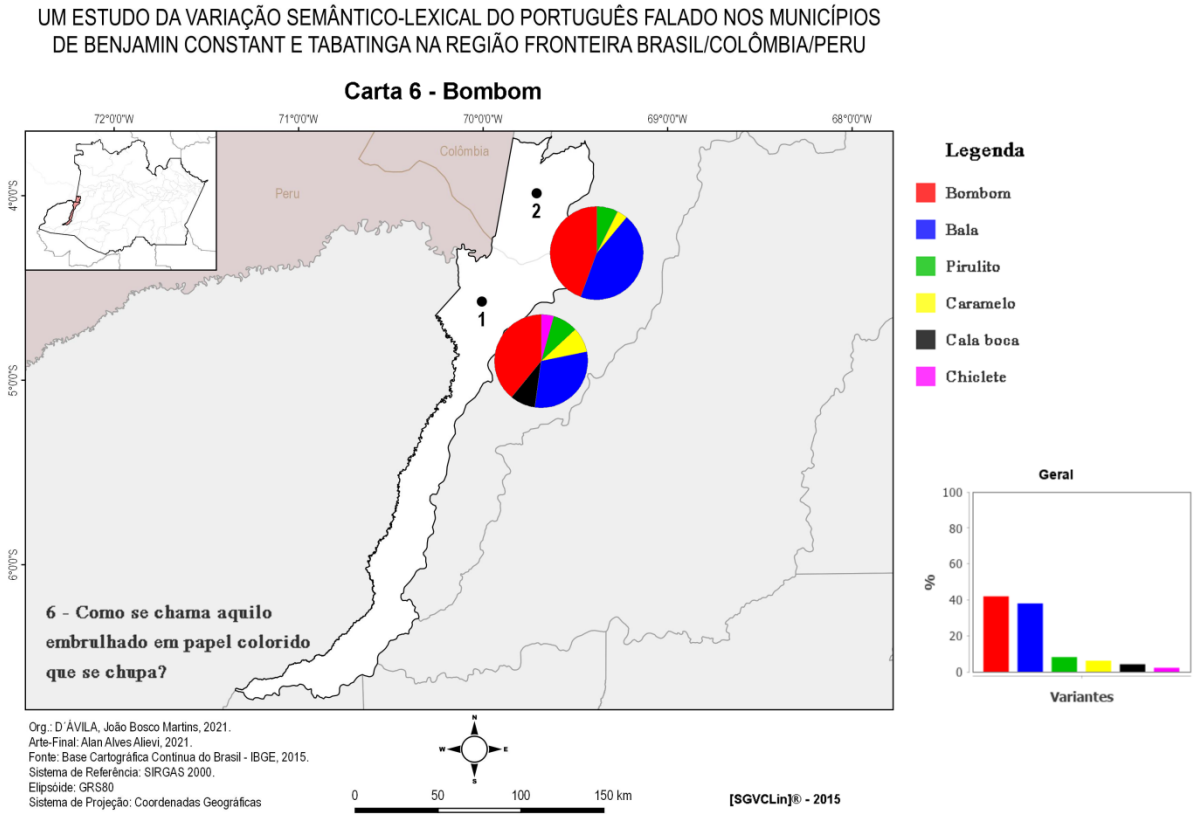
3.2 BOMBOM

Segundo Bechara (2011, p. 223), bombom é um "confeite geralmente de chocolate, contendo às vezes recheio de amêndoas, geleias, licores [...]". Como podemos perceber a definição do autor não é mesma que usamos para formular a pergunta do nosso Questionário Semântico-lexical. Nesta pesquisa, formulamos a questão com base na seguinte definição: "*como é o nome daquilo embrulhado em papel colorido que se chupa"*. Além da pergunta, usamos uma foto junto a ela, a fim de facilitar as respostas dos informantes. Essa pergunta já foi utilizada em outras pesquisas como no ALiB (2001) e Maia (2018).

Figura 20: Bombom

Fonte: https://brainly.com.br/tarefa/18294550 - consultado no dia 04/07/2021.

Conforme podemos perceber, a definição de Bechara não corresponde exatamente ao referente aqui investigado. Na Carta 6, a seguir, ilustramos os resultados encontrados:



No cômputo geral, a variante *bombom* foi a mais expressiva com registro percentual de 42% (21 ocorrências), enquanto *bala* obteve registro percentual de 38% (19 ocorrências), *pirulito* 8% (quatro ocorrências), *caramelo* 6% (três ocorrências), *cala boca* 4% (duas ocorrências) e *chiclete* 2% (uma ocorrência).

Quadro 15: Resultados da Questão 6, de acordo com a *ordem das respostas*

Questão: 6	Aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa					
Localidade: Benjamin Constant						
Variantes	**Bombom**	**Bala**	**Pirulito**	**Caramelo**	**Cala boca**	**Chiclete**
Resposta	Nº de R	Nº de R	Nº de R	Nº de R	Nº de R	Nº de R
1ª	5	5			2	
2ª	4		2	3		
3ª		1				1
Localidade: Tabatinga						
1ª	8	4				
2ª	4	8				
3ª			2	1		

Fonte: elaborado pelo autor

Em Benjamin Constant (ponto 1), registramos o total de 23 (vinte e três) ocorrências. As variantes *bombom* e *bala* foram as mais incidentes, com percentuais de ocorrência,

respectivamente, de 39.13% (nove ocorrências) e de 30.43% (sete ocorrências). As demais variantes nessa localidade foram *cala boca, caramelo e pirulito* com percentual de ocorrência em 8.70%, (duas ocorrências) cada variante e *chiclete* 4.35% (uma ocorrência).

Em Tabatinga (ponto 2), por sua vez, foram encontradas vinte e sete ocorrências, a saber: *bala* e *bombom*, que foram as mais incidentes com 44.44%, correspondendo o total 12 ocorrências cada; *pirulito* com 7.41% (duas ocorrências); e *caramelo* com 3.70% (uma ocorrência).

Comparando os dados da nossa pesquisa com os dados da pesquisa de Maia (2018) - ALSAM, podemos perceber ocorrências de variantes semelhantes, mas também diferentes, conforme podemos constatar no Quadro 14, a seguir:

Quadro 16: Análise da Questão 6, em comparação aos resultados de Maia (2018)

Pesquisas	Maia (2018)	Benjamin Constant e Tabatinga
Variantes	Bombom; Bombonzinho; Bala; Balinha.	Bombom Bala Pirulito Caramelo Cala boca Chiclete

Fonte: elaborado pelo autor

Maia (2018), no Atlas Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM, identificou as seguintes variantes *bombom, bombonzinho, bala* e *balinha*. Entretanto, *bombom e bombonzinho*, assim como *bala* e *balinha* são analisadas pelo autor como a mesma variante. Em nossa pesquisa, registramos duas variantes anteriormente identificadas em Maia (2018), além de quatro variantes não encontradas pelo pesquisador nas localidades pesquisadas.

A variante *caramelo* foi identificada nos dois pontos de inquéritos aqui investigados. É importante destacar que esse léxico é bastante usual também na fala dos peruanos e colombianos que vivem na fronteira com o Brasil, uma vez que essa variante tem significado similar nas duas línguas: na Língua Espanhola, “bala, caramelo” (GUIMARÃES, 1999, p. 62); na Língua Portuguesa, “calda de açúcar queimado, usada como cobertura de doces. Bala feita com essa calda” (BECHARA, 2011, p. 266). Tal resultado nos permite afirmar que a ocorrência dessa variante na fala dos moradores dessas localidades pode estar sendo influenciada pelo contato linguístico estabelecido entre essas línguas nessa região de tríplice fronteira.

Para essa questão, não elaboramos carta linguística considerando as variáveis independentes extralinguísticas, uma vez que elas não se mostraram atuantes sobre a variável em questão. Por esse motivo, baseamos nossa análise tendo como parâmetro somente fator diatópico.

3.3 PÉ-DE-MOLEQUE

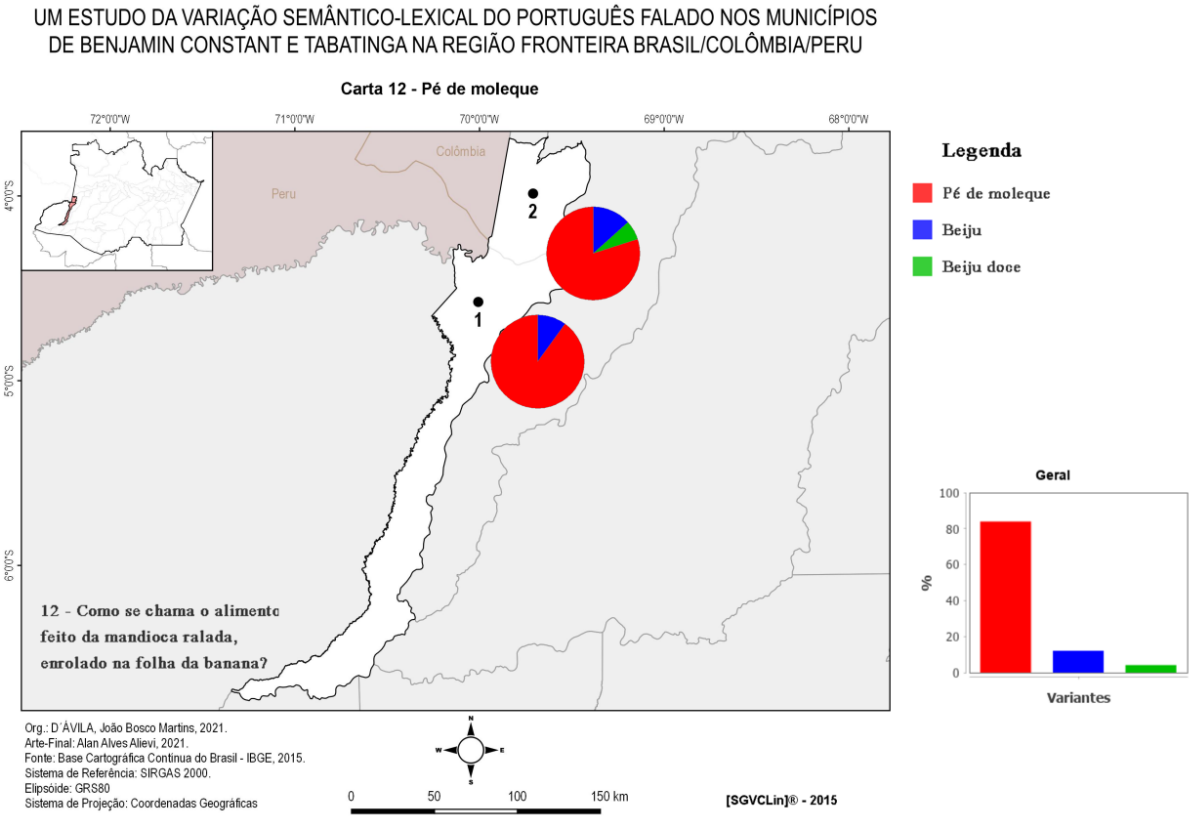
De acordo com Bechara (2011), pé-de-moleque é um "doce sólido e achatado, feito de rapadura ou açúcar e amendoim torrado". Cruz (2004), no Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM, e Maia (2018), no Atlas Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM, a fim de investigar a referida variante utilizaram a seguinte pergunta: "E o beiju feito da mandioca ralada, enrolado na folha da banana?". Entretanto, em nosso questionário semântico-lexical adaptamos para: "como se chama o alimento feito da mandioca ralada, enrolado na folha da banana?" Junto a essa pergunta, colocamos uma imagem desse alimento com objetivo de felicitar as respostas dos informantes.

Vale ressaltar que a definição do termo *pé-de-moleque* apresentado conforme Bechara não corresponde ao mesmo referente aqui estudado, posto que, em nossa região, esse alimento é feito da mandioca ralada, enrolado na folha da banana. Na Figura 21, a seguir, podemos verificar a imagem que estava em nosso questionário semântico-lexical.

Figura 21: Pé-de-moleque

Fonte: https://i2.wp.com/xtudoreceitas.com/wp-content/uploads/Pe-de-Moleque-de-Mandioca.jpg?w=650&ssl=1 – consultado no dia 02/07/2021.

As variantes registradas para esta pergunta podem ser observadas na Carta Linguística 12, a seguir:



Em termos estatísticos, foram registradas três variantes para o referente em questão. A variante *pé-de-moleque* ocorreu em 84% dos dados (vinte e uma ocorrências), *beiju* ocorreu em 12% (três ocorrências) e *beiju* doce ocorreu em 4% (uma ocorrência).

Na distribuição por ponto de inquérito, obtivemos os seguintes dados: Em Benjamin Constant, *pé-de-moleque* foi a variante mais expressiva com 90% (nove ocorrências) e *beiju* apresentou 10% (uma ocorrência), do total de dez ocorrências; nessa localidade, três informantes não souberam responder, a saber, *informante 1* – 01AH, de 1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), de 4 a 7 anos de escolarização, homem; *informante 2* - 01AM, de 1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), de 4 a 7 anos de escolarização, mulher e *informante 6* - 01BM, de 1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), de 10 a 13 anos de escolarização, mulher.

Em Tabatinga, *pé-de-moleque* também foi a variante mais recorrente com 80% (doze ocorrências), *beiju* ficou em segundo lugar com 13.33% (duas ocorrências) e *beiju doce* ficou em terceiro lugar com 6.67% (uma ocorrência), no total de quinze ocorrências. Com base nesses dados, é possível afirmarmos que não temos uma diferença dialetal significativa entre

os dois municípios, visto que não tivemos uma predominância de variantes distintas para cada localidade.

Cruz (2004), conforme a carta linguística semântico-lexical 49, identificou quatros variantes, a saber: *pé-de-moleque, beiju-na-folha, perirum* e *beiju-mole*. No ponto 3, no município de Benjamin Constant, em 2004, a pesquisadora identificou o uso categórico da variante *pé-de-moleque*. Por outro lado, Maia (2018) na carta - L070, registrou quatro variantes, sendo: *pé-de-moleque, bolo, beiju* e *bolo de massa puba*. Nas duas pesquisas, a variante *pé-de-moleque* foi a mais recorrente.

Quadro 17: Análise da Questão 12, em comparação aos resultados de Cruz (2004) e Maia (2018)

Pesquisas	**Cruz (2004)**	**Maia (2018)**	
Variantes	Pé-de-moleque Beiju-na-folha; Perirum; Beiju-mole.	Pé-de-moleque; Bolo; Beiju; Bolo de massa puba.	Pé-de-moleque; Beiju; Beiju doce.

Fonte: elaborado pelo autor

Nas três pesquisas, a variante *pé-de-moleque* foi a mais produtiva. De acordo com esses dados, podemos afirmar que essa variante é de uso geral no Estado do Amazonas nas cidades já investigadas para se referir ao "*beiju feito da mandioca ralada, enrolado na folha da banana"*. No entanto, há poucas semelhanças no uso de demais variantes ao considerar os três trabalhos. Ao compararmos Cruz (2004) e Maia (2018), por exemplo, observamos que as cidades investigadas por eles não compartilham das mesmas variantes, além da variante *pé-de-moleque*. No entanto, quando comparamos os dados de Maia (2018) com a nossa pesquisa, percebemos que apresentam mais uma variante em comum que é *beiju*.

Levando em conta a perspectiva diastrática em nossa análise, obtivemos os seguintes resultados para a variável em questão, conforme Quadro 16, a seguir:

Quadro 18: Resultados da Questão 12, de acordo com *sexo*

Questão	Como se chama o alimento feito da mandioca ralada, enrolado na folha da banana?					
Sexo	**Variantes**					
	Pé-de-moleque		**Beiju**		**Beiju doce**	
	Ocorrências	**%**	**Ocorrências**	**%**	**Ocorrências**	**%**
Homem	11	78.57	2	14.29	1	7.14
Mulher	10	90.91	1	9.09	0	00.00

Fonte: elaborado pelo autor

Entre o grupo de homens, a denominação mais recorrente foi *pé-de-moleque* com 78.57% (onze ocorrências), em seguida aparecem: 14.29% de *beiju* (duas ocorrências) e 7.14% de *beiju doce* (uma ocorrência). Entre as mulheres, o termo mais expressivo também foi *pé-de-moleque* com 90.91% (dez ocorrências), seguida de 9.09% de *beiju* (uma ocorrência). Observa-se, ainda, que a variante *pé-de-moleque* é mais produtiva na fala das mulheres (considerando apenas aquelas que responderam), ao passo que *beiju e beiju doce* foram mais recorrentes entre os homens.

Quadro 19: Resultados da Questão 12, de acordo com a *faixa etária*

Questão	Como se chama o alimento feito da mandioca ralada, enrolado na folha da banana?					
Faixa etária	**Variantes**					
	Pé-de-moleque		**Beiju**		**Beiju doce**	
	Ocorrências	**%**	**Ocorrências**	**%**	**Ocorrências**	**%**
20 a 35 anos	9	81.82	1	9.09	1	9.09
45 a 65 anos	12	85.71	2	14.29	0	00.00

Fonte: elaborado pelo autor

No grupo de informantes de faixa etária entre 20 a 35, as três variantes *pé-de-moleque*, *beiju* e *beiju doce* obtiveram registros percentuais, respectivamente, de 81.82% (nove ocorrências), 9.09% (uma ocorrência) e 9.09% (uma ocorrência). Entre os informantes com faixa etária entre 45 a 65 anos, obteve-se registros percentuais, respectivamente, de 85.71% (doze ocorrências) e 14.29% (duas ocorrências). Observa-se, então, que *pé-de-moleque* e *beiju* foram as variantes mais recorrentes entre o grupo de informantes de 45 a 65 anos (os mais velhos); enquanto a variante *beiju doce* ocorreu somente entre os informantes de 20 a 35 anos (os mais jovens).

Quadro 20: Resultados da Questão 12, de acordo com a *escolaridade*

Questão 12	Como se chama o alimento feito da mandioca ralada, enrolado na folha da banana?					
Escolaridade	**Variantes**					
	Pé de moleque		**Beiju**		**Beiju doce**	
	Ocorrências	**%**	**Ocorrências**	**%**	**Ocorrências**	**%**
Ensino Fundamental II	6	100.00	0	00.00	0	00.00
Ensino Médio	7	70.00	2	20.00	01	10.00
Nível Superior	8	88.89	1	11.11	0	0

Fonte: elaborado pelo autor

Segundo o Quadro 20, no grupo de informantes com Ensino Fundamental II, encontramos *pé-de-moleque* como variante mais expressiva com 100% (seis ocorrências). Já entre os informantes com Ensino Médio, registramos *pé-de-moleque*, *beiju* e *beiju doce* com registros percentuais, respectivamente, em 70% (sete ocorrências), 20% (duas ocorrências) e

10% (uma ocorrência). Entre os informantes com Nível Superior, identificamos duas ocorrências, a saber: *pé-de-moleque* com 88.89% (oito ocorrências) e *beiju* com 11.11% (uma ocorrência).

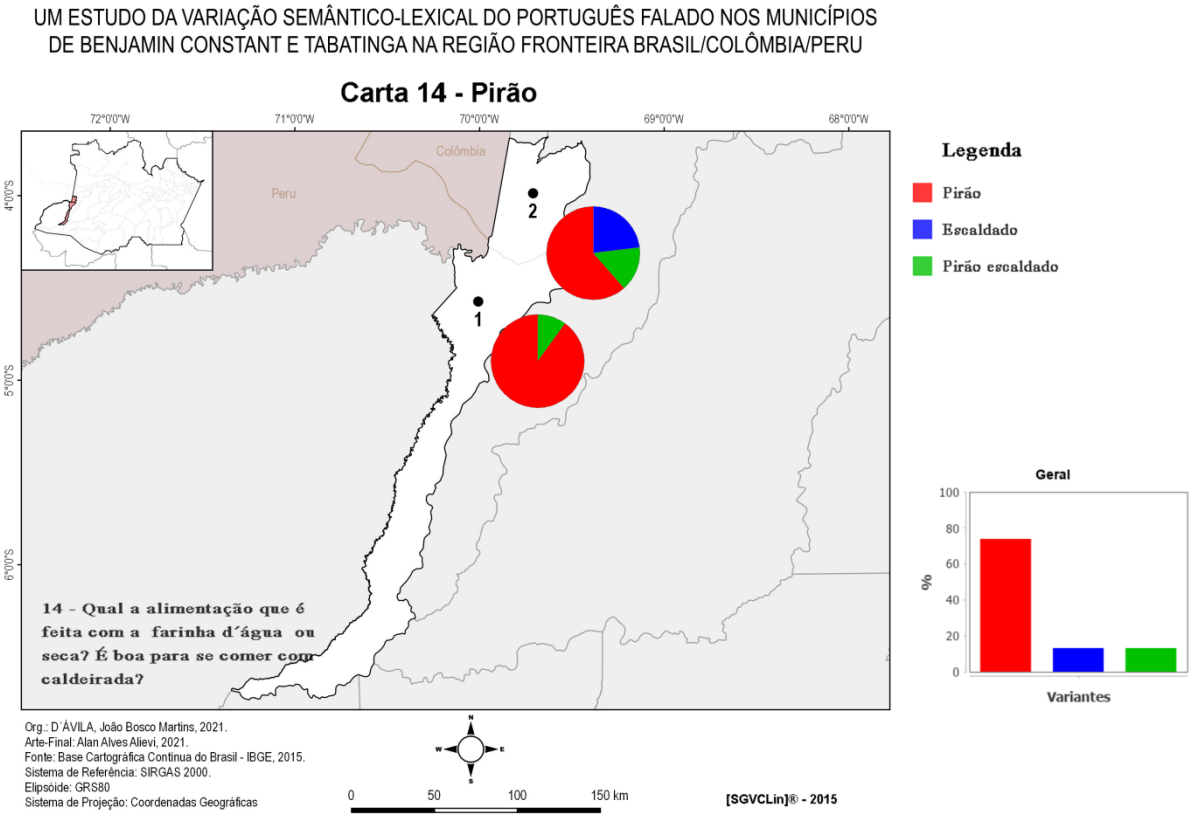
Deste modo, verifica-se que a variante *pé-de-moleque* foi a única utilizada entre os informantes do Ensino Fundamental II. Acreditamos, por conseguinte, que a baixa escolarização pode estar influenciando para isso, ou seja, quanto menos acesso o informante tiver ao ensino formal, menos contato ele terá com formas linguísticas mais formais. No entanto, talvez não seja o caso das variantes para a variável em questão, pois não temos como afirmar quais delas seriam formais ou informais. Já a variante *beiju* teve mais expressividade entre os falantes do Ensino Médio, bem com a variante *beiju doce*.

3.4 PIRÃO

De acordo com Bechara (2011, p. 990), pirão é "massa de farinha de mandioca cozida no caldo e que se come com carne, peixes, mariscos etc.". É um alimento típico da região em estudo[13], principalmente das comunidades rurais, sendo na maioria das vezes o único acompanhamento do peixe. É um alimento bastante consumido também pelas mulheres no período após o parto, uma vez que as pessoas mais idosas dizem que, nesse período elas não podem comer qualquer alimento para evitar complicações para ela e para seu filho. A pergunta utilizada para investigar o nome do referido alimento nesta pesquisa foi: *qual a alimentação que é feita com a farinha d´água ou seca? É boa para se comer com caldeirada?* Essa variável já foi objeto de análise em dois trabalhos realizados no Estado do Amazonas, a saber: Cruz (2004) – ALAM e Maia (2018) – ALSAM.

As variantes identificadas por meio dessa questão aparecem na Carta Linguística 14, a seguir:

[13] Ressalta-se que no PB, de maneira geral, cada região prepara esse alimento trazendo alguma peculiaridade.



No geral, conforme dados da Carta semântico-lexical 14, encontramos três variantes, sendo *pirão* a forma mais recorrente com 73.91% (dezessete ocorrências), *pirão escaldado* com 13.04% (três ocorrências) e *escaldado* também com 13.04% (três ocorrências). Na distribuição por ponto de inquérito, obtivemos, em Benjamin Constant, *pirão* como sendo a variante mais expressiva (90%/ nove ocorrências), seguida de *pirão escaldado* (10%/ uma ocorrência). Nessa localidade, é importante ressaltar que registramos, no total, dez ocorrências e dois informantes não souberam responder, a saber: 02BH - 2º faixa etária (45 a 65 anos de idade), de 10 a 13 anos de escolarização, homem e 01CH - 1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), Ensino Superior, homem.

Em Tabatinga, identificamos três variantes, a mais recorrente foi *pirão* com 61.54% (oito ocorrências), em segundo lugar apareceu *escaldado* com 23.08% (três ocorrências) e, em terceiro lugar, ficou *pirão escaldado* com 15% (duas ocorrências). Nesse ponto, no total, registramos treze ocorrências e o informante 01AH (1º faixa etária, 20 a 35 anos de idade, de 4 a 7 anos de escolarização, homem) não soube responder.

Quadro 21: Análise da Questão 14, de acordo com a *ordem das respostas*

Questão: 14	Qual a alimentação que é feita com a farinha d´água ou seca? É boa para se comer com

	caldeirada?		
Localidade: Benjamin Constant			
Variantes	**Pirão**	**Pirão escaldado**	**Escaldado**
Resposta	Nº de R.	Nº de R.	Nº de R.
1ª	9	1	
2ª			
3ª			
4ª			
Localidade: Tabatinga			
1ª	7	2	
2ª			2
3ª	1		

Fonte: elaborado pelo autor

Em Cruz (2004), essa variável foi objeto de análise, no entanto, não foi produzida carta linguística para essa questão, por esse motivo, não será possível fazermos uma análise comparativa. Por outro lado, Maia (2018) também estudou essa variável e identificou seis variantes, a saber: *pirão*, *pirão escaldado*, *chibé*, *angu*, *jacuba* e *farinha escaldada*. Segue o Quadro 22 com uma análise comparativa:

Quadro 22: Análise comparativa da Questão 14, em comparação aos resultados de Maia (2018)

Pesquisas	**Cruz (2004)**	**Maia (2018)**	**Benjamin Constant e Tabatinga**
Variantes	----------	Pirão Pirão escaldado Chibé Angu Jacuba Farinha escaldada	Pirão Escaldado Pirão escaldado

Fonte: elaborado pelo autor

Conforme os dados do Quadro 22, percebemos que as variantes, *pirão* e *pirão escaldado* são utilizadas tanto nos dados de Maia (2018) e quanto nos nossos dados. A variante *escaldado*, no entanto, só foi encontrada nesta pesquisa. As variantes *chibé* e *jacuba* são bastante faladas na região do Alto Solimões, entretanto, referindo-se a outro tipo de alimento. Nessa região, *chibé* ou *jacuba* é uma bebida que é feita a partir da mistura de farinha de mandioca, água e açúcar (ou sal).

Seguimos nossa análise, agora, a partir da perspectiva diastrática.

Quadro 23: Resultados da Questão 14, de acordo com o *sexo*

Questão	Qual a alimentação que é feita com a farinha d´água ou seca? É boa para se comer com caldeirada?						
Sexo	**Variantes**						
	Pirão		**Pirão escaldado**		**Escaldado**		**Total**
	Ocorrências	**%**	**Ocorrências**	**%**	**Ocorrências**	**%**	**Ocorrências**
Homem	7	63.64	2	18.18	2	18.18	11
Mulher	10	83.33	1	8.33	1	8.33	12

Fonte: elaborado pelo autor

Entre os homens, conforme verificamos no Quadro 26, *pirão* foi a variante mais falada (63.64%/ sete ocorrências), enquanto *pirão escaldado* e *escaldado* obtiveram apenas 18.18% (duas ocorrências) cada. Já entre as mulheres, a variante *pirão* foi ainda mais recorrente com 83.33% (dez ocorrências), seguida de 8.33% (uma ocorrência) de *pirão escaldado* e *escaldado*. Sendo assim, a variante *pirão* foi mais falada no grupo de mulheres, enquanto, *pirão escaldado* e *escaldado* foram mais usadas entre o grupo de homens.

Quadro 24: Resultados da Questão 14, de acordo com a *faixa etária*

Questão	Qual a alimentação que é feita com a farinha d´água ou seca? É boa para se comer com caldeirada?						
Faixa Etária	**Variantes**						
	Pirão		**Pirão escaldado**		**Escaldado**		**Total**
	Ocorrências	**%**	**Ocorrências**	**%**	**Ocorrências**	**%**	**Ocorrências**
20 a 35 anos	9	81.82	0	0	2	18.18	11
45 a 65 anos	8	66.67	3	25.00	1	8.33	12

Fonte: elaborado pelo autor

Os informantes com faixa etária de 20 a 35 anos utilizaram mais a variante *pirão*, que obteve um percentual 81.82% (nove ocorrências), seguida por *escaldado* com 18.88% (duas ocorrências). O grupo de informantes com faixa etária de 45 a 65 anos também utilizou com mais frequência a variante *pirão* (66.67%), seguidas de *pirão escaldado* com 25% (três ocorrências) e *escaldado* com 8.33% (uma ocorrência). Posto isto, a variante *pirão* foi a mais recorrente entre o grupo de informantes mais jovens; a variante "pirão escaldado", apresenta maior incidência entre os mais velhos, enquanto a "escaldado" é mais incidente entre os mais jovens.

Quadro 25: Resultados da Questão 14, de acordo com a *escolaridade*

Questão	Qual a alimentação que é feita com a farinha d´água ou seca? É boa para se comer com caldeirada?						
Escolaridade	**Variantes**						
	Pirão		**Pirão escaldado**		**Escaldado**		**Total**
	Ocorrências	**%**	**Ocorrências**	**%**	**Ocorrências**	**%**	
E. Fundamental II	4	50.00	3	37.50	1	12.50	8
Ensino Médio	7	100.00	0	0	0	0	7
Ensino Superior	6	75.00	0	0	2	25.00	8

Fonte: elaborado pelo autor

Considerando a variável extralinguística *escolaridade*, para os informantes com Ensino Fundamental II, obtivemos os seguintes resultados: a variante *pirão* ocorreu em 50% dos dados (quatro ocorrências), *pirão escaldado* em 37.50% (três ocorrências) e *escaldado* em

12.50% (uma ocorrência). Entre os informantes com o Ensino Médio, a variante *pirão* foi falada de maneira categórica (100%/sete ocorrências). Os informantes com Ensino Superior utilizaram duas variantes, a saber, *pirão* em 75% dos dados (seis ocorrências) e escaldado em 25% (duas ocorrências). Logo, a variante *pirão* foi a mais usada entre os informantes com Ensino Médio; *pirão escaldado* foi mais recorrente no grupo de informantes com Ensino Fundamental II e *escaldado* foi mais usada dentre os informantes com Ensino Superior.

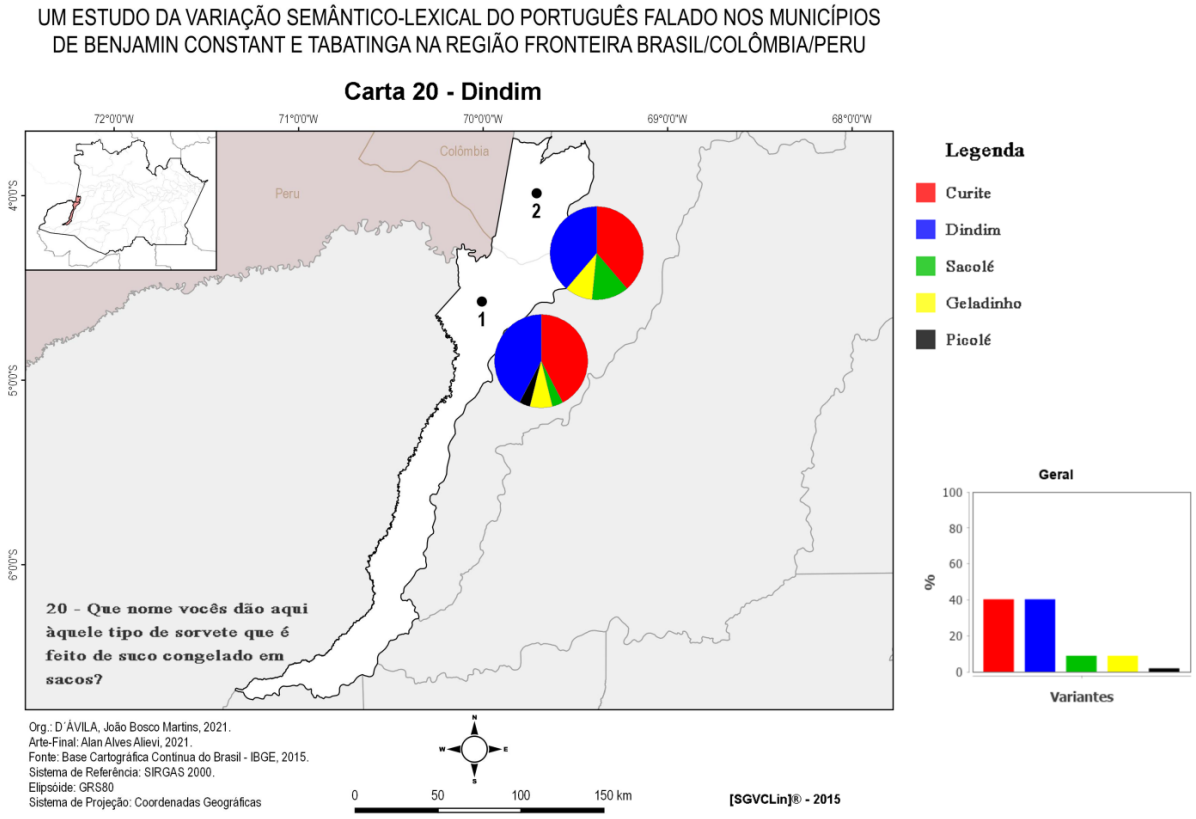
3.5 DINDIM

O termo *dindim* não consta em nenhum dicionário que consultamos. O termo encontrado para o referente investigado foi *sacolé* que, segundo Bechara (2011, p. 1152), é um "pequeno saco plástico que contém sorvete congelado, vendido como se fosse picolé". A questão para investigar o nome dado ao alimento em questão foi retirada do questionário semântico-lexical de Maia (2018) – ALSAM. Em nossa pesquisa, a questão não foi adaptada, ou seja, foi feita da mesma forma que foi elaborada por Maia (2018): *como se chama aquele sorvete que é feito de suco congelado em sacos?* Além da pergunta, utilizamos uma imagem ilustrativa com o intuito de facilitar as respostas dos informantes.

Figura 22: Dindim

Fonte: https://comidinhasdochef.com/wp-content/uploads/2018/01/Receita-Geladinho-Cremoso-de-Frutas.jpg - consultado em 05/08/2021.

A seguir, apresentamos a Carta Linguística 20 referente a essa questão considerando o parâmetro diatópico:



No geral, foram identificadas 5 variantes, *curite*, *dindim*, *sacolé*, *geladinho e picolé*. *Curite e dindim* ocorreram em 40.33% dos dados (vinte e três ocorrências) cada; *sacolé* e *geladinho*, por sua vez, apareceram em 8.77% (cinco ocorrências) dos dados cada e *picolé* em 1.75% (uma ocorrência).

Quadro 26: Análise da Questão 20, de acordo com a ordem das respostas

Questão: 20	**Como se chama aquele sorvete que é feito de suco congelado em sacos?**				
Localidade: Benjamin Constant					
Variantes	**Curite**	**Dindim**	**Sacolé**	**Geladinho**	**Picolé**
Resposta	Nº de R.	Nº de R.	Nº de R.	Nº de R.	Nº de R.
1ª	7	5			
2ª	3	6	1		
3ª	1			2	
4ª					1
Localidade: Tabatinga					
1ª	12				
2ª		2			
3ª			4	3	

Fonte: elaborado pelo autor

No cômputo geral de Benjamin Constant, *curite* e *dindim* obtiveram percentual de 42.31% (onze ocorrências) cada, *geladinho* obteve 7.69% (duas ocorrências), *picolé* e *sacolé* 3.85% (uma ocorrência) cada.

Em Tabatinga, as variantes mais recorrentes também foram *curite* e *dindim*, as quais obtiveram registro percentual de 38.71% cada (doze ocorrências). A variante *sacolé* obteve

12.90% (doze ocorrências) e a variante *geladinho* obteve 9.68% (três ocorrências), totalizando trinta e uma ocorrências nessa localidade.

Segundo os dados apresentados, não houve diferença dialetal significativa, uma vez que em ambas as localidades as variantes *curite* e *dindim* foram as mais produtivas. Nessa localidade, como já dito, todos os informantes utilizaram a variante *curite* como primeira resposta.

Como já sabemos essa questão referente a *dindim* também foi aplicada aos informantes da pesquisa de Maia (2018) e Viana (2019). Na carta semântico-lexical do ALSAM foram registradas pelos menos três variantes: *dindim*, *refresco* e *geladinho*, sendo a variante *dindim* a forma mais recorrente com quase 90%. Em Viana (2019), conforme mostrou a Carta Linguística 39 foram registradas duas variantes, *curite e dindim*. Vale ressaltar que Cruz (2004) não utilizou essa questão em suas pesquisas e Azevedo (2013) não elaborou carta linguística para essa questão.

Quadro 27: Análise comparativa da Questão 20, em comparação aos resultados de Maia (2018) e Viana (2019)

Pesquisas	**Maia (2018)**	**Viana (2019)**	**Benjamin Constant e Tabatinga**
Variantes	Dindim Refresco Geladinho	Curite Dindim	Curite Dindim Sacolé Geladinho Picolé

Fonte: elaborado pelo autor

Ao observar o Quadro 27, verificamos que nas cidades aqui investigadas, Benjamin Constant e Tabatinga, utilizam-se duas variantes para esse referente que ainda não haviam sido registradas em outros dados de fala do Amazonas, como em Maia (2018): a variante *sacolé*, assim como, especialmente, a variante *curite*. Com relação ao estudo de Viana (2019), percebemos repetições de duas variantes, saber: *curite* e *dindim*.

Em Azevedo (2013), encontramos a seguinte passagem sobre esta variante:

> Outro exemplo empírico, desta vez em nível lexical, acontecia com outros termos tipo *flal*, que é utilizado em Parintins pelos vendedores ambulantes ou que é escrito nas placas de algumas casas com a expressão "vendi-si flal". Já, em Manaus, se um parintinense fosse procurar por *flal*, não conseguiria encontrar, a não ser que o vendedor fosse outro conterrâneo, uma vez que a terminologia usada lá é *dindin*, o mesmo que *sacolé* em outras regiões do Brasil. Assim, aconteciam outras variantes lexicais para tal vocábulo com a mesma significação como miau, chop e totó (Coari). Este último pode estar em desuso na região do Médio Solimões, pois os moradores que entraram em contato com a cidade de Manaus, acabaram levando para suas terras de origem o vocábulo *dindin* (AZEVEDO, 2013, p. 32).

Em relação aos dados desta pesquisa levando em conta a perspectiva diastrática, obtivemos os seguintes resultados, conforme Quadro 20:

Quadro 28: Resultados da Questão 20, de acordo com o *sexo*

Questão	Como se chama aquele sorvete que é feito de suco congelado em sacos?									
Sexo	**Variantes**									
	Dindim		**Curite**		**Geladinho**		**Sacolé**		**Picolé**	
	Oc.	**%**	**Oc.**	**%**	**Oc.**	**%**	**Oc.**	**%**	**Oc.**	**%**
Homem	12	40.00	11	36.67	4	13.33	2	6.67	1	3.33
Mulher	11	40.74	12	44.44	1	3.70	3	11.11	0	0

Fonte: elaborado pelo autor

Considerando a variável *sexo*, entre os homens, 40% (doze ocorrências) utilizaram a variante *dindim* e 36.67% *curite* (onze ocorrências), 13.33% *geladinho* (quatro ocorrências), 6.67% *sacolé* (duas ocorrências) e 3.33% picolé (uma ocorrência). Enquanto entre as mulheres, a variante mais recorrente foi *curite* com 44.44% (doze ocorrências), *dindim* 40.74% (onze ocorrências), *sacolé* 11.11% (três ocorrências) e *geladinho* 3.70% (uma ocorrência). Dessa forma, o termo *dindim* foi mais recorrente entre os homens, no entanto, apresentando uma quase distribuição homogênea na fala de homens e mulheres; *curite* entre as mulheres, mas, registramos também o uso quase homogêneo desta variante nos dois grupos de informantes; *geladinho*, por sua vez, foi frequente na fala dos homens; *sacolé* no grupo de mulheres e *picolé* somente no grupo de homens.

Quadro 29: Resultados da Questão 20, de acordo com a *faixa etária*

Questão	Como se chama aquele sorvete que é feito de suco congelado em sacos?									
Faixa etária	**Variantes**									
	Dindim		**Curite**		**Geladinho**		**Sacolé**		**Picolé**	
	Oc.	**%**	**Oc.**	**%**	**Oc.**	**%**	**Oc.**	**%**	**Oc.**	**%**
20 a 35 anos	11	39.29	12	42.86	2	7.14	3	10.71	0	0
45 a 65 anos	12	41.38	11	37.93	3	10.34	2	6.90	1	3.45

Fonte: elaborado pelo autor

De acordo com a variável *faixa etária*, os informantes com idade entre 20 a 35 anos, utilizaram mais a variante *curite* com 42.86% (doze ocorrências), a segunda variante mais utilizada por esse grupo foi *dindim* com 39.29% (onze ocorrências), *sacolé* aparece em terceiro lugar com 10.71% (três ocorrências) e *geladinho* em quarto lugar com 7.14% (duas ocorrências). Já entre o grupo de informantes com idade entre 45 e 65 anos, a variante mais utilizada foi *dindim* 41.38% (doze ocorrências), seguida de *curite* 37.93% (onze ocorrências), *geladinho* 10.34% (três ocorrências), *sacolé* 6.90% (duas ocorrências) e *picolé* 3.45% (uma ocorrência).

Logo, a variante *dindim* apareceu mais na fala dos informantes mais velhos, todavia, apresentando uso quase homogêneo com os informantes mais jovens. A variante *curite* foi mais recorrente na fala dos informantes mais jovens. *Geladinho* apareceu com mais recorrência na fala dos informantes de mais velhos; já *sacolé* foi mais usual na fala dos informantes de mais jovens e *picolé* apareceu somente na fala dos informantes mais velhos.

Quadro 30: Resultados da Questão 20, de acordo com a *escolaridade*

Questão	Como se chama aquele sorvete que é feito de suco congelado em sacos?									
Escolaridade	**Variantes**									
	Dindim		**Curite**		**Geladinho**		**Sacolé**		**Picolé**	
	Oc.	**%**	**Oc.**	**%**	**Oc.**	**%**	**Oc.**	**%**	**Oc.**	**%**
Ensino Fundamental II	8	42.11	8	42.11	2	10.53	0	0	1	5.26
Ensino Médio	7	38.89	8	44.44	1	5.56	2	11.11	0	0
Ensino Superior	8	40.00	7	35.00	2	10.00	3	15.00	0	0

Fonte: elaborado pelo autor

Quanto à variável *escolaridade*, entre os informantes do Ensino Fundamental II, obtivemos os seguintes resultados: *dindim* e *curite* ocorreram com 42.11% cada, *geladinho* 10.53% e *picolé* 5.26%. Entre os informantes com Ensino Médio, identificamos as seguintes variantes e seus respectivos percentuais: *curite* 44.44%, *dindim* 38.89%, *sacolé* 11.11% e *geladinho* 5.56%. Enquanto os registros entre os informantes com Nível Superior, foram: *dindim* 40%, *curite* 35%, *sacolé* 15% e *geladinho* 10%.

Ao considerar a diferença entre os menos escolarizados e os mais escolarizados para cada variante, destacamos: a variante *dindim* apresentou uma distribuição homogênea, mas os informantes do Ensino Fundamental II a utilizaram um pouco mais. A variante *curite* teve maior recorrência entre os informantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio; *geladinho*, por sua vez, apareceu na fala dos informantes do Ensino Fundamental II e Nível Superior. *Sacolé* apareceu somente entre os informantes de Nível Superior, o que nos permite afirmar que essa variante ocorre na fala desses informantes por eles terem mais contato com variantes externas à sua localidade de origem, pois o Ensino Superior, geralmente, é um ambiente frequentado por pessoas de origens diversas.

Conforme podemos perceber, as variantes *curite* e *dindim* foram as mais usadas pelos informantes das duas localidades. Conforme mostrou Maia (2018), *dindim* também é usada em outras localidades do estado do Amazonas, entretanto, a variante *curite* não foi registrada pelo pesquisador. Essa variante não é encontrada em dicionários de Língua Portuguesa e nem nos dicionários de Língua Espanhola.

No entanto, verifica-se bastante a utilização desse termo na fala dos peruanos e colombianos. Em conversas com alguns informantes, depois da aplicação do questionário, perguntei se eles sabiam a origem dessa palavra, mas a maioria dos informantes não soube responder, afirmando apenas que tinham aprendido com seus pais, avós e com as pessoas mais idosas de sua comunidade. No entanto, três informantes expuseram suas hipóteses para a etimologia dessa variante. Um deles afirmou que o termo vem dos povos indígenas que habitavam a região em tempos pretéritos. O outro informante afirmou que sua origem vem da Língua Espanhola informal, por esse motivo ainda não foi dicionarizada. Um dos informantes levantou a hipótese de ser resultado da interferência linguística do Espanhol ao Português, visto que, na cidade de Letícia, na Colômbia, a variante recorrente para o referente é *puriche*. Portanto, acreditamos que o termo *curite* seja derivado de *purite*, uma palavra que passou a fazer parte da fala dos moradores da tríplice fronteira, sofrendo apenas uma adaptação fonológica, ou seja, um estrangeirismo aportuguesado.

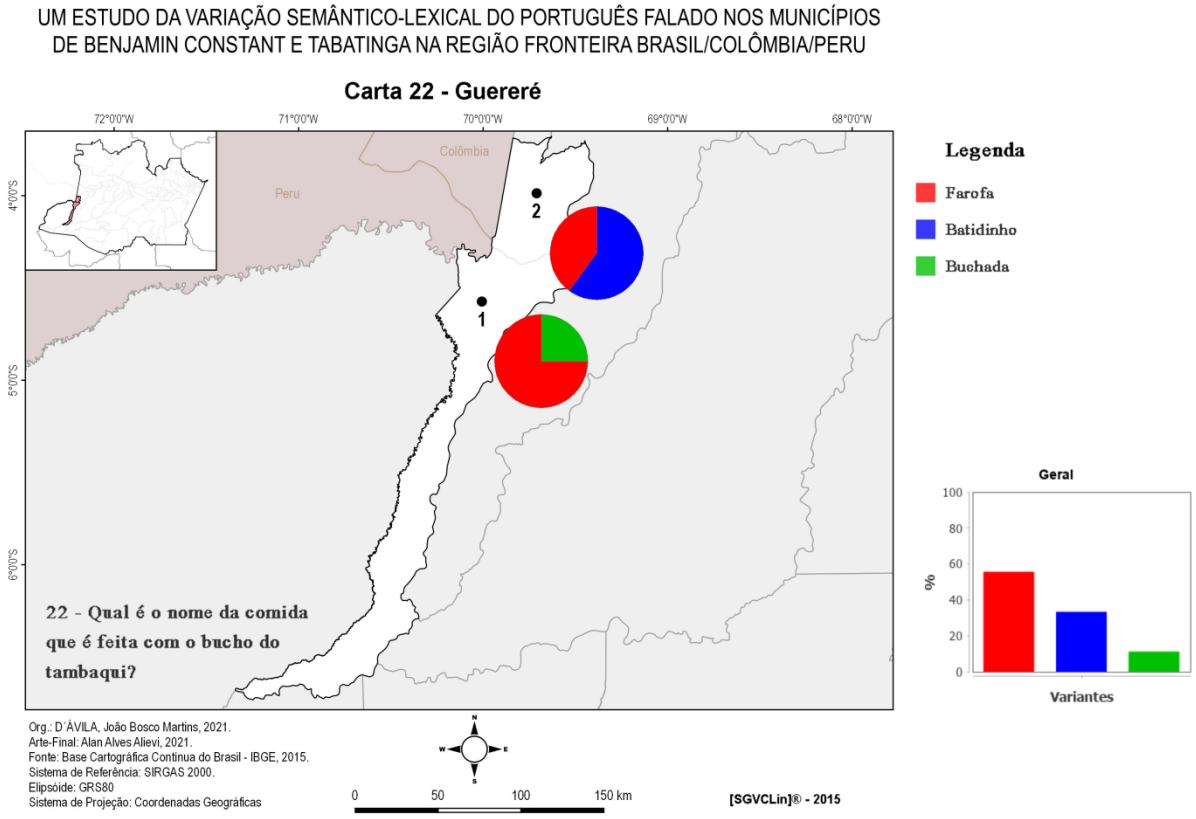
Sendo assim, não podemos afirmar com veemência a origem dessa variante, mas podemos dizer que a variante *curite* é de uso muito recorrente na fala dos moradores da tríplice fronteira.

Ressalta-se que Viana (2019) também encontrou a variante *curite* ao investigar, de forma sistemática, alguns bairros de Tabatinga.

3.6 GUERERÉ

Guereré é um termo utilizado para designar uma comida que é feita com o bucho do peixe tambaqui. Segundo Azevedo (2013), é a designação bastante utilizada nas comunidades do Igarapé do Juruti-velho (BA) e no Médio Solimões (AM). A pergunta referente à *guereré* foi: *qual o nome da comida que é feita com o bucho do tambaqui?* Essa pergunta foi elaborada e aplicada por Azevedo (2013). Ressalta-se que essa pergunta não fez parte dos questionários semântico-lexicais aplicados por Cruz (2004), Maia (2018) e Viana (2019).

Abaixo apresentamos a Carta Linguística 22 mostrando as variantes registradas para essa variável nas duas localidades pesquisadas.



Na Carta 22, encontramos três variantes para o mesmo referente (comida preparada com o bucho do peixe tambaqui): *farofa* foi a variante mais utilizada em 55.56% dos dados; em segundo lugar, encontramos *batidinho* (33.33%) e, em terceiro, *buchada* (11.11%). Sendo, a variante *farofa* como 1ª resposta na fala de 3 informantes e *buchada* na fala de 1 informante no município de Benjamin Constant. Em tabatinga, a variante *batidinho* apareceu como 1ª resposta na de 3 informantes e *farofa* na de 2 informantes.

O Quadro 23, a seguir, apresenta o percentual de cada variante por ponto de inquérito.

Quadro 31: Resultados da Questão 22, de acordo com a *localidade*

Questão		Qual é o nome da comida que é feita com o bucho do tambaqui?					
Ponto	**Localidade**	**Variantes**					
		Farofa		**Batidinho**		**Buchada**	
		Ocorrências	**%**	**Ocorrências**	**%**	**Ocorrências**	**%**
1	Benjamin Constant	3	75.00	0	00.00	1	25.00
2	Tabatinga	2	40.00	3	60.00	0	00.00

Fonte: elaborado pelo autor

Em Benjamin Constant, a variante mais expressiva foi *farofa*, ocorrendo em 75% das vezes (três ocorrências) e foi seguida de *buchada* em 25% (uma ocorrência). Nesse ponto de inquérito, oito informantes não souberam responder (NS), sendo respectivamente, 01AM - 1º

faixa etária (20 a 35 anos de idade), de 4 a 7 anos de escolarização, mulher; 02AM - 2º faixa etária (45 a 65 anos de idade), de 4 a 7 anos de escolarização, mulher; 01BH - 1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), de 10 a 13 anos de escolarização, homem; 02BH - 2º faixa etária (45 a 65 anos de idade), de 10 a 13 anos de escolarização, homem; 02BM - 2º faixa etária (45 a 65 anos de idade), de 10 a 13 anos de escolarização, mulher; 01CH - 1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), Ensino Superior, homem; 01CM - 1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), Ensino Superior, mulher e 02CM - 2º faixa etária (45 a 65 anos de idade), Ensino Superior, mulher.

Em Tabatinga, a variante mais expressiva foi *batidinho,* representando 60% dos dados (três ocorrências), em segundo lugar aparece *farofa* com 40% (duas ocorrências). Nesse ponto, sete informantes não souberam responder, a saber: 01AH - 1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), de 4 a 7 anos de escolarização, homem; 01AM - 1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), de 4 a 7 anos de escolarização, mulher; 01BM - 1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), de 10 a 13 anos de escolarização, mulher; 01CH - 1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), Ensino Superior, homem; 01CM - 1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), Ensino Superior, mulher; 02CH - 2º faixa etária (45 a 65 anos de idade), Ensino Superior, homem e 02CM - 2º faixa etária (45 a 65 anos de idade), Ensino Superior, mulher.

Conforme os dados apresentados acima, percebemos um alto número de informantes que não souberam responder a essa questão. Acreditamos que isso se deu por motivo do referente não ser conhecido na região investigada. Esse referente trata-se, provavelmente, de uma comida típica da região no Médio Solimões, visto que Azevedo (2013), em sua pesquisa, registrou catorze variantes para o mesmo referente, a saber:

Quadro 32: Análise comparativa da Questão 22, em comparação aos resultados de Azevedo (2013)

Pesquisas	Azevedo (2012)	Em Nossa pesquisa
Variantes	Sarapatel Guereré Guereguereé Batido Farofa Picadinho Gueréu Guerrelé Sarrabulhado Gueleguelé Fígado cozido Guerreguerré Guereguegué Gargaré	Farofa Batidinho Buchada

Fonte: elaborado pelo autor

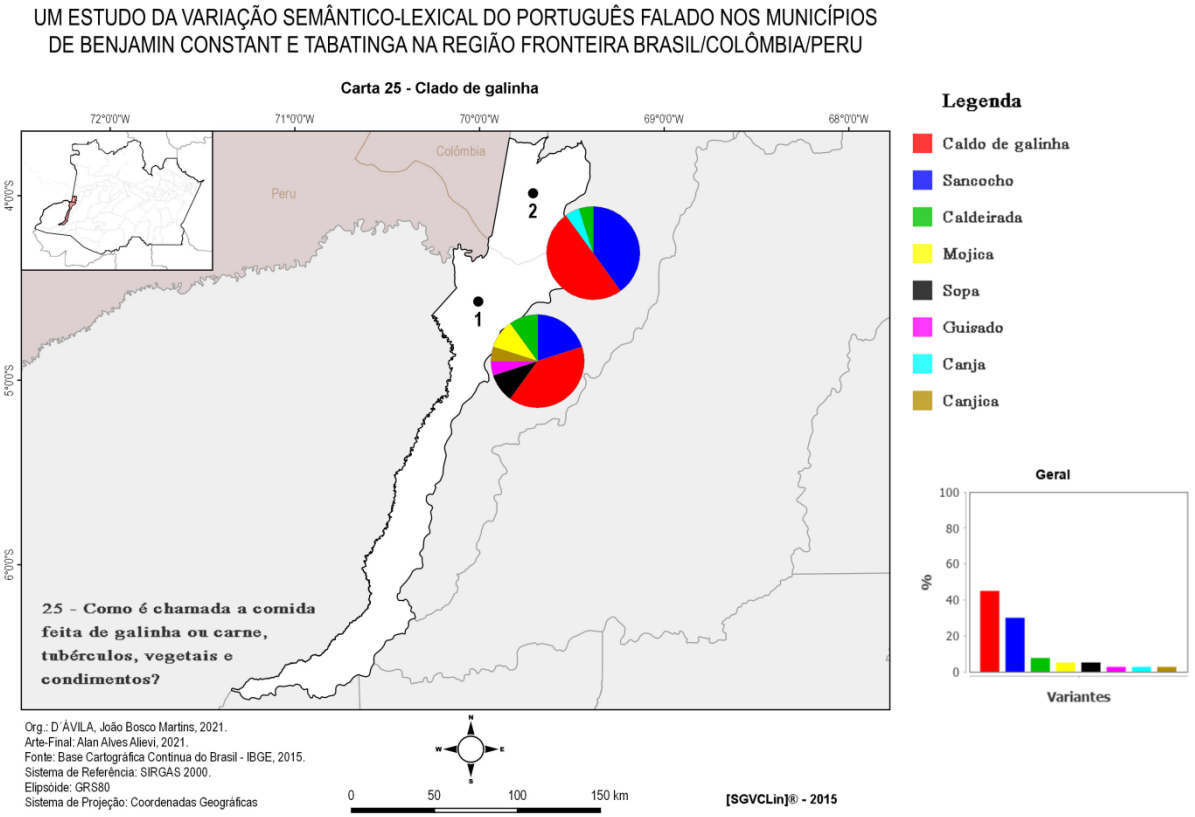
Conforme o Quadro 27, a diversidade lexical na região do Médio Solimões (AM) é bem maior em comparação aos dois municípios aqui investigados (BC e TBT) que pertencem à microrregião do Alto Solimões (AM). Azevedo (2013) obteve, no Médio Solimões, os seguintes resultados: *sarapatel* foi a predominante (27%); *guereré* (25%); *gueregueré* e *batido* (10% cada); *farofa* (8%); *picadinho* (6%); *gueréu*, *guerrelé*, *sarrabulhado*, *gueleguelé*, *fígado cozido*, *guerreguerré*, *guereguegué*, e *gargaré* (2% cada). Em nossa pesquisa, *farofa* foi a variante mais utilizada (55.56%), seguida de *batidinho* (33.33%) e *buchada* (11.11%).

Com base nesses resultados, podemos afirmar que as duas variantes (*sarapatel* e *guereré*) predominantes no Médio Solimões não são usadas nos dois municípios do Alto Solimões. No entanto, a variante *sarapatel* é bastante conhecida e usada nessas duas localidades para designar outra comida que é preparada com o sangue e os miúdos do tracajá. A variante *guereré* não é conhecida nessa região. Ressaltamos que as variantes *farofa* e *batidinho* foram identificadas tanto em Azevedo (2013) quanto nesta pesquisa. Além disso, *buchada* aparece como uma variante identificada somente em nossa pesquisa.

Em relação às variáveis independentes extralinguísticas, concluímos que não foram relevantes para o processo de variação linguística nessa questão, uma vez que não há diferença significativa no uso das variantes encontradas ao a correlacionarmos a *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*. Além disso, conforme já explicitado, não se obteve muitas respostas para questão em discussão.

3.7 CALDO

Segundo Bechara (2011, p. 250), caldo é definido como um “alimento líquido preparado a partir do condimento de carne, peixe, camarão, legumes, verduras etc.”. A pergunta referente a essa variável foi a seguinte: *como é chamada a comida feita de galinha ou carne, tubérculos, vegetais e condimentos?* Ressaltamos que essa questão foi elaborada pelo pesquisador, com isso, ainda não foi aplicada em outras pesquisas consultadas. Elaboramos tal pergunta com base no conhecimento de uma variante bastante falada na região de tríplice fronteira, que provavelmente, trata-se de uma interferência linguística do Espanhol ao Português. Confirmamos nossa hipótese inicial, conforme podemos verificar na Carta Linguística 25, a seguir:



No cômputo geral das duas localidades, das 40 ocorrências para a comida feita de galinha, tubérculos, vegetais e condimentos: 45% (dezoito ocorrências) foram para *caldo de galinha*, 30% (doze ocorrências) foram para *sancocho [sɐ̃kotʃo]*, 7.5% (três ocorrências) para *caldeirada*, 5% (duas ocorrências) para *mojica* e *sopa* e 2.5% (uma ocorrência) para *guisado*, *canjica* e *canja*.

Quadro 33: Análise da Questão 25, de acordo com a ordem das respostas.

Questão: 25	Como é chamada a comida feita de galinha ou carne, tubérculos, vegetais e condimentos?							
Localidade: Benjamin Constant								
Variantes	**Caldo de galinha**	**Mojica**	**Sancocho**	**Sopa**	**Caldeirada**	**Canjica**	**Guisado**	**Canja**
Resposta	Nº de R.	Nº de R.	Nº de R.	Nº de R.	Nº de R.	Nº de R.	Nº de R.	Nº de R.
1ª	7	2	1					
2ª			3	2	1	1		
3ª	1						1	
Localidade: Tabatinga								
1ª	5		7					
2ª	6		2					
3ª								1

Fonte: elaborado pelo autor

Na distribuição por ponto de inquérito, em Benjamin Constant, a variante mais recorrente foi *caldo de galinha* com 40% (oito ocorrências), a variante *sancocho [sa̰kotʃo],* ficou em segundo com 20% (quatro ocorrências), *caldeirada, mojica* e *sopa* dividiram o terceiro lugar com 10% (duas ocorrências) cada e *canjica* e *guisado* ficaram em quarto lugar com 5% (uma ocorrência) cada. Nesse ponto, no total contabilizamos vinte ocorrências e a informante 02BM - 2º faixa etária (45 a 65 anos de idade), de 10 a 13 anos de escolarização, mulher não soube responder.

Em Tabatinga, *caldo de galinha* apareceu com 50% (dez ocorrências) e *sancocho [sa̰kotʃo],* apareceu em segundo lugar com 40% (oito ocorrências); por sua vez, *caldeirada* e *canja* com 5% (uma ocorrência). Nesse ponto, no total, contabilizamos 20 ocorrências.

A variante *sancocho [sa̰kotʃo],* foi encontrada no dicionário de Língua Espanhola, "plato americano de yuca, carne, plátano, etc., a modo de cocido" (GROSS, 1984, p. 522). Portanto, o registro da variante na fala dos brasileiros aponta para uma interferência linguística do espanhol, levando a resultar em um empréstimo lexical ao acervo lexical do português das duas localidades. Entretanto, o termo ainda é pronunciado pelos brasileiros de acordo com o padrão fonético do espanhol.

Acreditamos que essa diferença entre as duas localidades seja devido à proximidade que o município de Tabatinga tem com as cidades de Letícia, na Colômbia, e Santa Rosa, no Peru. Tabatinga e Letícia estabelecem fronteira terrestre, as duas cidades estão ligadas por suas principais avenidas (Avenida da Amizade do lado brasileiro e Avenida Internacional do lado colombiano), o que facilita a entrada de brasileiros na Colômbia e colombianos no Brasil. Além disso, estabelece fronteira com a cidade de Santa Rosa, que se localiza em frente ao município brasileiro, separados apenas pelas águas barrentas do rio Solimões.

Cremos que por esses motivos é que o contato linguístico entre o Português e o Espanhol é mais intenso em Tabatinga quando comparamos ao município de Benjamin Constant, posto que, esse outro município brasileiro fica mais distante da área de tríplice fronteira. Assim, o Português da cidade de Tabatinga acaba recebendo mais interferência linguística do espanhol das duas cidades vizinhas.

No que tange à influência dos grupos de fatores extralinguísticos, não foram elaboradas cartas diastráticas, tendo em vista que as variáveis aqui controladas não se mostraram relevantes para a questão em discussão.

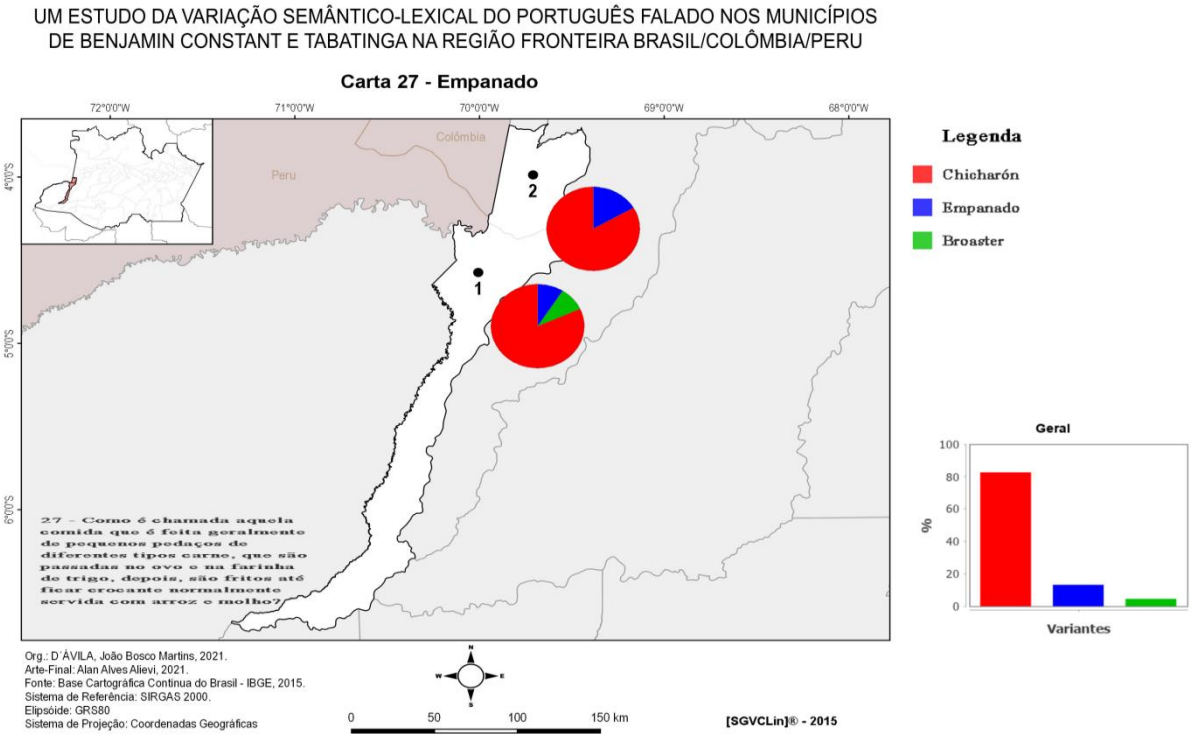
3.8 EMPANADO

Uma das significações para *empanado* em Língua Portuguesa, segundo Bechara (2011, p. 479), é o "que é passado no ovo batido e na farinha de qualquer tipo antes de ser frito [...]". A pergunta elaborada e aplicada aos informantes visando pesquisar a variante *empanado* foi: *como é chamada aquela comida que é feita geralmente de pequenos pedaços de diferentes tipos carne, que são passadas no ovo e na farinha de trigo, depois, são fritos até ficar crocante normalmente servida com arroz e molho?* A questão foi criada para a nossa pesquisa, sendo assim, não foi aplicada em outros trabalhos aqui em comparação. Colocamos junto à pergunta uma imagem do alimento, objetivando facilitar as respostas dos informantes.

Figura 23: Empanado ou chicharón

Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

As variantes encontradas nas duas localidades aparecem na Carta Linguística 27, a seguir:



No geral, encontramos três variantes e 23 ocorrências: a variante *chicharón [ʧĭtʃa̯rõ]* ficou em primeiro lugar com 82.61% (dezenove ocorrências), apresentando uma grande diferença em relação à variante *empanado* que ficou em segundo lugar com 13.04% (três ocorrências) e de *broaster* que apresentou apenas 4.35% (uma ocorrência).

Em Benjamin Constant, a variante *chicharón [ʧĭtʃa̯rõ]* foi usada como 1ª resposta por neve informantes, enquanto, as variantes *empanado* e *broaster* foram utilizadas por um informante (cada) como 2ª resposta. Em Tabatinga, por sua vez, o termo a *chicharón [ʧĭtʃa̯rõ]* foi usado por dez informantes como 1ª resposta, já o termo *empanado* foi falado por dois informantes como 2ª resposta.

Quadro 34: Análise da Questão 27, de acordo com a *ordem das respostas*

Questão: 27	Como é chamada aquela comida que é feita geralmente de pequenos pedaços de diferentes tipos carne, que são passadas no ovo e na farinha de trigo, depois, são fritos até ficar crocante normalmente servida com arroz e molho?		
Localidade: Benjamin Constant			
Variantes	Chicharón *[ʧĭtʃa̯rõ]*	Empanado	broaster
Resposta	Nº de R.	Nº de R.	Nº de R.
1ª	9		

2ª		1	1
Localidade: Tabatinga			
1ª	10		
2ª		2	

Fonte: elaborado pelo autor

Na distribuição por ponto de inquérito, em Benjamin Constant, com 81.82% (nove ocorrências), *chicharón [ʧɪtʃa̰rõ]* foi predominante, enquanto *empanado* e *broaster*, obtiveram 9.09% (uma ocorrência) cada. No total, foram registradas 11 ocorrências e os informantes 01BH - 1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), de 10 a 13 anos de escolarização, homem; 02BH - 2º faixa etária (45 a 65 anos de idade), de 10 a 13 anos de escolarização, homem e 02BM - 1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), Ensino Superior, homem não souberam responder.

Em Tabatinga, registramos duas variantes e 12 ocorrências, a saber: *chicharón [ʧɪtʃa̰rõ]* obteve 83.33% (dez ocorrências) do total de doze. A segunda variante mais expressiva foi *empanado* com 16.67% (duas ocorrências). Nessa localidade, os informantes 01AH - 1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), de 4 a 7 anos de escolarização, homem e 01CH - 1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), Ensino Superior, homem não souberam responder.

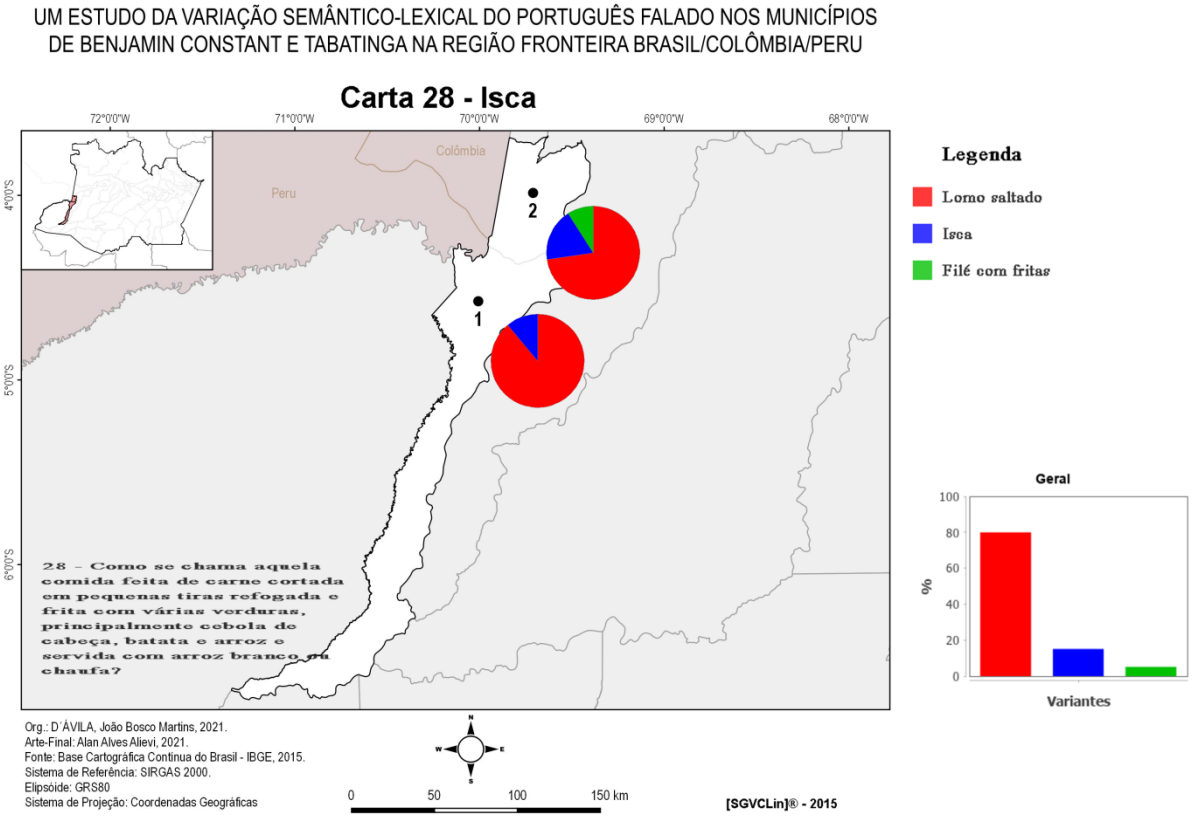
Como vimos, a variante mais expressiva foi *chicharón [ʧɪtʃa̰rõ]*. Ao realizarmos uma pesquisa em dicionários de Língua Portuguesa tentando localizar esse termo, não encontramos nenhuma entrada. Encontramos a palavra nos dicionários de Língua Espanhola, segundo Gross (1984, p.152) "residuo muy frito de las pelas del cerdo. Carne requemada". Com isso, é possível afirmar que o uso dessa palavra é resultado da interferência linguística, que é ocasionada pelo contato entre o português e o espanhol na região de tríplice fronteira.

Em relação a variável em questão, também não foram elaboradas cartas extralinguísticas, uma vez que as variáveis aqui controladas não se mostraram atuantes.

3.9 ISCA

Isca é uma comida preparada a partir de pequenos pedaços de carne cortados em formato de tiras, tomate, cebola de cabeça e outras verduras. Esses ingredientes são refogados numa frigideira juntamente com a carne depois de frita. Na culinária brasileira, conhecemos o alimento por nome de isca. Por outro lado, na culinária peruana e colombina, encontramos o nome *lomo saltado*. Nossa hipótese era de que encontraríamos as duas variantes na fala dos moradores da região aqui investigada. Nossa hipótese foi confirmada, uma vez que ambas

foram registradas a partir da aplicação do nosso questionário semântico-lexical. A pergunta feita aos informantes foi assim: *como se chama aquela comida feita de carne cortada em pequenas tiras refogada e frita com várias verduras, principalmente cebola de cabeça, batata e arroz e servida com arroz branco ou chaufa*? Ressalta-se que essa questão não foi objeto de estudo de Cruz (2004), nem de Azevedo (2013), Maia (2018) e Viana (2019). O resultado desta pesquisa aparece na Carta Linguística 28, a seguir:



No geral, computamos três variantes e 20 ocorrências, das quais 80% (dezesseis ocorrências) foram da variante *lomo saltado*, 15% (três ocorrências) foram da variante *isca* e 5% da variante *filé com fritas* (uma ocorrência). Localidade: Benjamin Constant.

Quadro 35: Resultados da Questão 28, de acordo com a ordem das respostas

Questão: 28	Como se chama aquela comida feita de carne cortada em pequenas tiras refogada e frita com várias verduras, principalmente cebola de cabeça, batata e arroz e servida com arroz branco ou chaufa?		
Localidade: Benjamin Constant			
Variantes	Lomo saltado	Isca	Filé com fritas
Resposta	Nº de R.	Nº de R.	Nº de R.
1ª	8	1	
Localidade: Tabatinga			
1ª	8		1

2ª		2	

Fonte: elaborado pelo autor

Na distribuição por ponto de inquérito, em Benjamin Constant, a variante mais expressiva foi *lomo saltado*, ocorrendo em 88.89% (nove ocorrências) das vezes e foi seguida de *isca* com 11.11% (uma ocorrência) somente. Na localidade, três informantes não souberam responder, a saber: 01BH - 1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), de 10 a 13 anos de escolarização, homem; 02BH - 2º faixa etária (45 a 65 anos de idade), de 10 a 13 anos de escolarização, homem e 02BM - 2º faixa etária (45 a 65 anos de idade), de 10 a 13 anos de escolarização, mulher.

Em Tabatinga, a variante mais expressiva também foi *lomo saltado* com 72.73% (oito ocorrências) concorrendo com os dados percentuais seguintes: 72.73% (oito ocorrências) de *isca*, 9.09% (uma ocorrência) de *filé com fritas*. Na localidade, três informantes não souberam responder, a saber: 01AH -1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), de 4 a 7 anos de escolarização, homem; 02AH - 2º faixa etária (45 a 65 anos de idade), de 4 a 7 anos de escolarização, homem e 02CM - 2º faixa etária (45 a 65 anos de idade), Ensino Superior, mulher.

Portanto, conforme os dados apresentados acima, podemos afirmar que a variante *lomo saltado* é predominante na região, uma vez que em ambas as localidades, o termo foi o mais recorrente. Apesar de não existir entrada nos dicionários de espanhol consultados, trata-se de uma palavra presente na fala dos colombianos e peruanos da região, bem como em placas e nos cardápios de vários restaurantes espalhados pelas duas cidades brasileiras. Diante disso, afirmamos que a fala dos brasileiros da região de tríplice fronteira é influenciada pelo contato linguístico entre o português e o espanhol.

Figura 24: Placa de restaurante peruano em Benjamin Constant.

Fonte: arquivo pessoal

Figura 25 - Placa de restaurante colombiano em Tabatinga.

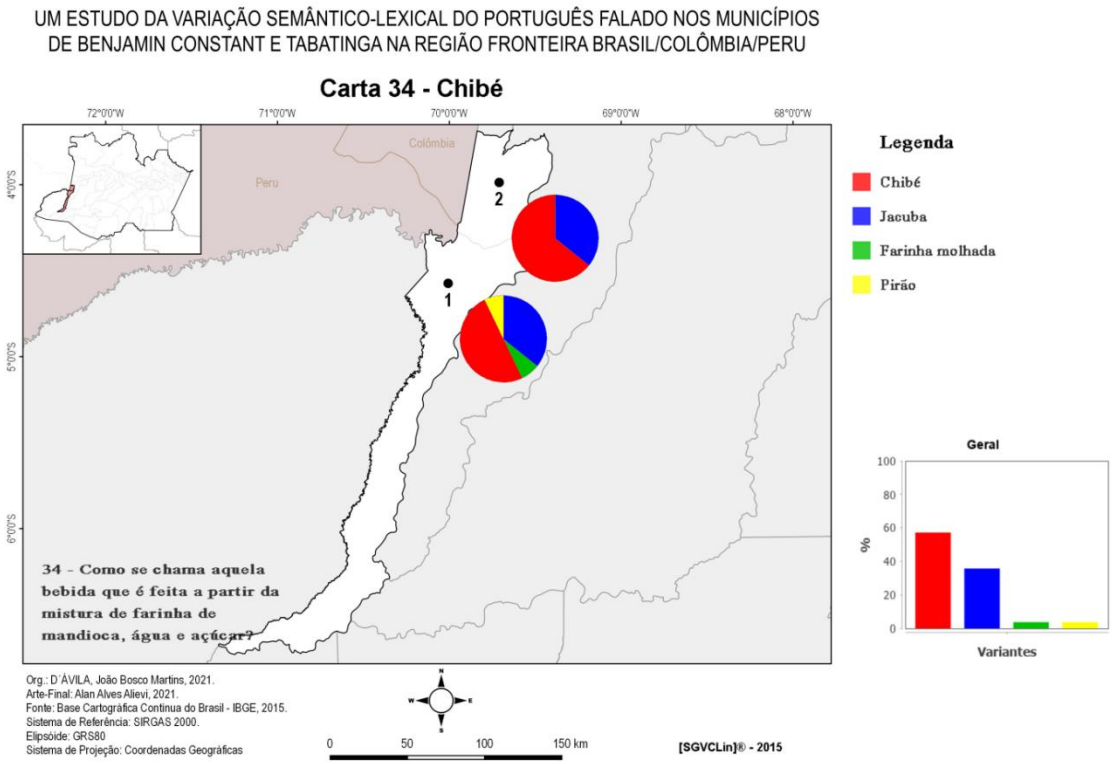
Fonte: arquivo pessoal

No que tange às variáveis extralinguísticas, também não foram elaboradas cartas para a referida questão, uma vez que não se mostraram significativas.

3.10 CHIBÉ

Não encontramos entrada para o termo *chibé* nos dicionários consultados. No entanto, sabemos que é bastante usado no PB. Essa variável já foi fruto de análise em outros trabalhos realizados no Amazonas, a saber: Cruz (2004) que elaborou a pergunta da seguinte forma*: como se chama aquele pirão feito com água e farinha de mandioca?* Azevedo (2013) que fez a pergunta assim: *geralmente quando dá fome, se pega a farinha e se joga água para depois beber. A farinha com a água forma o [...].* Ressalta-se que essa pergunta não foi objeto de estudo de Viana (2019). Nesta pesquisa, a pergunta foi feita da seguinte maneira: *como se chama aquela bebida que é feita a partir da mistura de farinha de mandioca, água e açúcar ou sal?*

Como podemos perceber, as perguntas tiveram formulaçoes distintas, uma vez que, segundo os informantes da nossa pesquisa, existem diversas maneiras de preparar esse alimento. Alguns falaram que pode ser preparado com farinha, água e sal; outros afirmaram que pode ser feito com farinha, água e açúcar e, ainda, com farinha, água e pimenta. Na microrregião do Alto Solimões, independemente da forma como é preparado, segundo nosso conhecimento da realidade linguística local, ele pode ser chamado de *chibé* ou *jacuba*, pois quem "difinirá" uma das duas variantes serão os falantes por suas "escolhas" invididuas e não pela forma como o alimento é preparado. Observamos os resultados encontrados na Carta Linguística 34, a seguir:



Conforme dados da Carta semântico-lexical 34, nas duas localidades, registramos quatro variantes e 28 ocorrências, sendo a variante *chibé* a mais expressiva com 57.14% (dezesseis ocorrências), seguida por *jacuba* com 35.71% (dez ocorrências), por *farinha molhada* com 3.57% (uma ocorrência) e por *pirão* também com 3.57% (uma ocorrência).

Quadro 36: Análise da Questão 34, de acordo com a ordem das respostas

Questão: 34	Como se chama aquela bebida que é feita a partir da mistura de farinha de mandioca, água e açúcar ou sal?			
Localidade: Benjamin Constant				
Variantes	**Chibé**	**Jacuba**	**Farinha molhada**	**Pirão**
Resposta	Nº de R.	Nº de R.	Nº de R.	Nº de R.
1ª	5	5		
2ª	2		1	
3ª				1
Localidade: Tabatinga				
1ª	7	3		
2ª	2	2		
3ª				

Fonte: elaborado pelo autor

Em Benjamin Constant, prevaleceu a variante *chibé*, que obteve 50% (sete ocorrências) no cômputo geral. A variante lexical *jacuba* foi a segunda mais expressiva,

apresentado 35.71% (cinco ocorrências), *farinha molhada* e *pirão* ficaram em terceiro e último lugar com percentuais de 7.14% (uma ocorrência) cada. No total, foram registradas 14 ocorrências e a informante 01BM - 1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), de 10 a 13 anos de escolarização, mulher, não soube responder.

Em Tabatinga, a incidência da variante *chibé* foi em 64.29% (nove ocorrências), seguida por *jacuba* em 35.71% (cinco ocorrências). No total, foram computadas 14 ocorrências e dois informantes não souberam responder, a saber: 01BM - 1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), de 10 a 13 anos de escolarização, mulher e 01CM - 1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), Ensino Superior, mulher.

Vejamos agora, o Quadro 29 que compara os dados da nossa pesquisa com dados dos dois trabalhos citados anteriormente:

Quadro 37: Análise comparativa da Questão 34, em comparação aos resultados de Cruz (2004) e Azevedo (2013)

Pesquisas	Cruz (2004)	Azevedo (2013)	Benjamin Constant e Tabatinga
Variantes	Chibé Jacuba Pirão Escaldado de farinha Cuba Apuba	Chibé Jacuba Laura Rebojado Farinha molhada Lapulapu Jaraqui Pirão	Chibé Jacuba Farinha molhada Pirão

Fonte: elaborado pelo autor

Comparando com os dados de Cruz (2004), percebemos o compartilhamento de três variantes, sendo *chibé, jacuba e pirão*; *escaldado de farinha*, *cuba* e *apuba* registraram-se somente em Cruz (2004). Por outro lado, *farinha molhada* foi identificada somente na região de tríplice fronteira. Confrontando nossos dados com os dados de Azevedo (2013), chegamos aos seguintes resultados: as variantes *chibé*, *jacuba* e *pirão* foram registradas nos dois trabalhos, enquanto *rebojado, farinha molhada, lapulapu e jaraqui* somente foram encontradas em Azevedo (2013); *farinha molhada,* mais uma vez, constitui a variante nova, ou melhor, encontrada somente em nossa região. É importante ressaltar que as variantes *chibé* e *jacuba* foram as mais expressivas nas três pesquisas, permitindo-nos afirmar que, os termos são falados nas localidades do Estado do Amazonas. Vale ressaltar que Maia (2018) não pesquisou esta variável. Ainda, destaca-se que as variantes aqui encontradas não correspondem exatamente ao mesmo referente investigado em Cruz (2004), Azevedo (2013) e Maia (2018).

Quanto à análise das variáveis extralinguísticas, não elaboramos cartas linguísticas também porque não se mostraram relevantes para a pergunta em questão.

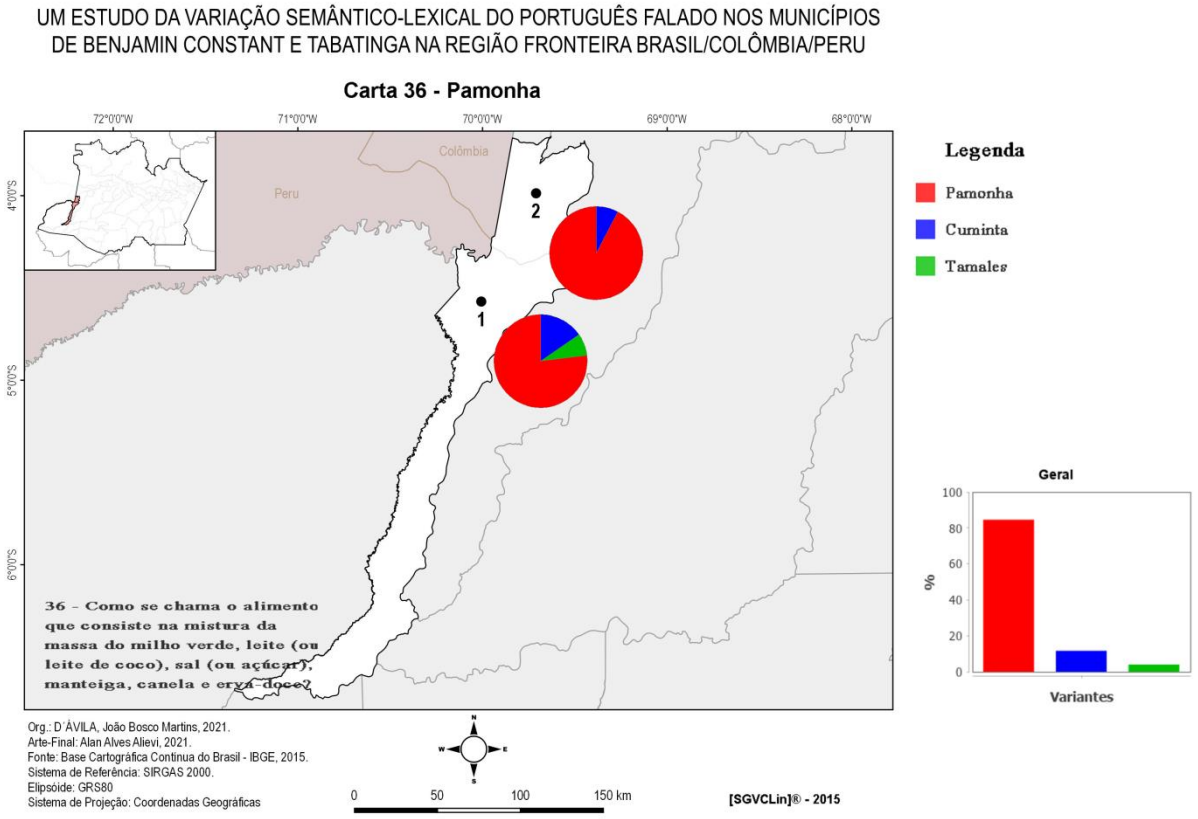
3.11 PAMONHA

Segundo Bechara (2011, p. 942), *pamonha* é "bolo de milho verde, açúcar, leite de vaca e de coco, levado a cozer envolto em palhas de milho ou de bananeira". A pergunta referente a essa variável foi: *como se chama o alimento que consiste na mistura da massa do milho verde, leite (ou leite de coco), sal (ou açúcar), manteiga, canela e erva-doce*. Essa pergunta foi elaborada somente na nossa pesquisa, portanto, não será possível fazermos uma análise comparativa com os outros trabalhos aqui em discussão. Tivemos auxílio de uma imagem junto à questão.

Figura 26: Pamonha

Fonte: https://pt.dreamstime.com/photos-images/pamonha-curau.html - consultado no dia 07/07/2021.

A seguir, apresentamos os resultados encontrados nesta pesquisa:



No total, foram encontradas três variantes e 26 ocorrências, sendo a variante *pamonha* a mais expressiva com 84.62% (vinte e duas ocorrências), seguida de *cuminta* e *tamales* com percentuais respectivos em 11.54% (três ocorrências) e 3.85% (uma ocorrência).

Quadro 38: Análise da Questão 36, de acordo com a ordem das respostas.

Questão: 36	Como se chama o alimento que consiste na mistura da massa do milho verde, leite (ou leite de coco), sal (ou açúcar), manteiga, canela e erva-doce?		
Localidade: Benjamin Constant			
Variantes	**Pamonha**	**Cuminta**	**Tamales**
Resposta	Nº de R.	Nº de R.	Nº de R.
1ª	10		
2ª	2		
3ª			1
Localidade: Tabatinga			
1ª	12		
2ª		1	

Fonte: elaborado pelo autor

Em Benjamin Constant, a denominação mais recorrente foi *pamonha* com 76.92% (dez ocorrências), seguida de 8% de *cuminta* (duas ocorrências) e 7.69% de *tamales* (uma

ocorrência). Foram registradas, no total, 13 ocorrências e os informantes 01AH - 1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), de 4 a 7 anos de escolarização, homem e 01AM 1º - faixa etária (20 a 35 anos de idade), de 4 a 7 anos de escolarização, mulher não souberam responder.

Em Tabatinga, por sua vez, foram encontradas somente duas variantes, a saber: *pamonha*, que foi a mais incidente com 92.31% (doze ocorrências) e, em segundo lugar, apareceu a variante *cuminta* com 7.69% (uma ocorrência). No total, foram registradas 13 ocorrências.

A variante *cuminta* é um termo bastante usado pelos peruanos e colombianos. Procuramos a palavra em alguns dicionários de língua espanhola e de língua portuguesa, mas não a encontramos. Acreditamos que seja uma palavra do espanhol informal falado na região. Caso nossa hipótese seja confirmada, estamos diante de mais uma expressão que está na fala dos brasileiros influenciada pelo contato linguístico.

O termo *tamales* é bastante falado pelos colombianos e peruanos. Entretanto, seu referente pode mudar a depender da região. Nesta região de tríplice fronteira, o termo se refere a um alimento que é feito a partir da mistura de arroz e frango cozidos e normalmente, acrescentam azeitona, enrolados em folhas. Mas, segundo alguns informantes desta pesquisa, em conversas informais com o pesquisador depois da aplicação do questionário, afirmaram que em algumas regiões da Colômbia e do Peru, esta palavra se refere ao mesmo referente do que em português que conhecemos como *pamonha*. Além disso, existe a variante *fane* nessa região de fronteira, principalmente no Município de Benjamim Constant, para se referir a esse alimento feito com arroz e frango cozidos e enrolados em folhas.

Figura 27: Tamales ou fane

Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

Portanto, acreditamos que, as variantes *tamales* e *fane* são interferências linguísticas, resultando em um empréstimo linguístico lexical do espanhol ao português da região de tríplice fronteira, posto que, por ser um alimento típico da culinária desses países, não encontramos termos em português para este referente.

No que tange à análise dos condicionadores extralinguísticos, também não apresentamos carta linguística para a pergunta em análise, uma vez que não se mostraram atuantes.

3.12 CHOPP SUJO

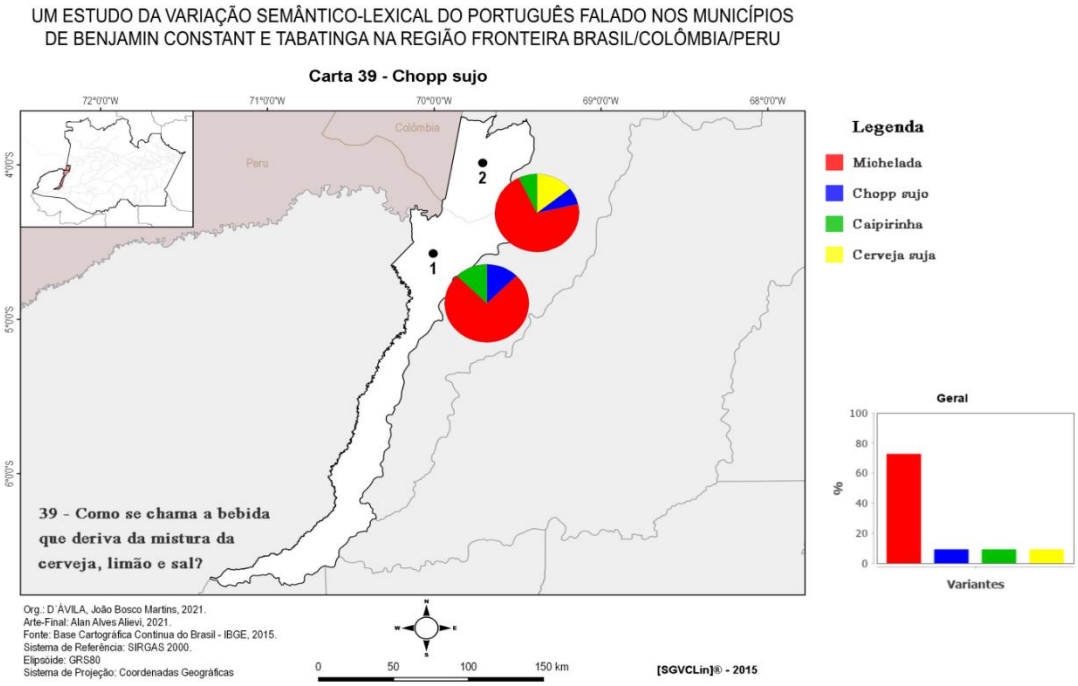
Chopp sujo é uma bebida que resulta da mistura da cerveja, o sumo do limão e sal. No Questionário Semântico-lexical, a pergunta para o referente foi: *como se chama a bebida que deriva da mistura da cerveja, limão e sal?* Essa questão também foi estudada por Viana (2019). Ressalta-se que não foi objeto de investigação em Cruz (2004), Azevedo (2013) e Maia (2018). Inicialmente, esperávamos identificar duas variantes para essa pergunta: *michelada[mitʃe̯lada]*e *chopp sujo*. Essa hipótese, a respeito da primeira variante, deu-se pela vivência deste pesquisador nessa região, bem como pelo seu conhecimento dos nomes de comidas e bebidas típicas da mesma. Já da segunda, formou-se a partir das viagens do pesquisador a capital do Estado, Manaus, dado que foi percebido que os manauaras utilizam

bastante a variante *chopp sujo*. Os resultados da aplicação da pergunta aos informantes aparecem na Carta Linguística 39, a seguir:

Figura 28: Chopp sujo ou michelada

Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

Na Carta, a seguir, ilustramos os resultados encontrados nesta pesquisa:



Conforme a Carta semântico-lexical 39, identificamos nas duas localidades em estudo quatro variantes e 22 ocorrências para a bebida feita com cerveja, limão e sal. A variante *michelada [mitʃe̯lada]* se destacou entre as demais, apresentando 72.72% (doze ocorrências), em segundo lugar, ficaram as variantes *chopp sujo, cerveja suja e caipirinha*, com percentuais, respectivos em: 9.09% (duas ocorrências).

Quadro 39: Análise da Questão 39, de acordo com a ordem das respostas.

Questão: 39	Como se chama a bebida que deriva da mistura da cerveja, limão e sal?			
Localidade: Benjamin Constant				
Variantes	**Michelada**	**Caipirinha**	**Chopp sujo**	**Cerveja suja**
Resposta	Nº de R.	Nº de R.	Nº de R.	Nº de R.
1ª	5	1		
2ª			1	
Localidade: Tabatinga				
1ª	10	1		
2ª			1	2

Fonte: elaborado pelo autor

Em Benjamin Constant, a variante *michelada [mitʃe̯lada]* foi a mais expressiva com registro percentual de 75% (oito ocorrências); *caipirinha* e *chopp sujo*, por sua vez, ficaram em segundo lugar com registro percentual de 12.50% (uma ocorrência) cada. Registramos, no total, oito ocorrências e um alto número de abstenção, visto que cinco informantes não responderam a pergunta, a saber: 02BH - 2º faixa etária (45 a 65 anos de idade), de 10 a 13 anos de escolarização, homem; 02BM - 2º faixa etária (45 a 65 anos de idade), de 10 a 13 anos de escolarização, mulher; 01CH - 1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), Ensino Superior, homem e 01CM - 1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), Ensino Superior, mulher.

Em Tabatinga, registramos quatro variantes e 14 ocorrências. A variante mais utilizada foi *michelada [mitʃe̯lada]*com 71.43% (dez ocorrências), as demais variantes foram *cerveja suja* com 14.29% (duas ocorrências), *caipirinha* e *chopp sujo* com 7.14% (uma ocorrência) cada.

Em Viana (2019) foi registrada somente a variante *michelada [mitʃe̯lada]*. Ao analisar os dados de acordo com as variáveis independentes extralinguísticas *sexo, faixa etária* e *escolaridade*, obtivemos os seguintes os resultados:

Quadro 40: Resultados da Questão39, de acordo com o sexo/gênero

Questão	Como se chama a bebida que deriva da mistura da cerveja, limão e sal?								
Sexo	**Variantes**								
	Michelada		**Caipirinha**		**Chopp sujo**		**Cerveja suja**		**Total**
	Oc.	**%**	**Oc.**	**%**	**Oc.**	**%**	**Oc.**	**%**	
Homem	6	50.00	2	16.67	2	16.67	2	16.67	12
Mulher	10	100.00	--	----	---	---	----	---	10

Fonte: elaborado pelo autor

Entre os homens, *michelada [mitʃe̯lada]* foi a variante mais falada com 50% (sete ocorrências), enquanto *caipirinha*, *chopp sujo* e *cerveja suja* obtiveram 16.67% (duas ocorrências) cada. Já entre as mulheres, a variante *michelada [mitʃe̯lada]* foi usada de forma categórica (100%/ dez ocorrências). Portanto, percebemos uma diferença entre os grupos de falantes, pois os homens demostraram conhecer outras variantes para a variável em questão em comparação às mulheres. A hipótese que podemos levantar é a de que os homens das cidades investigadas circulam mais socialmente em relação às mulheres e, por esse motivo, estão com mais frequência em lugares que vendem essa bebida e, portanto, em contato com outras variantes.

Quadro 41: Resultados da Questão 39, de acordo com a *faixa etária*

Questão	Como se chama a bebida que deriva da mistura da cerveja, limão e sal?								
Faixa etária	**Variantes**								
	Michelada		**Caipirinha**		**Chopp sujo**		**Cerveja suja**		**Total**
	Oc.	**%**	**Oc.**	**%**	**Oc.**	**%**	**Oc.**	**%**	
20 a 35 anos	9	75.00	1	10.00			2	16.67	12
45 a 65 anos	7	70.00	1	10.00	2	20.00			10

Fonte: elaborado pelo autor

Os informantes com faixa etária de 20 a 35 anos utilizaram com mais frequência a variante *michelada [mitʃe̯lada]*, que obteve 75% (nove ocorrências), seguida por *cerveja suja* com 16.67% (duas ocorrências) e de *caipirinha* com 10.00% (uma ocorrência). O grupo de informantes com faixa etária de 45 a 65 anos também utilizou com mais frequência a variante *michelada [mitʃe̯lada]*, a qual obteve registro de 70% (sete ocorrências), seguidas de *chopp sujo* com 20% (duas ocorrências) e *caipirinha* com 10% (uma ocorrência).

Dessa forma, observamos que a variante *michelada* foi mais recorrente entre o grupo de falantes de mais jovens, enquanto *caipirinha* apresentou uso homogêneo entre as duas faixas etárias de informantes; *chopp sujo*, por sua vez, ocorreu somente entre os informantes mais velhos, enquanto *cerveja suja* foi registrada somente no grupo de pessoas mais jovens.

Quadro 42: Resultados da Questão 39, de acordo com a *escolaridade*

Questão	Como se chama a bebida que deriva da mistura da cerveja, limão e sal?								
Sexo	**Variantes**								
	Michelada		**Caipirinha**		**Chopp sujo**		**Cerveja suja**		**Total**
	Oc.	**%**	**Oc.**	**%**	**Oc.**	**%**	**Oc.**	**%**	
Ensino Fundamental II	7	77.78	1	11.11	1	11.11	---	---	9
Ensino Médio	4	66.67	1	16.67	---	----	1	16.67	6
Ensino Superior	5	71.43	---	----	1	14.29	1	14.29	7

Fonte: elaborado pelo autor

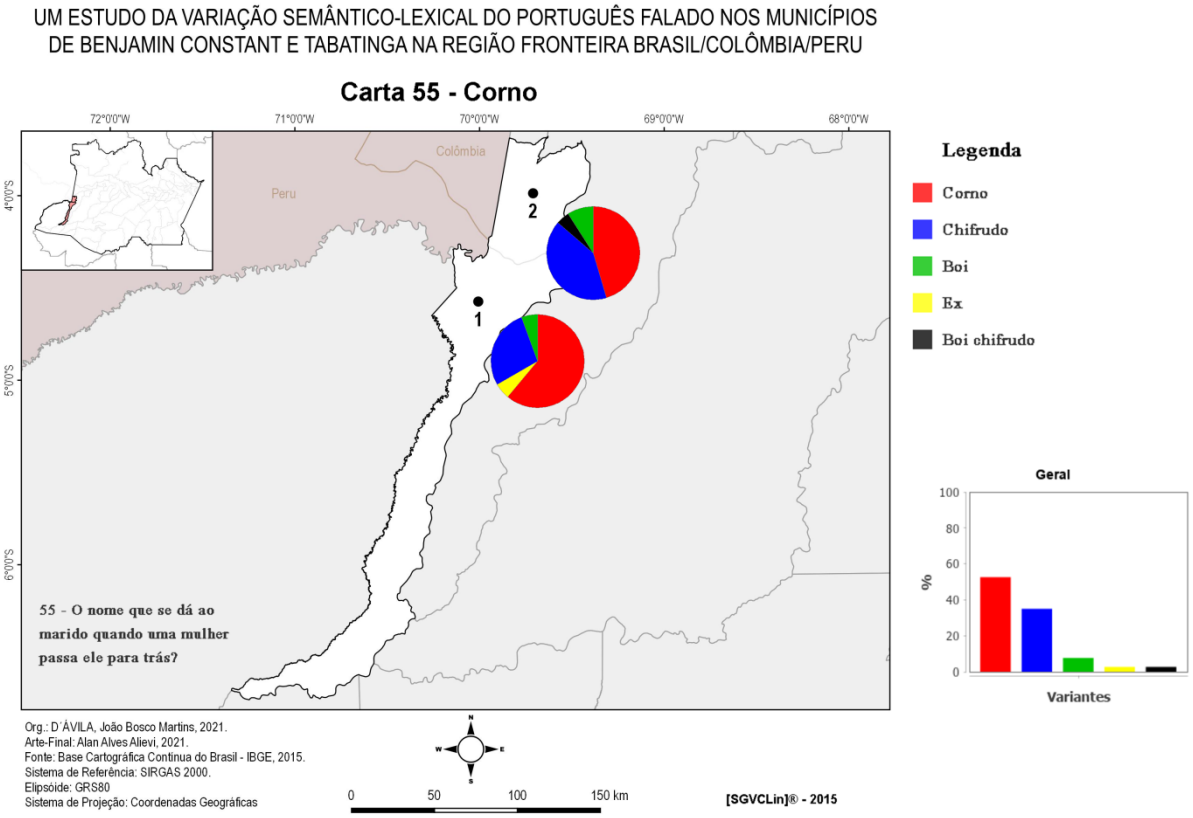
Considerando a variável extralinguística *escolaridade*, na fala de informantes com Ensino Fundamental II obtivemos os seguintes resultados: a variante *michelada [mitʃ̯elada]* ocorreu em 77.78% dos dados (sete ocorrências) e *caipirinha e chopp sujo* 11.11% (uma ocorrência). Entre os informantes com o Ensino Médio, a variante *michelada [mitʃ̯elada]* obteve 66.67% (quatro ocorrências). Ainda neste grupo, *caipirinha* e *cerveja suja* obtiveram 16.67% (uma ocorrência) cada. Os informantes com Ensino Superior utilizaram três variantes, a saber, *michelada* com 71.43% (cinco ocorrências), *chopp sujo* e *cerveja suja* com 14.29% (uma ocorrência) cada.

O que se observa, assim, é que a variante *michelada [mitʃ̯elada]* apresentou maior recorrência entre os informantes do Ensino Fundamental II; *caipirinha* teve maior ocorrência entre as pessoas do Ensino Médio; *chopp sujo* teve mais expressividade entre os do Nível Superior e *cerveja* suja ocorreu mais entre os informantes do Ensino Médio. Ainda, verifica-se que quanto maior o nível de escolaridade, maior é o uso de variantes externas à localidade, como é o caso de *chop sujo* e *cerveja suja*. Isso acontece, conforme já discutido, provavelmente, porque pessoas que frequentam o Nível Superior têm um contato maior com pessoas de origens diversas.

Observamos que o fator localidade não foi tão determinante para a diferença lexical entre as duas localidades em estudo, visto que nas duas cidades, a variante *michelada [mitʃ̯elada]*foi a mais recorrente. Exceto os resultados apresentados com relação à variável *sexo*, as demais variáveis diastráticas não causaram diferenças significativas nos resultados. Levantamos como hipótese que o fator contato linguístico entre o português e o espanhol é determinante para o uso da variante *michelada [mitʃ̯elada]*, uma vez que é um termo bastante comum na fala de colombianos e peruanos.

3.13 CORNO

Segundo Bechara (2011, p. 366), uma das significações para a palavra corno em língua portuguesa é “marido a quem a mulher é infiel; cornudo”. A variável foi objeto de estudo no projeto AliB, bem como em Cruz (2004), Maia (2018) e em Viana (2019). Aproveitamos a pergunta do Questionário Semântico-lexical do ALSAM, a qual objetivou saber: *o nome que se dá ao marido quando uma mulher passa ele para trás*? As variantes encontradas nas duas localidades aparecem na Carta Linguística 55, a seguir:



No geral, registramos cinco variantes e 40 ocorrências. A variante *corno* foi a que predominou com 52.50% (vinte e uma ocorrências) e foi seguida por *chifrudo* com 35% (quatorze ocorrências), *boi* com 7.50% (três ocorrências) e por *ex* e *boi chifrudo* com 2.50% (uma ocorrência) cada.

Em Benjamin Constant, obtivemos a variante *corno*, *chifrudo* e *ex* como 1ª resposta, com os seguintes números, respectivamente, na fala de 8 informantes, 1 informante cada. Como 2ª resposta apareceram as variantes *chifrudo* na fala de 2 informantes e *corno* na fala de 1 informante. Em Tabatinga, por sua vez, a variante *corno* apareceu na fala de 7 informantes como 1ª resposta e *chifrudo* na fala de 3 informantes. Como 2ª resposta apareceram as seguintes variantes, a saber: *chifrudo* na fala de 7 informantes, *corno* e *boi chifrudo* na fala de 1 informante cada.

Quadro 43: Análise da Questão 55, de acordo com a ordem das respostas.

Questão: 55	O nome que se dá ao marido quando uma mulher passa ele para trás?				
Localidade: Benjamin Constant					
Variantes	**Corno**	**Chifrudo**	**Ex**	**Boi**	**Boi chifrudo**
Resposta	Nº de R.	Nº de R.	Nº de R.	Nº de R.	Nº de R.
1ª	10	1			
2ª	1	3			
3ª		1		1	
Localidade: Tabatinga					
1ª	9	3			
2ª	1	6			1
3ª				2	

Fonte: elaborado pelo autor

Em Benjamin Constant, foram registradas cinco variantes e 18 ocorrências: a mais expressiva foi *corno* com 61.11% (onze ocorrências) e as menos expressivas foram *chifrudo* com 27.78% (cinco ocorrências), *boi* e *ex* com 5.56% (uma ocorrência) cada. Em Tabatinga, foram computadas quatro variantes e 22 ocorrências. Nessa localidade, também obtivemos a predominância da variante *corno* com 45.45% (dez ocorrências), entretanto, a variante *chifrudo* apresenta um percentual aproximado (40.91%/nove ocorrências). Registramos, ainda, a variante *boi* com 9.09% (duas ocorrências) e *boi chifrudo* com 4.55% (uma ocorrência).

Em Cruz (2004), essa variável foi objeto de análise, no entanto, não foi produzida carta linguística para essa questão, por esse motivo não será possível fazermos uma análise comparativa. Por outro lado, Maia (2018) também estudou essa variável e identificou três variantes, a saber: *corno, chifrudo e traído*. Segue o Quadro 33 com uma análise comparativa:

Quadro 44: Análise comparativa da Questão 55, em comparação aos resultados de Maia (2018) e Viana (2019)

Pesquisas	**Cruz (2004)**	**Maia (2018)**	**Viana (2019)**	**Benjamin Constant e Tabatinga**
Variantes	----------	Corno Chifrudo Traído	Chifrudo Corno Cabrón	Corno Chifrudo Boi Ex Boi chifrudo

Fonte: elaborado pelo autor

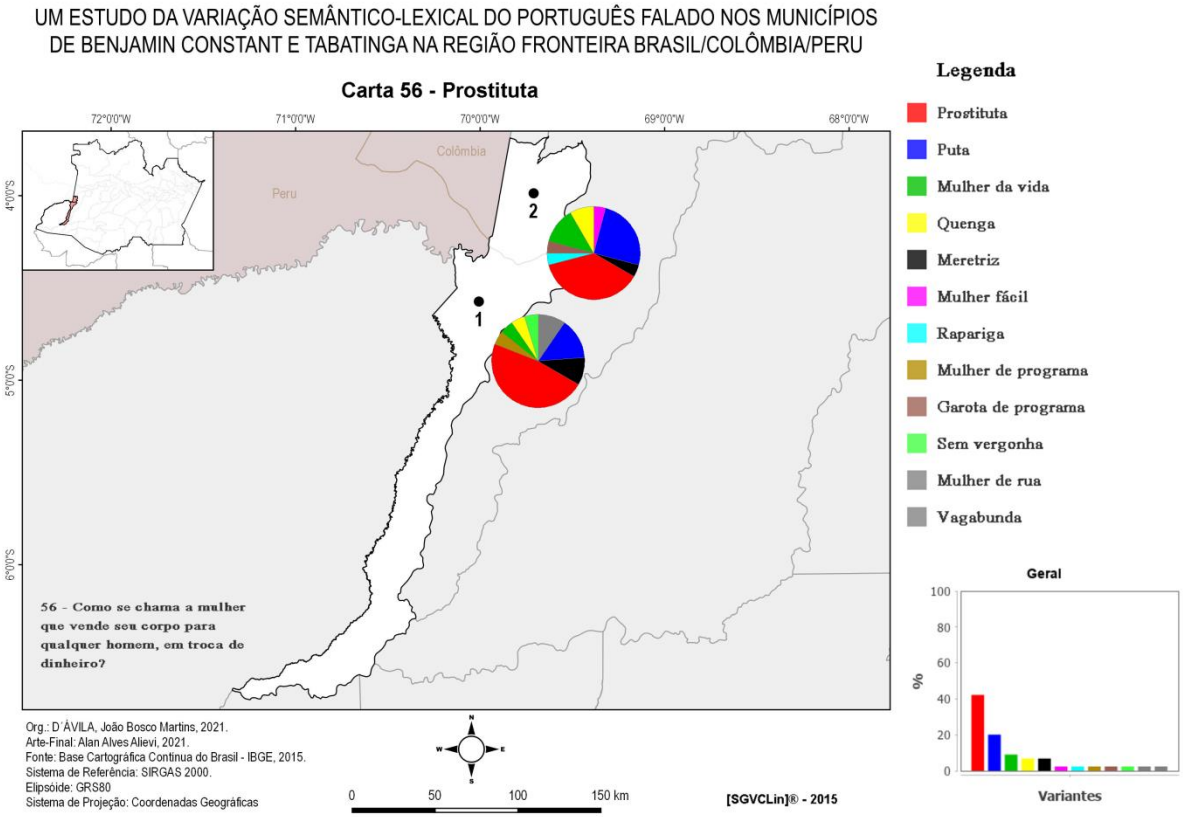
Conforme os dados do Quadro 33, percebemos que as variantes, *corno* e *chifrudo* são utilizadas tanto nos dados de Maia (2018) quanto nos nossos dados. Em Viana (2019), foram registradas duas variantes encontradas tanto em Maia (2018), como em nossa pesquisa, além

disso, a pesquisadora registrou a variante *cabrón*, um termo estrangeiro que deve estar no falar dos brasileiros devido ao contato linguístico nesta região de fronteira. A variante *traído*, no entanto, só foi encontrada nos dados de Maia (2018). Enquanto as variantes *boi*, *ex* e *boi chifrudo* identificaram-se somente nesta região de tríplice fronteira.

Quanto aos grupos de fatores extralinguísticos, não foram apresentadas cartas linguísticas, uma vez não se mostraram atuantes para a pergunta em questão.

3.14 PROSTITUTA

Segundo Bechara (2011, p.1039), prostituta é "mulher prostituta; meretriz, marafona". No estado do Amazonas, Cruz (2004), Maia (2018) e Viana (2019) já realizaram um estudo das variantes para esse referente. Em nossa pesquisa, tomamos emprestada a questão presente nos questionários semântico-lexicais dos dois primeiros trabalhos citados. A pergunta teve o objetivo de saber: *como se chama a mulher que vende seu corpo para qualquer homem, em troca de dinheiro?* Os resultados encontrados aparecem na Carta Linguística 56 que segue:



No geral, registramos 12 variantes e 45 ocorrências: a mais expressiva foi *prostituta* com 42.22% (dezenove ocorrências); em segundo lugar, apareceu à expressão *puta* com 20% (nove ocorrências), *mulher da vida* ficou com 8.89% (quatro ocorrências) e as menos expressivas foram *quenga* e *meretriz* com 6.67% (três ocorrências) cada e *mulher de programa, garota de programa, sem vergonha, vagabunda, rapariga* e *mulher fácil* ficaram com 2.22% (uma ocorrência) cada.

Prostituta é um termo muito falado em Benjamin Constant (47.62%/ dez ocorrências). A segunda variante mais utilizada nessa localidade foi *puta*, que apareceu com 14.29% (três ocorrências), a terceira foi *meretriz* com 9.52% (duas ocorrências) e as menos expressivas foram *mulher da vida, mulher de programa, mulher de rua, mulher fácil, quenga, sem vergonha* e *vagabunda* com 4.76% (uma ocorrência) cada.

Prostituta foi também a variante mais recorrente em Tabatinga (37.50%/ seis ocorrências). A segunda mais expressiva foi *puta*, que apareceu com 25% (seis ocorrências), a terceira foi *mulher da vida* com 12.50% (três ocorrências), *quenga* em quarto lugar com 8.33% (duas ocorrências) e as menos expressivas foram *mulher fácil, garota de programa, meretriz, mulher fácil* e *rapariga* 4.17% (uma ocorrência) cada. Dessa forma, observamos que não há uma diferença dialetal no uso das variantes nas duas cidades investigadas.

Quadro 45: Análise comparativa da Questão 56, em comparação aos resultados de Cruz (2004), Maia (2018) e Viana (2019)

Pesquisas	Cruz (2004)	Maia (2018)	Viana (2019)	Em Nossa pesquisa
Variantes	Prostituta Puta Rapariga Quenga Leviana	Prostituta Puta Rapariga Quenga Mercenária Mulher de vida fácil Rameira Sem-vergonha	Puta Prostituta Garota de programa Periguete Moza	Prostituta Puta Mulher da vida Quenga Meretriz Mulher de programa Garota de programa Sem vergonha Vagabunda Rapariga Mulher fácil Mulher de rua

Fonte: elaborado pelo autor

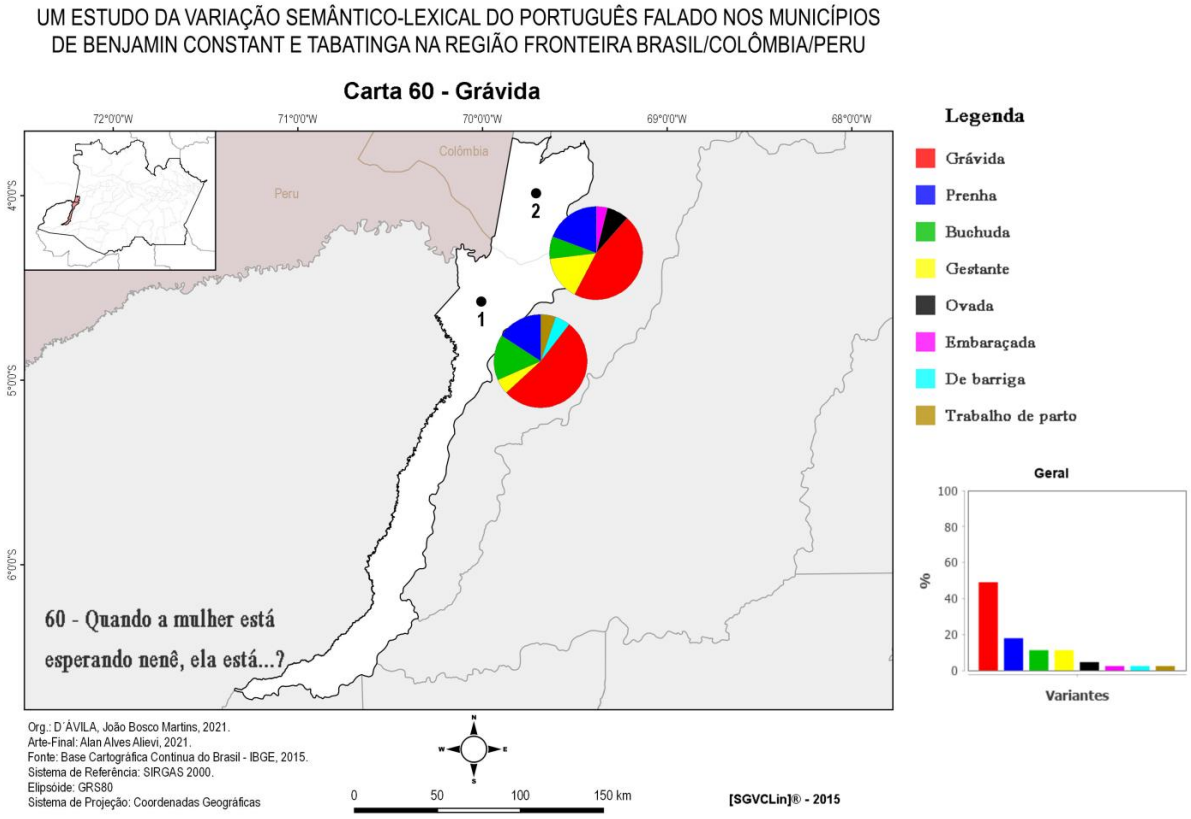
Conforme dados apresentados no Quadro 34, comparando Cruz (2004), Maia (2018), Viana (2019) e nossa pesquisa, podemos comprovar o compartilhamento de duas variantes, a saber: *prostituta e puta*, sendo as variantes mais expressivas nas quatro pesquisas. *Leviana* registrou-se somente em Cruz (2004); *sem-vergonha* identificou-se em Maia (2018) e em nossa pesquisa; *periguete* e *moza* somente em Viana (2019); *mercenária, mulher de vida fácil*

e *rameira* encontrou-se somente em Maia (2018); *mulher da vida, meretriz, mulher de programa, garota de programa, vagabunda, mulher fácil e mulher de rua* registraram-se somente em nossa pesquisa. Portanto, a partir desses dados, confirmamos duas hipóteses do nosso trabalho, que existem semelhanças, bem como diferenças com relação à variação lexical no estado do Amazonas.

Para essa questão, não elaboramos carta linguística diastrática, dado que as variáveis *sexo, faixa etária* e *escolaridade* não se mostraram significativas para ocasionar a diferença lexical entre os grupos sociais.

3.15 GRÁVIDA

Segundo Bechara (2011, p. 648), *grávida* significa "que se encontra em estado de gravidez (mulher, fêmea); gestante, prenhe". A pergunta para investigarmos essa variável foi retirada do questionário semântico-lexical de Maia (2018). Essa pergunta foi utilizada em nossa pesquisa com a formulação original do pesquisador: *quando a mulher está esperando nenê, ela está...?* Ressalta-se que essa pergunta não foi objeto de estudo de Azevedo (2013) e nem Viana (2019). As variantes identificadas com a aplicação dessa questão estão na Carta Linguística 60, a seguir:



No geral, computamos oito variantes e 45 ocorrências para o referente em questão e obtivemos 48.89% (vinte e duas ocorrências) para a variante *grávida*, 17.78% (oito ocorrências) para *prenha*, 11.11% (cinco ocorrências) cada para *buchuda* e *gestante*; 2.22% (uma ocorrência) cada para *embaraçada, trabalho de parto* e *de barriga.*

Quadro 46: Análise da Questão 60, de acordo com a ordem das respostas.

Questão: 60	Quando a mulher está esperando nenê, ela está...?						
Localidade: Benjamin Constant							
Variantes	**Grávida**	**Prenha**	**Trabalho de parto**	**Buchuda**	**Ovada**	**Embaraçada**	**Gestante**
Resposta	Nº de R.	Nº de R.	Nº de R.	Nº de R.	Nº de R	Nº de R	Nº de R.
1ª	8	1	1				
2ª	1	1		2			1
Localidade: Tabatinga							
1ª	12						
2ª		2		2		1	4
3ª		3					
4ª						1	

Fonte: elaborado pelo autor

Na distribuição por ponto de inquérito, em Benjamin Constant, prevaleceu a variante *grávida* com percentual em 52.63% (dez ocorrências), logo depois, apareceram *buchuda* e *prenha* com 15.79% (três ocorrências) cada; *de barriga*, *gestante*, *trabalho de parto* com 5.25% (uma ocorrência) cada. No total, foram registradas 19 ocorrências e o informante 02AH - 2º faixa etária (45 a 65 anos de idade), de 4 a 7 anos de escolarização, homem, não soube responder.

Em Tabatinga, a variante mais expressiva também foi *grávida* com percentual em 46.15 (doze ocorrências), em segundo lugar ficou *prenha* com percentual em 19.23% (cinco ocorrências), em terceiro lugar apareceu *gestante* com 15.38% (quatro ocorrências), *buchuda* obteve o quarto lugar com 7.6% (duas ocorrências) e em último lugar ficou *embaraçada* com 3.8% (uma ocorrência).

Apesar de essa questão ter sido embasada no questionário de Cruz (2004), não será possível fazermos uma análise comparativa, visto que, após consultar o Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM impresso, não encontramos carta linguística referente à ela.

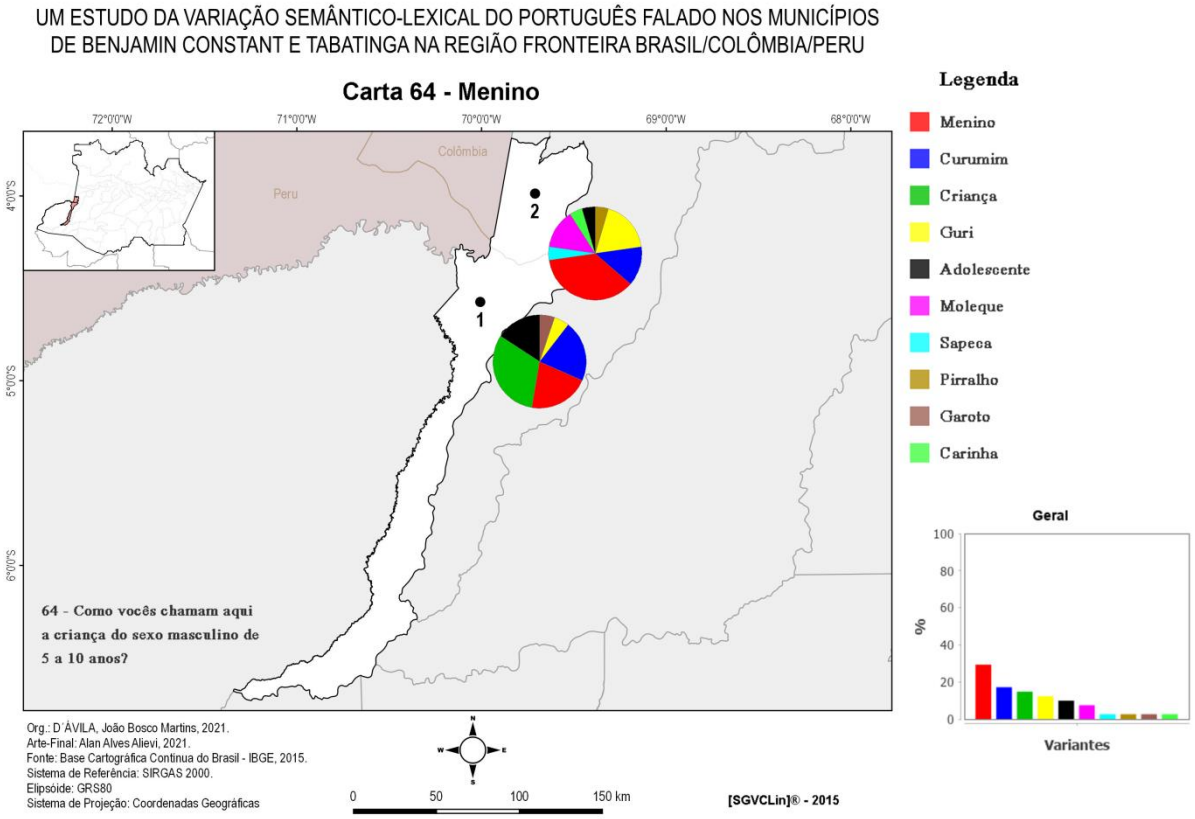
É importante enfatizar o uso da variante *embarazada* do espanhol por um informante da cidade de Tabatinga (vale ressaltar que, a pronúncia da palavra aconteceu de acordo com o padrão fonológico da língua portuguesa). Segundo Gross (1979, p. 196), embarazada "dícese de la mujer que há concebido: embarazada de siete meses". Acreditamos que o uso dessa variante é uma interferência linguística do espanhol ao português, sendo assim, observamos, mais uma vez, o fator contato linguístico agindo de forma significativa para mostrar a diferença lexical dessa região de tríplice fronteira em relação a outras regiões do nosso estado.

Não teceremos considerações diastráticas dos dados, uma vez que percebemos que as variáveis *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade* não se mostraram significativos para a diferença lexical entre os grupos de falantes.

3.16 MENINO

Segundo Bechara (2011, p. 847), menino é uma "criança do sexo masculino; garoto. Homem jovem; moço, rapaz". Seguindo nossa hipótese, existem várias expressões para se referir a esse referente, conforme já comprovaram Cruz (2004), Maia (2018) e Viana (2019). Ressalta-se que essa questão não foi objeto de estudo de Azevedo (2013). Nosso objetivo em aplicar novamente essa questão em outras localidades é de tentar identificar semelhanças e diferenças lexicais em diferentes localidades do Estado do Amazonas. A indagação feita foi:

como vocês chamam aqui a criança do sexo masculino de 5 a 10 anos? Os resultados constam na Carta Linguística 16, a seguir:



Nesta pesquisa, conforme dados da Carta lexical 16, foram computadas dez variantes e 41 ocorrências, a saber: o vocábulo *menino* apresentou 29.27% (doze ocorrências), sendo considerado a variante mais recorrente; *curumim* apresentou 17.07% (sete ocorrências), *criança* apareceu com 14.63% (seis ocorrências), *guri* obteve 12.20% (cinco ocorrências), *adolescente* ficou com 9.76% (quatro ocorrências), *moleque* apareceu com 7.32% (três ocorrências), *garoto*, *sapeca*, *pirralho* e *carinha* ficaram com 2.44% (uma ocorrência) cada.

Distribuindo os dados por ponto de inquérito, obtivemos os seguintes resultados: em Benjamin Constant, registramos seis variantes e 19 ocorrências. A denominação mais recorrente foi *criança* com 31.58% (seis ocorrências), seguido de *curumim* e *menino* (21.05%/quatro ocorrências cada); 15.79% de *adolescente* (três ocorrências) e 5.26% de *garoto* e *guri* (uma ocorrência) cada.

Por outro lado, em Tabatinga, pela primeira vez, até o momento, obtivemos uma diferença lexical entre as duas localidades em estudo, a saber: a variante mais expressiva foi *menino* com percentual em 36.36% (oito ocorrências), em seguida aparece *guri* com 18.18%

(quatro ocorrências), *curumim* com 13.64 (três ocorrências), *adolescente*, *carinha*, *pirralho* e *sapeca* obtiveram 4.55% (uma ocorrência) cada. Nessa localidade, computamos 22 ocorrências e o informante 01AH - 1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), de 4 a 7 anos de escolarização, homem, não soube responder. A seguir, apresentamos o Quadro 35 comparativo dos nossos dados com os de Cruz (2002), Maia (2018) e Viana (2019).

Quadro 47: Análise comparativa da Questão 64 do QSL- Criança do sexo masculino de 5 a 10 anos, em comparação aos resultados de Cruz (2004), Maia (2018) e Viana (2019)

Pesquisas	Cruz (2004)	Maia (2018)	Viana (2019)	Benjamin Constant e Tabatinga
Variantes	Garoto Menino Curumim Moço Menininho	Menino Curumim Garoto Moleque Guri	Criança Menino	Menino Curumim Criança Guri Adolescente Moleque Garoto Sapeca Pirralho Carinha

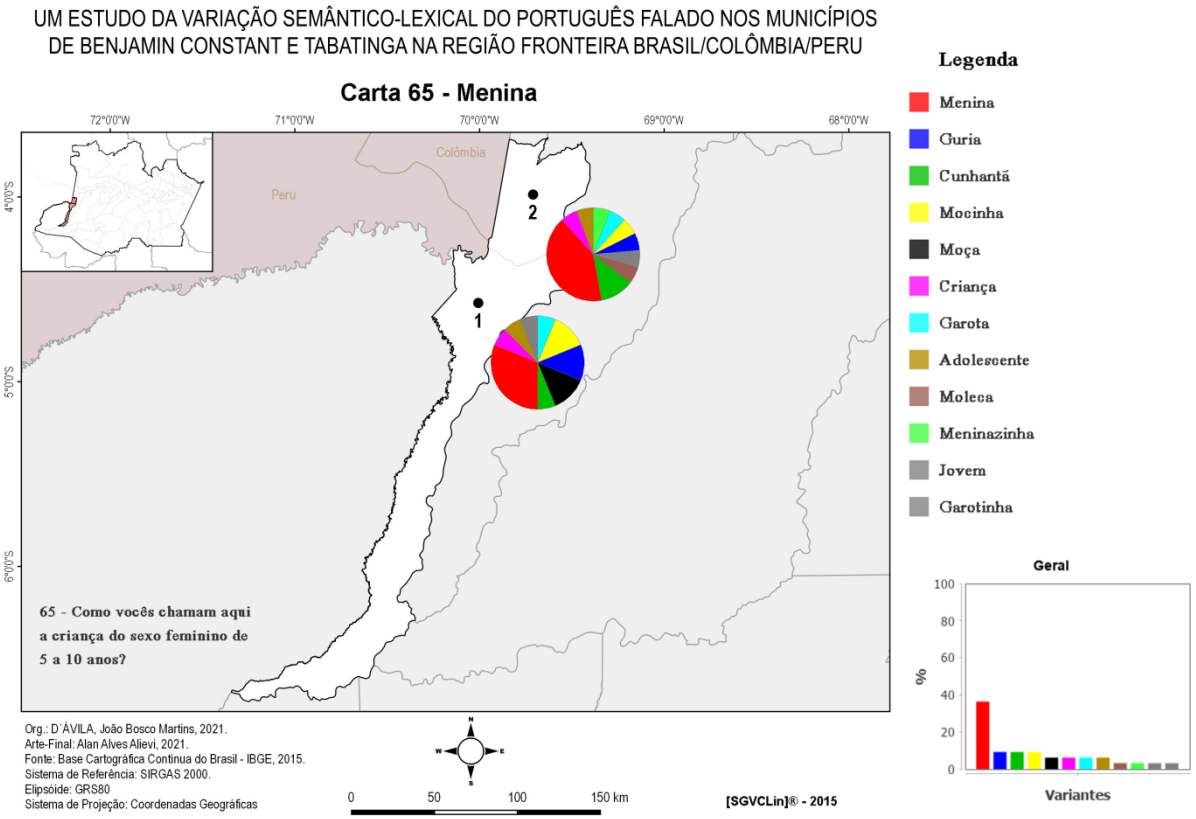
Fonte: elaborado pelo autor

Confrontando os dados da nossa pesquisa com os dados da pesquisa de Cruz (2004) e Maia (2018), percebemos o uso semelhante em relação às variantes: *menino*, *curumim e garoto*. Cruz (2004) registrou ainda, *moço e menininho*, mas tais variantes não foram encontradas nos demais trabalhos. Maia (2018), por sua vez, identificou as expressões *moleque* e *guri*, coincidindo com o que encontramos em nossa pesquisa, sendo assim, todas as variantes encontradas em Maia (2018) foram encontradas em nossa pesquisa. Além disso, ressaltamos que as variantes *criança*, *adolescente*, *sapeca*, *pirralho* e *carinha* foram encontradas somente nas duas localidades aqui em estudo. Em Viana (2019), registrou-se somente duas variantes, a saber, *criança* e *menino*, sendo assim, a variante *menino* foi identificada nas quatro pesquisas.

Ao analisar os dados levando em conta as variáveis extralinguísticas *sexo, faixa etária e escolaridade*, observamos que não se mostraram significativas para causar a diferença lexical, de acordo com os grupos de falantes, por esse motivo não elaboramos carta linguística.

3.17 MENINA

Segundo Bechara (2011, p. 847), menina é uma “criança do sexo feminino; garota. Mulher jovem; moça, senhorita”. A variante *menina* já foi estudada em pelos menos duas pesquisas feitas no nosso estado, a saber: Cruz (2004) e Maia (2018). Conforme esses pesquisadores mostraram, existem diversas formas para esse referente. Utilizamos essa variável em nossa pesquisa com intuito de verificar se há semelhanças e diferenças da variação lexical de outras regiões do Estado. Para alcançar tal objetivo, aplicamos a seguinte pergunta: *como vocês chamam aqui a criança do sexo feminino de 5 a 10 anos?* Retiramos essa pergunta do questionário semântico-lexical do ALSAM (MAIA, 2018). As variantes registradas, bem como seus percentuais de ocorrências estão na Carta Linguística 65, a seguir:



No geral, conforme dados da Carta Lexical 65, foram computadas 12 variantes e 33 ocorrências. Confirmando nossa expectativa, a variante *menina* foi a mais recorrente alcançando 36.36% (12 ocorrências). As variantes *mocinha, cunhantã* e *guria* ficaram em segundo lugar, as quais obtiveram 9.09% (três ocorrências) cada; *adolescente, criança, garota e moça* apareceram na sequência com 6.06% (duas ocorrências) cada e as menos recorrentes foram *meninazinha, jovem, moleca e garotinha* com 3.03% (uma ocorrência) cada.

Fazendo a distribuição pelos pontos de inquérito, obtivemos os seguintes dados: em Benjamin Constant, a variante mais usada foi *menina* com 31.25% (cinco ocorrências), logo

depois, aparecem as variantes *guria, mocinha e moça* com 12.50% (duas ocorrências) cada. As menos usadas foram *adolescente, criança, cunhantã, garota e jovem* com 6.25% (uma ocorrência) cada. Nesse ponto, foram registrados, no total, nove formas lexicais e 16 ocorrências.

Em Tabatinga, computamos dez variantes e 17 ocorrências, sendo a expressão *menina* a mais expressiva com 41.18% (sete ocorrências), seguida de 11.76% (duas ocorrências) de *cunhantã* e 5.88% (uma ocorrência) cada de *adolescente, criança, garota, garotinha, guria, meninazinha, mocinha* e *moleca*. Nessa localidade, o informante 01AH - 1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), de 4 a 7 anos de escolarização, homem, não soube responder. No Quadro 36, a seguir, comparamos nossos resultados com os de Cruz (2004) e Maia (2018):

Quadro 48: Análise comparativa da Questão 65, em comparação aos resultados de Cruz (2004) e Maia (2018)

Pesquisas	Cruz (2004)	Maia (2018)	Benjamin Constant e Tabatinga
Variantes	Garota Menina Cunhantã Moça Menininha Mocinha	Menina Cunhantã Garota Mocinha/Moça Guria	Menina Mocinha Cunhantã Guria Adolescente Criança Garota Moça Meninazinha Jovem Moleca Garotinha

Fonte: elaborado pelo autor

Cruz (2004) encontrou três variantes, a saber: *garota, menina, cunhantã, moça, menininha* e *mocinha*. As expressões *garota, menina, cunhantã, moça e mocinha* foram identificadas também em Maia (2018) e em nossa pesquisa.

Maia (2018), por sua vez, registrou quatro variantes, saber: *menina, cunhantã, garota, mocinha/moça* e *guria*. Todas essas variantes também foram identificadas em nossa pesquisa. Além dessas variantes, em nossa pesquisa, encontramos seis novas formas não registradas nas pesquisas anteriores, saber: *adolescente*, *criança*, *meninazinha*, *jovem*, *moleca* e *garotinha*.

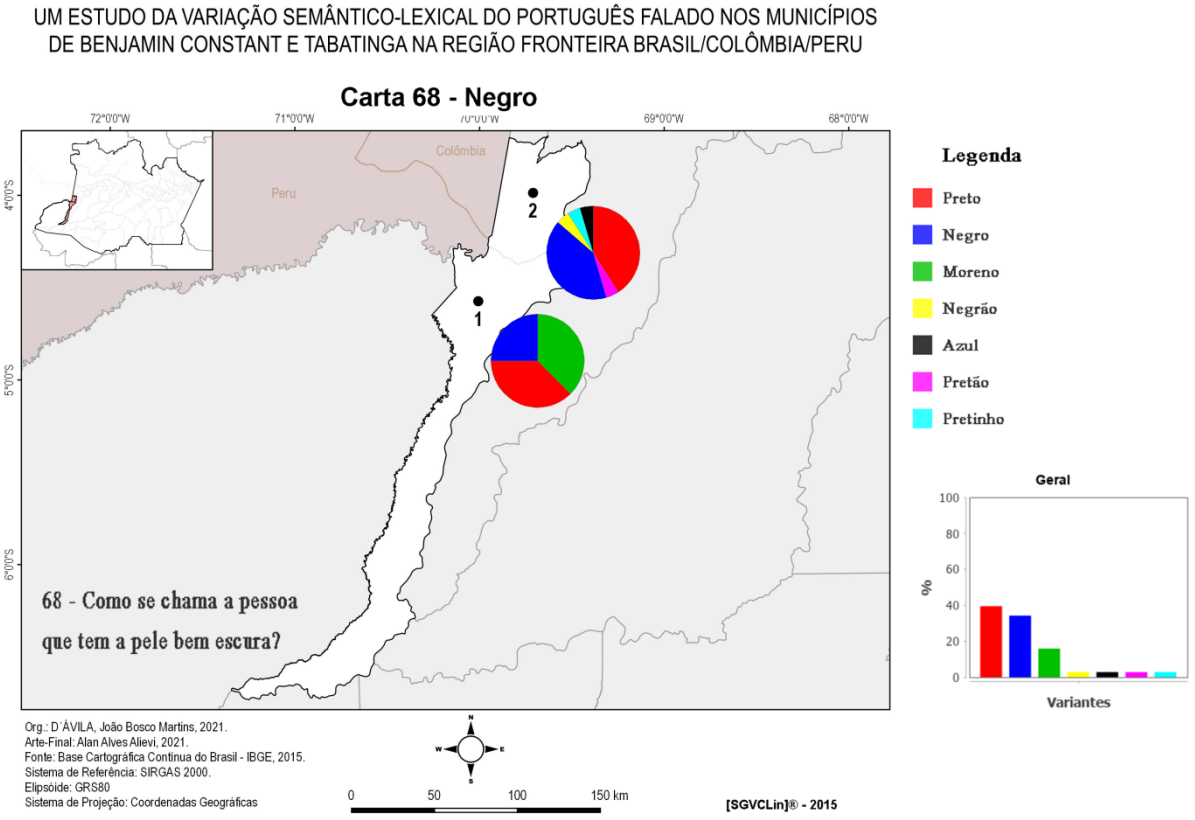
Com base nesses dados, podemos concluir que, existem formas lexicais que são faladas em todas as localidades; outras apareceram somente em alguns pontos e, por fim, há aquelas que não têm relação semântica com o referente, por exemplo, *criança*, *adolescente* e

jovem não são as mesmas coisas, uma vez que, segundo nosso conhecimento semântico, cada uma está relacionada à certa faixa etária do ser humano.

Em relação à análise das variáveis independentes linguísticas, não apresentamos carta linguística, tendo em vista que não se mostraram atuantes sob a variável dependente em questão.

3.18 NEGRO

Segundo Bechara (2011, p. 900), negro é a "pessoa de pele negra; negro". A pergunta para investigar a variante *negro* foi objeto de estudo somente em Maia (2018), sendo assim, escolhemos essa questão para elaboração de carta linguística com o objetivo de fazermos uma comparação entre os dados registrados pelo pesquisador e os dados da nossa pesquisa. Essa questão foi aplicada nas duas pesquisas da seguinte forma: *como se chama a pessoa que tem a pele bem escura?* As variantes encontradas nas duas localidades estão na Carta Linguística 68, a seguir:



No geral, considerando as duas localidades, fizemos os seguintes registros: sete variantes e 38 ocorrências, sendo a variante *preto* a mais recorrente com 39.47% (quinze

ocorrências), em seguida apareceram *negro* com 34.21% (treze ocorrências) e *moreno* com 15.79% (seis ocorrências) e as menos recorrentes foram *pretão*, *negrão*, *azul* e *pretinho* com 2.63% (uma ocorrência) cada.

Na distribuição dos dados pelos pontos de inquéritos, obtivemos, em Benjamin Constant, três variantes e 16 ocorrências, respectivamente em: *moreno e preto* empatadas com 37.50% (seis ocorrências) cada, seguida de *negro* com 25% (quatro ocorrências).

Em Tabatinga, os registros foram: cinco variantes e 22 ocorrências, sendo que *negro e preto* apareceram empatadas em primeiro lugar como as variantes mais recorrentes com 40.91% (nove ocorrências) cada; as menos recorrentes foram *azul, negrão, pretinho e pretão* com 4.55% (uma ocorrência) cada. Com base nos dados, podemos verificar uma pequena diferença lexical entre as duas localidades, enquanto, em Benjamin Constant, prevaleceram *moreno* e *preto*, em Tabatinga, sobressaíram-se *negro* e *preto*. A seguir, no Quadro 37, faremos uma análise comparativa com a pesquisa de Maia (2018):

Quadro 49: Análise comparativa da Questão 68, em comparação aos resultados de Maia (2018)

Pesquisa	**Maia (2018)**	**Benjamin Constant e Tabatinga**
Variantes	Negro Preto Moreno	Preto Negro Moreno Pretão Azul Pretinho Negrão

Fonte: elaborado pelo autor

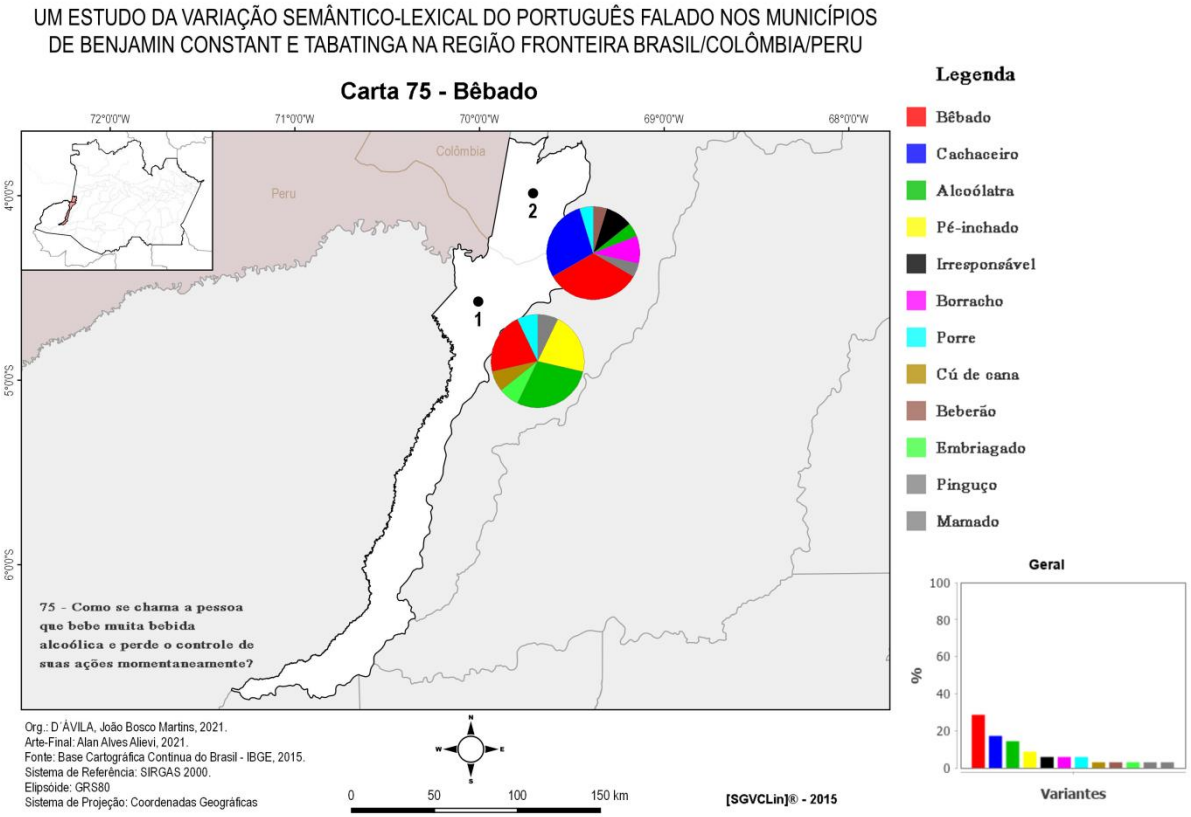
Maia (2018) encontrou três variantes, a saber: *negro*, *preto* e *moreno*; todas essas palavras também foram identificadas em nossa pesquisa. As variantes *pretão, negrão, azul e pretinho* apareceram como novas, ou seja, registradas somente em nossa pesquisa.

Em relação às variáveis sociais, não elaboramos carta linguística, pois não houve diferença significativa entre os fatores controlados.

3.19 BÊBADO

Segundo Bechara (2011, p. 204), bêbado é o "que está sob ação de bebida alcoólica ou de substância toxica; embriagado". A variante bêbado já foi objeto de estudo em Cruz (2004), Maia (2018) e Viana (2019). Em nossa pesquisa, a aplicação dessa pergunta aos nossos informantes objetivou-se em verificar possíveis semelhanças, assim como registros de novos léxicos nos dois pontos de inquéritos em questão. A formulação da pergunta em Cruz

(2004) foi: *que nomes são dados a uma pessoa que bebeu demais?* E em Maia (2018) foi indagada da seguinte forma: *como se chama a pessoa que bebe muita bebida alcoólica e perde o controle de suas ações momentaneamente?* Aplicamos essa questão conforme Maia (2018). As variantes registradas aparecem na Carta linguística 75, a seguir:



Conforme dados da Carta linguística 75, registramos, no geral, 12 formas lexicais e 35 ocorrências. A variante *bêbado* se sobressaiu entre as demais com 28.57% (dez ocorrências), seguida de *cachaceiro* com 17,14% (seis ocorrências); 14.29 % (cinco ocorrências) de *alcoólatra*; 8,57% (três ocorrências) de *pé-inchado*; 5,17% (duas ocorrências em cada) *de porre, borracho [bo̯ratʃo] e irresponsável* e de 2,86% (uma ocorrência) cada de *beberrão, embriagado, pinguço, mamado* e *cu de cana*.

Em Benjamin Constant, a variante mais expressiva foi *alcoólatra* com 28,57% (quatro ocorrências), seguida por *bêbado* e *pé-inchado* com 21,43% (três ocorrências) cada e por *cu de cana, embriagado, pinguço e porre* com 4% (uma ocorrência) cada. No total, foram registradas sete variantes, 14 ocorrências e duas não respostas, a saber: informantes 02BM - 2º faixa etária (45 a 65 anos de idade), de 10 a 13 anos de escolarização, mulher e 01CH - 1º faixa etária (20 a 35 anos de idade), Ensino Superior, homem.

Em Tabatinga, por sua vez, foram encontradas oito variantes e 21 ocorrências, a saber: diferentemente do que se observou no falar dos benjamin-constantenses, nessa localidade, a variante mais expressiva foi *bêbado* com 33.33% (sete ocorrências), seguida de *cachaceiro* com 28.57% (seis ocorrências); as menos expressivas foram *borracho [bo̯ratʃo]* e irresponsável com 9.52% (duas ocorrências) cada *e alcoólatra, beberrão, mamado e porre* com 4.76% (uma ocorrência) cada. Com base nisso, podemos afirmar que a variável localidade influenciou na diferença lexical entre o falar das duas cidades. Ressalta-se que a variante borracho *[bo̯ratʃo]*somente foi utilizada em Tabatinga.

Quadro 50: Análise comparativa da Questão 75, em comparação aos resultados de Cruz (2004), Maia (2018) e Viana (2019)

Pesquisas	**Cruz (2004)**	**Maia (2018)**	**Viana (2019)**	**Benjamin Constant e Tabatinga**
Variantes	Beberrão/bêbado/bebedor Pé-inchado Alcóolatra/alcoólico Cachaceiro Embriagado Pé-de-cana Pinguça Bebo	Alcoólatra/ Alcoólico Pé-inchado Bebo/ Bêbado Cachaceiro Beberrão	Bêbada Bêba Porre Borracho *[bo̯ratʃo]*	Bêbado Cachaceiro Alcoólatra Pé-inchado Porre Borracho *[bo̯ratʃo]* Irresponsável Beberão Embriagado Pinguço Mamado Cu de cana

Fonte: elaborado pelo autor

Conforme observamos no Quadro 38, Cruz (2004) encontrou oito variantes, a saber: *beberrão/bêbado/bebedor*, *pé-inchado, alcóolatra/alcoólico, cachaceiro, embriagado, pé-de-cana pinguça e bebo*. As variantes *beberrão/bêbado/bebedor, pé-inchado, alcóolatra/alcoólico e cachaceiro* foram identificadas também em Maia (2018), bem como em nossa pesquisa. Os termos *embriagado* e *pinguço*/*pinguça* foram encontrados em Cruz (2004), assim como em nossa pesquisa. Por outro lado, a forma lexical *pé-de-cana* foram registradas somente em Cruz (2004); e *bebo*, por sua vez foi registrada Cruz (2004), Maia (2018) e Viana (2019).

Maia (2018), por sua vez, registrou cinco variantes, a saber: *alcoólatra/ alcoólico, pé-inchado, bebo/ bêbado, cachaceiro e beberrão*. Todas essas formas foram encontradas em Cruz (2004), como também em nossa pesquisa.

Viana (2019) identificou quatro variantes, sendo: *bêbada, bêba, porre* e *borracho*. Somente a forma masculina da primeira variante foi encontrada em todas as pesquisas. Em

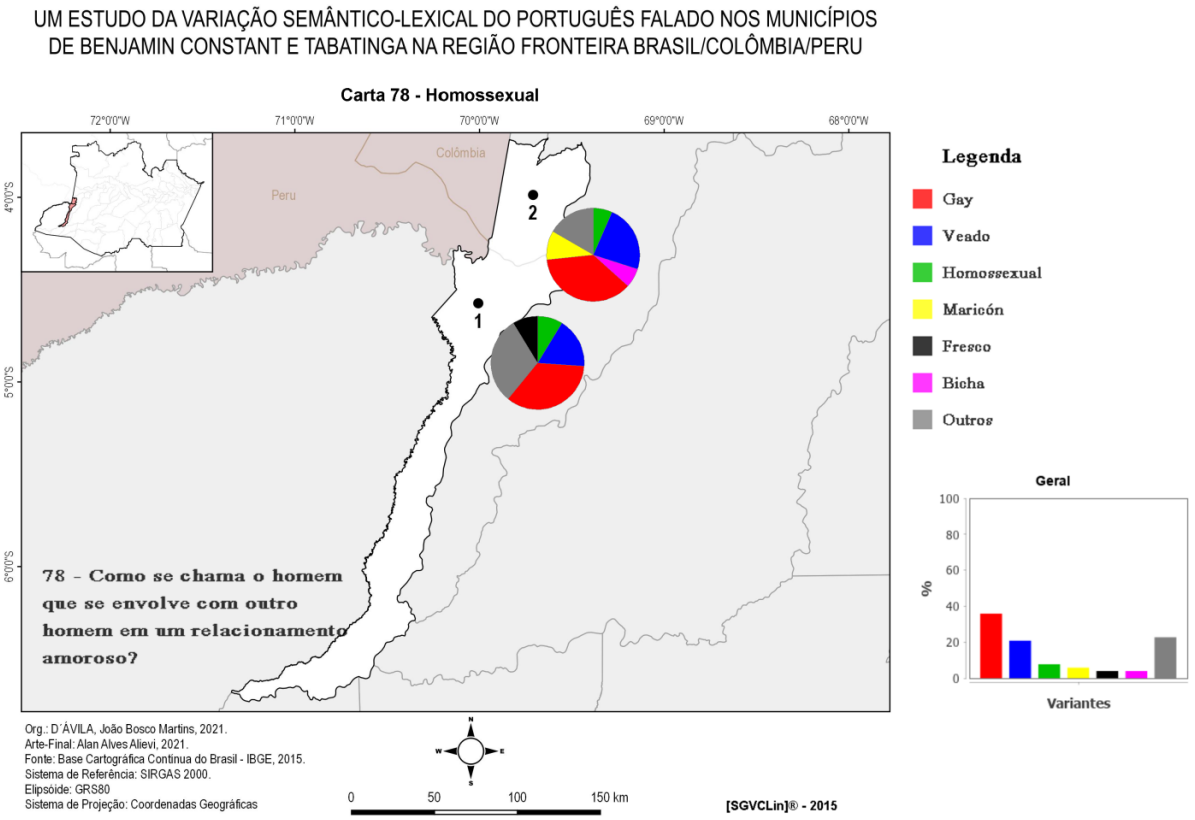
nossa pesquisa, encontramos três novas formas não registradas nas pesquisas anteriores, saber: *irresponsável, mamado e cu de cana*.

Enfatizamos o registro de duas ocorrências da variante *borracho* □□□□□□□□□□ no município de Tabatinga, assim como aconteceu em Viana (2019). Tal termo pertence à língua espanhola, sendo uma das traduções da palavra *bêbado* nessa língua. Levantamos como hipótese, mais uma vez, que estamos diante de uma variante que é resultado da interferência linguística do espanhol ao português nessa região de tríplice fronteira.

As variáveis independentes extralinguísticas *sexo, faixa etária e escolaridade* não fizeram efeito sobre os dados, uma vez que não identificamos uma ou outra variante que se sobressaísse como uso característico de determinado grupo de falantes.

3.20 HOMOSSEXUAL

Segundo Bechara (2011, p. 628), o termo homossexual é "geralmente referido ao sexo masculino". Maia (2018) pesquisou essa variável através da seguinte pergunta: *como se chama a pessoa que se envolve com outra do mesmo sexo? Se for do sexo masculino? E se for do feminino?* Viana (2019) também pesquisou essa variável. Em nossa pesquisa, fizemos uma adaptação na formulação da pergunta, ficando da seguinte forma: *como se chama o homem que se envolve com outro homem em um relacionamento amoroso?* A Carta Linguística 78, a seguir, apresenta os dados referentes a essa questão:



No cômputo geral, foram registradas dezesseis variantes e 53 ocorrências. A variante *gay* foi a mais expressiva com registro percentual de 35.85% (dezenove ocorrências), seguida de *veado* com 20.75% (onze ocorrências); de *homossexual* com 7.55% (quatro ocorrências); 5.66 % (três ocorrências) de *maricón [mariˌkõ]*; 3.77% (duas ocorrências) de *fresco, boiola, bicha e baitola*; as demais variantes que aparecem como outras são: *baitola, travesti, corta para os dois lados, safado, bichona, bissexual, veadinho, biba e sem vergonha* com 1.89% (uma ocorrência) cada.

Em Benjamin Constant, a variante *gay* foi a mais expressiva alcançando 34.78% (oito ocorrências), seguida de *veado* com 17.39% (quatro ocorrências); 8.70% (duas ocorrências) de *fresco* e *homossexual*; 4.35% (uma ocorrência) de *baitola, biba, bissexual, boiola, corta dos dois lados, safado e sem vergonha*. Foram computadas, no total, onze variantes, vinte e três ocorrências e uma abstenção, a saber: informante 02CH - 2º faixa etária (45 a 65 anos de idade), Ensino Superior, homem.

Em Tabatinga, a expressão mais usada também foi *gay*, a qual obteve 36.67% (onze ocorrências); seguia de *veado* 23.33% (sete ocorrências); 10% (três ocorrências) de *maricón [mariˌkõ]*; 6.67% (duas ocorrências) de *bicha* e *homossexual*; 3.33% (uma ocorrência) de *baitola, bichona, boiola, travesti e veadinho*. No total, foram registradas dez variantes e 30

ocorrências. No Quadro 39, a seguir, apresentamos as variantes encontradas nos dois trabalhos aqui em comparação:

Quadro 51: Análise comparativa da Questão 78, em comparação aos resultados de Maia (2018) e Viana (2019)

Pesquisas	Maia (2018)	Viana (2019)	Benjamin Constant e Tabatinga
Variantes	Gay Veado Homossexual Boiola Fresco Baitola Bicha Bichana Outros	Gay Homossexual Veado Panchita Tibo	Gay Veado Homossexual Maricón Fresco Boiola Bicha Baitola Corta para os dois lados Safado Bichona Bissexual Veadinho Biba Sem vergonha Travesti

Fonte: elaborado pelo autor

Maia (2018), conforme observamos no Quadro 39, registrou as seguintes variantes*: gay, veado, homossexual, boiola, fresco, baitola, bicha, bichana e outros*. Todas essas formas foram encontradas em nossa pesquisa, conforme foi possível comprovar no Quadro 39. Viana (2019), por sua vez, registrou cinco variantes, a saber*: gay, homossexual, veado, panchita e tibo.* As primeiras três variantes foram identificadas tanto em Maia (2019) como nos dados desta pesquisa. As lexias *panchita e tibo* são resultado do contato linguístico entre o português e o espanhol nesta região de tríplice fronteira.

Ressaltamos o registro de três ocorrências da variante *maricón [mariˌkõ]* no município de Tabatinga, nos nossos dados. Essa palavra é muito utilizada no Espanhol para se referir ao homossexual homem. Acreditamos que o fator contato linguístico, mais uma vez, contribuiu de forma significativa para o registro dessa variante nessa região de tríplice fronteira.

Ao considerar as variáveis *sexo, faixa etária* e *escolaridade*, percebemos que não influenciaram para uma diferença lexical dentre os grupos de falantes, por esse motivo não elaboramos carta diastrática.

3.21 SÍNTESE

Neste capítulo, apresentamos as variantes registradas para 20 questões selecionadas para análise nesta dissertação. Os dados foram apresentados por meio de cartas linguísticas, mostrando as variantes identificadas em cada ponto de inquérito. Comparamos, ainda, os dados desta pesquisa com os dados de outras pesquisas realizadas no Estado do Amazonas.

Analisamos, também, algumas questões sob a perceptiva diastrática, principalmente, aquelas em que percebemos a influência das variáveis *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade* sobre as 20 variáveis selecionadas. Por fim, observamos a influência do fator contato linguístico em algumas variantes registradas na fala dos brasileiros nesta região de tríplice fronteira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao fim desta investigação que teve como objetivo conhecer um pouco da realidade linguística da região de tríplice fronteira, situada no Estado do Amazonas, neste país de dimensão continental chamado Brasil. Chegamos ao fim, no entanto, muito longe de fazermos afirmações precisas e categóricas sobre sua realidade linguística, uma vez que uma pesquisa com uma temática tão delimitada jamais seria possível descrever a heterogeneidade da língua falada na região em questão em todos os seus níveis. Por ora, vamos apenas responder aos objetivos propostos neste estudo.

Propomos, nesta pesquisa, realizar uma investigação da variação semântico-lexical (alimentação e relações sociais) do português falado nos municípios de Benjamin Constant e Tabatinga, na região fronteira Brasil/Colômbia/Peru. Para alcançar a proposta tivemos que selecionar 12 informantes em cada localidade. É importante registrar que não encontramos muitas dificuldades em selecionar os informantes, dado que o pesquisador é morador das duas localidades. Tal fato facilitou também o trabalho em campo, ou seja, a aplicação do questionário e a realização das conversas informais com os informantes.

Por meio desta investigação, foi possível comparar a variação semântico-lexical (alimentação e relações sociais) do português falado nos dois municípios com a variação semântico-lexical do português falado em outras regiões do estado do Amazonas. Permitiu, ainda, saber se as variáveis independentes extralinguísticas *localidade*, *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade* influenciam a variação lexical nessas duas localidades. Além disso, foi possível comprovar a interferência linguística no português falado na região, como resultado do contato com variedades do espanhol colombiano e peruano. Com relação à interferência linguística das línguas indígenas, não percebemos, nas 20 questões selecionadas influências nas variantes identificadas.

Quanto à análise comparativa feita com as pesquisas de Cruz (2004), Azevedo (2012), Maia (2018) e Viana (2019), considerando todas as variáveis estudadas, permitiu-nos dizer que a região de tríplice fronteira não se diferencia muito das outras regiões do Estado do Amazonas, uma vez que houve um grande percentual de semelhança no uso de variantes em todas as variáveis investigadas. No entanto, foi possível perceber a presença de estrangeirismos (interferências linguísticas) que só foram registrados nessas duas localidades.

Quanto à *localidade*, observamos uma pequena diferença entre a realidade linguística do município de Benjamin Constant em comparação à Tabatinga. Essa diferença foi mais evidente quando registramos estrangeirismos, por exemplo, na questão referente a *dindim*, as

variantes *dindim* e *curite* foram as mais recorrentes, ficando empatadas no percentual nas duas localidades, entretanto, os informantes de Tabatinga utilizaram o termo *curite* como 1ª resposta, enquanto os informantes de Benjamin Constant utilizaram *dindim* como 1ª resposta. Acreditamos que essa diferença seja pelo motivo de Tabatinga estar mais próxima da área de tríplice fronteira, o que intensifica o contato linguístico, gerando a interferência do espanhol (colombiano e peruano) no português. Outra questão que evidenciou essa diferença foi a referente à *homossexual*, em Tabatinga, identificamos três ocorrências da variante *maricón*, enquanto em Benjamin Constant, não registramos essa variante que é utilizada na língua espanhola.

Quanto às variáveis independentes extralinguísticas, em algumas questões se mostraram estatisticamente relevantes, enquanto em outras não.

Em relação ao *sexo*, podemos citar sua influência os nos resultados referentes à *chopp sujo*. Para essa questão, as mulheres utilizaram a variante *michelada* de forma categórica. Entre os homens, registramos *michelada, caipirinha, chopp sujo e cerveja suja*. Dessa forma, observamos uma diferença entre os grupos de falantes, pois os homens demostraram conhecer mais variantes em comparação às mulheres. Isso pode ser explicado pelo fato de os homens saírem mais de casa, isto é, circularem mais socialmente, e, portanto, estarem com maior frequência em contato com outras variantes (em lugares que vendem essa bebida, por exemplo).

Em relação à *faixa etária*, o que percebemos, na maioria das questões foi que essa variável não foi tão relevante para condicionar a diferença lexical. Isso comprova os resultados de outras pesquisas que mostram que a variação lexical é motivada mais por fatores de cunho diatópico e cultural do que por fatores diastráticos. No entanto, na questão, por exemplo, referente à *pirão* observamos que o grupo de falantes mais jovens (20 a 35 anos) utilizaram com mais frequência a variante *pirão* (81,82%), enquanto os mais velhos a utilizaram com uma frequência menor (66,67%).

Em relação à *escolaridade*, observamos que, em algumas questões, essa variável não teve relevância para ocasionar a variação lexical. Em outras questões, teve uma importância significativa. Por exemplo, na questão referente a *pé-de-moleque*, os informantes com Ensino Fundamental II fizeram uso categórico da variante *pé-de-moleque*. Já os informantes com Ensino Médio utilizaram *pé-de-moleque*, *beiju* e *beiju doce* e os informantes com Nível Superior usaram *pé-de-moleque* e *beiju*. Verifica-se, assim, que quanto maior o nível de escolarização maior o conhecimento (ou contato) com outras variantes.

Quanto ao contato linguístico, observamos que tenha sido um dos fatores mais relevantes para mostrar a diferença da variação lexical desta região de tríplice fronteira com outras regiões do nosso estado que já foram investigadas do ponto de vista linguístico (cf. CRUZ, 2004; AZEVEDO, 2013, MAIA, 2018 e VIANA, 2019). Afirmamos isso tendo em vista que, em várias questões observou-se como variante uma interferência da língua espanhola, por exemplo: *desayuno (Questão 01), caramelo (Questão 06), curite (Questão 20), sancocho (Questão X), chicharrón (Questão 27), lomo saltado (Questão 28), cuminta e tamales (Questão 36), michelada (Questão 39), borracho (Questão 75) e maricón (Questão 78).*

Portanto, esperamos com este estudo sobre a variação semântico-lexical do Português falado nos municípios de Benjamin Constant e Tabatinga na área de tríplice fronteira Brasil/Colômbia/Peru, na microrregião do alto Solimões, à luz da Dialetologia e da Sociolinguística Variacionista ter contribuído, de alguma forma, para o conhecimento das áreas dialetais brasileiras. Este estudo trará grandes contribuições para o campo da dialetologia brasileira, principalmente sobre o conhecimento dialetal desta região de tríplice fronteira, ainda pouco explorada com estudos desta natureza.

Poderá contribuir também como material de apoio para professores do ensino básico da referida microrregião, os quais convivem diariamente com essas variantes e com as interferências linguísticas na sala de aula. A partir do conhecimento da variação linguística existente no português falado na região, poderá atuar de forma mais consciente e adequada nas aulas de língua portuguesa, levando seus alunos a refletirem sobre a diversidade linguística para combater preconceitos relativos ao uso da língua.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, O. da S. **Aspectos dialetais do português da região Norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM).** 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, 2013.

BECHARA, Evanildo. **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras**: língua portuguesa – São Paulo: companhia Editora Nacional, 2011.

BRASIL, **Decreto 30.643, de 20 de março de 1952**. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-30643-20-marco-1952-339719-publicacaooriginal-1-pe.html - acesso em: 02-09-2019.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica / Louis-Jean Calvet; tradução Marcos Marcionilo. – São Paulo: Parábola, 2002.

CARDOSO, Suzana Alice. **Dialetologia**. In: MOLLICA, Maria Cecilia, JUNIOR FERRAREZI; Celso (Org.). **Sociolinguística, sociolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

COELHO, Izete Lehmkuh et al. **Para Compreender a Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2018.

CORRÊA, H. C. de. **O falar do Caboclo: Aspectos Fonético-fonológicos e Léxico-Semânticos de Itacoatiara e Silves**. 1980. Dissertação (Mestrado em Letras: Língua Portuguesa) – PUC, Rio de Janeiro, 1980.

CRUZ, M. L. de C. **Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM).** 2004. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

CUBA, M. A. **Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico**. 2015. 2.v. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagens). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Os estrangeirismos da língua portuguesa:** vocabulário histórico-etimológico. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2003.
Disponível em: http://www2.ifam.edu.br/campus/tabatinga/instituicao/instituicao - acesso em: 20/02/2020.

Disponível em: https://portaldoamazonas.com/benjamin-constant-conhecida-como-a-capital-cultural-do-alto-solimoes-no-am - acesso em: 15/02/2020.

Disponível em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am/benjamin-constant.html - acesso em: 15/02/2020.

Disponível em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am/tabatinga.html - acesso em: 28/01/2020.

DUBOIS, Jean. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2004.

FERRARINI, Sebastião Antonio. **Encontro de Civilizações – Alto Solimões e as origens de Tabatinga.** – Manaus: Editora Valer, 2013.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

GARCEZ, Pedro M.; ZILLES, Ana Maria S. **Estrangeirismos**: desejos e ameaças. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Estrangeirismos**: guerras em torno da língua. São Paulo: Parábola, 2004.

GROSS, Ramón García Pelayo. **Diccionario básico de la lengua española** – Buenos Aires: Ediciones Larousse – 1979.

GUY, Gregory. **As comunidades de fala: fronteiras internas e externas**. Abralin, 2001. Disponível em http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais_con2int_conf02.pdf
IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE @cidades. Disponível em https://cidades.ibge.gov.br/. Acesso em: 30/04/2021.

KENEDY, Eduardo. **Gerativismo**. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org). **Manual de Linguística.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1ª ed.: Sociolinguistic patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972].

LYONS, John. **Linguagem e linguística**: uma introdução. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

MAIA, Edson Galvão. **Atlas Linguístico do Sul Amazonense** – ALSAM. 310 p. 2018. Tese de Doutorado (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste.** Curitiba: HD Livros, 1996.

MATTOSO CÂMARA Jr, J. **Dicionário de lingüística e gramática**. Editora: Vozes, Petrópolis, 2000.

MONSERRAT, Ruth Maria Fonini. **Línguas Indígenas no Brasil Contemporâneo**. In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). **Índios no Brasil**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto,1994.

RODRIGUES, A. D.. **Línguas indígenas:** 500 anos de descobertas e perdas. D.E.L.T.A. 9(1):83-103. São Paulo, 1993ª.

ROMANO, V. P. **Balanço crítico da dialetologia brasileira e a proposição de uma divisão.** Entretextos, Londrina, v. 13, nº 02, jul/dez de 2013, p. 203-242.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1975.

SOUZA, Alex Sandro Nascimento de. **Cidades amazônicas na fronteira Brasil-Peru** / Alex Sandro Nascimento de Souza. – Manaus: EDUA, 2015.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ed. Ática S. A., 1986.

VIANA, Dayane Lima. **Línguas em contato na tríplice fronteira**: A influência da língua espanhola no Léxico do português falado em Tabatinga-AM. 2019. 309 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

FACULDADE DE LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaria de convidá-lo (a) para participar da pesquisa intitulada **"UM ESTUDO DA VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL DO PORTUGUÊS FALADO NOS MUNICÍPIOS DE BENJAMIN CONSTANT E TABATINGA NA REGIÃO FRONTEIRA BRASIL/COLÔMBIA/PERU"**. Esta pesquisa será realizada com moradores dos municípios de Benjamin Constant e Tabatinga. Eu, **João Bosco Martins D'Ávila**, sou o responsável pelo projeto e sou orientado pela professora: Drª Flávia Santos Martins, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Peço, portanto, a sua autorização para gravação de uma entrevista. Você foi escolhido (a) porque mora nas cidades selecionadas para a pesquisa e porque se encaixa nos critérios do projeto.

Sabemos que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, alguns previsíveis outros não, que podem vir a se mostrar em campo. Os riscos que prevemos em nosso estudo é o de despertar os sentimentos, emoções, exposição de ideias, pensamentos e imagem dos (as) participantes, uma vez que faremos uso da memória e conhecimento dos (as) entrevistados (as). Nesse sentido, serão tomados os cuidados necessários para que nenhuma dessas situações venha a ocorrer e deixamos claro que em qualquer momento os (as) participantes podem deixar a pesquisa ou restringir sua participação aos assuntos no qual se sintam mais à vontade sem nenhum tipo de prejuízo, mas caso os (as) participantes venham a se sentir prejudicados (as) em algo, daremos toda a assistência necessária para sanar ou minimizar qualquer tipo de prejuízo, seja ele material ou emocional.

Faremos uso de um questionário semântico-lexical, como instrumentos de coleta de informações. Se os entrevistados (as) consentirem, realizaremos gravação de áudio das entrevistas. Esclarecemos que todas as informações prestadas serão utilizadas na pesquisa e o material proveniente da mesma ficará devidamente arquivado com o pesquisador responsável, o discente João Bosco Martins D'Ávila.

O consentimento para participação da pesquisa representa uma significativa colaboração para a construção do conhecimento científico. Aceitando fazer parte do estudo,

após os devidos esclarecimentos, solicitamos a assinatura ao final desse documento, impresso em duas vias, sendo uma do (a) entrevistado(a) e a outra do pesquisador responsável.

Reiteramos que os (as) participantes tem o direito de retirar o consentimento a qualquer momento, independente do motivo e sem nenhum prejuízo, bem como não terão nenhum tipo de despesa nem remuneração ao aceitarem. A participação no estudo é voluntária e gratuita. Havendo dúvidas, essas poderão ser esclarecidas a qualquer momento tanto pelo pesquisador responsável, como pela própria instituição.

Quaisquer outras informações e/ou esclarecimentos poderão também ser obtidas junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFAM), sito Rua Teresina, 495 – Adrianópolis, Manaus/AM – Escola de Enfermagem de Manaus – Sala 07. Contato: telefones (92) 3305-1181 Ramal 2004 / (92) 9171-2496; e-mail: cep@ufam.edu.br – cep.ufam@gmail.com.

Consentimento Pós–Informação:

Eu,_____, fui informado (a) sobre os objetivos do pesquisador e sobre a importância da minha colaboração. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Estou recebendo uma cópia deste documento, assinada, que vou guardar.

_____

Assinatura do participante

Impressão do dedo

polegar, caso não saiba assinar

_____ / ___-_____-_____

Pesquisador Data

_____ / ___ - _____ - _____

Orientadora

ANEXO 2 – FICHA DO INFORMANTE

DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE		
Nome:		
Data de nascimento:	**Sexo:** a.( ) M b.( ) F	**Idade:**
Endereço:		
Estado civil: a.( ) solteiro b.( ) casado c.( ) viúvo d. ( ) outro		
Local de Nascimento:		
Escolaridade:		
Morou sempre no local? ( ) Sim ( ) Não Onde?		
Quanto tempo?		
Outros domicílios:		
Profissão:		
Religião:		
Outras Atividades:		
Naturalidade da Mãe:		
Naturalidade do Pai:		
Naturalidade do Cônjuge:		
Dispensado do serviço militar? ( ) Sim ( ) Não Onde serviu?		
Viagens: ( ) No Amazonas ( ) Outros estados ( ) Outros país		
Quê municípios do Amazonas conhece?		
Quê outros estados conhece?		
Quê outros países conhece?		
PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA		
Aparelho Fonador: ( ) Bom ( ) Com problemas Qual?		
Características Psicológicas: ( ) Nervoso ( ) Tranquilo ( ) Espontâneo		
Postura do informante durante o inquérito ( ) cooperativo ( ) não cooperativo ( ) agressivo ( ) indiferente		
Interferência ocasional de circunstantes ( ) sim ( ) não		

ANEXO 3- TRANSCRIÇÃO DOS DADOS

Localidade: Benjamin Constant						
Respostas dos informantes						
Informante	1	2	3	4	5	6
Questões						
QSL01	Café da manhã	Café Café da manhã	Café da manhã Desjejum	Desjejum Café da manhã	Café da manhã Desayuno	Café da manhã Desjejum
QSL02	Carne moída Picadinho	Picadinho Moído	Carne moída Picadinho	Carne moída	Carne moída Conserva	Carne moída Picadinho
QSL03	Não soube	Mungunzá	Mungunzá	Mungunzá	Mungunzá	Mungunzá
QSL04	Não soube	Caseiro	Cachaça Pinga	Cachaça	Cachaça	Não soube
QSL05	Olho gordo Gulosa	Acaba ranço Come muito	Guloso Obeso	Guloso	Gula Gulosa Olha grande	Comilona
QSL06	Cala boca Pirulito	Bala	Bala Bombom	Bala	Bombom	Cala boca Bombom Bala
QSL07	Não soube	Guisado	Não soube	Escabeche de peixe	Não soube	Escabeche
QSL08	Mingau de caridade	Caldo de caridade	Caldo de caridade	Caldo de caridade	Mingau de caridade	Caldo de caridade
QSL09	Não soube	Guisado	Não soube	Mojica	Desfiado	Não soube
QSL10	Amoquinhado	Malpassado	Não soube	Amoqueado	Moqueado	Amoqueado
QSL11	Sarapatel	Batido	Sarapatel	Sarapatel	Não soube	Sarapatel
QSL12	Não soube	Não soube	Pé de moleque	Pé de moleque	Pé de moleque Beiju	Não soube
QSL13		Pirarucu	Peixe seco	Não soube	Peixe escalado	Escalado
QSL14	Pirão	Pirão	Pirão escaldado	Pirão	Pirão	Pirão
QSL15	Sarapatel	Não soube	Sarapatel	Não soube	Sarapatel	Sarapatel
QSL16	Não soube	Tacacá	Tacacá	Tacacá	Tacacá	Não soube
QSL17	Guisado Assado Farofa	Não soube	Batidinho Guisado Sarapatel	Sapatel Guisado	Guisado Assado	
QSL18	Tapioca	Tapioca	Tapioca	Tapioca	Tapioquinha	Tapioca
QSL19	Não soube	Coco ralada	Cocada	Cocada	Rapadura Cocada	Cocada Puxa-puxa
QSL20	Curite Dindim	Dindim Curite	Curite Dindim Geladinho Picolé	Dindim Curite	Curite Dindim	Curite
QSL21	Gorgulho	Tapuru	Gorgulho	Gorgulho	Gorgulho	Gorgulho
QSL22	Farofa	Não soube	Buchada	Não soube	Não soube	Farofa
QSL23	Não soube	Não soube	Não soube	Não soube	Desfiado	Não soube
QSL24	Não soube	Caramelo	Não soube	Paçoca	Não soube	Não soube
QSL25	Caldo	Caldo Caldeirada Guisado	Caldeirada Sancocho	Caldo de galinha caipira Sancocho	Caldo de galinha caipira Canjica	Caldo de galinha
QSL26	Cebiche	Cebiche	Cebiche	Cebiche	Cebiche	Cebiche
QSL27	Chicharrón	Chicharrón	Chicharrón Empanado	Chicharrón Broaster	Não soube	Chicharrón
QSL28	Lombo saltado	Lomo	Lomo saltado	Lomo saltado	Não soube	Lomo

		saltado				saltado
QSL29	Não soube	Não soube	Arepa	Bolinho de milho Arepa	Bolo de milho caseiro	Arepa
QSL30	Arroz chaufa	Arroz chaufa	Arroz chaufa	Arroz chaufa	Arroz chaufa	Arroz chaufa
QSL31	Não soube	Não soube	Fane	Fene	Fane	Não soube
QSL32	Não soube	Peixe-mal-passado	Pupeca	Pupeca	Pupeca Peixe assado em folhas	Não soube
QSL33	Patacão	Pacatão Pacatá	Patacão	Patacón	Patacão Banana frita	Patacão
QSL34	Jacuba	Pirão	Jacuba Chibé	Jacuba Chibé	Chibé	Não soube
QSL35	Não soube	Suco	Chicha morada	Chicha morada	Chicha morada	Não soube
QSL36	Não soube	Não soube	Pamonha	Pamonha	Pamonha	Pamonha
QSL37	Caiçuma	Suco	Não soube	Chicha	Suco fermentado	Não soube
QSL38	Não soube	Não soube	Caiçuma	Caiçuma	Caiçuma Masato	Não soube
QSL39	Michelada	Batido	Michelada Chopp sujo	Michelada	Caipirinha	Michelada
QSL40	Balinha Caixinha	Brahma Cerveja Balinha	Balinha Caixinha	Balinha	Balinha Pacote	Balinha
QSL41	X-caboquinho	Não soube	X-caboquinho Sanduíche	Não soube	Não soube	X-caboquinho
QSL42	Cachorro-quente	Kikão Cachorro-quente	Cachorro-quente Hot dog	Kikão Cachorro-quente	Cachorro-quente Hot dog	Cachorro-quente
QSL43	Não soube	Não soube	Pajuarú	Caiçuma	Caiçuma	Não soube
QSL44	Caldeirada	Guisado	Caldo	Caldeirada	Caldo de tambaqui	Caldeirada
QSL45	Molho de tucupi	Tucupi	Tucupi	Tucupi	Tucupi	Molho de tucupi
QSL46	Tacate	Tacate	Tacate	Tacate	Tacate Farofa de banana	Tacate
QSL47	Mujangué	Ovo mexido	Mujangué	Ponche Mistura de ovo	Ponche	Não soube
QSL48	Não soube	Mingau Papa	Não soube	Nacho	Não soube	Não soube
QSL49	Menstruação	TPM Menstruação	Menstruação TPM Período menstrual	Período menstrual	Bode Menstruação Menstruação	Menstruação Bode Vermelho
QSL50	Parteira	Auxiliar	Parteira Mão-de-parto	Parteira	Parteira	Parteira
QSL51	Gêmeas	Gêmeos	Gêmeos Siamesa	Gêmeos	Gêmeos	Gêmeos
QSL52	Parir Abortar	Abortar	Abortar	Fazer um aborto	Abortar	Abortar
QSL53	Mãe-de-leite	Mão solidária	Mãe-de-leite	Ama-de-leite	Não soube	Mãe-de-leite
QSL54	Filho mais novo Caçula	Mais novo	Caçula	Caçula	Caçula	Caçula

QSL55	Corno Chifrudo	Corno	Corno Chifrudo Galhudo	Corno	Chifrudo	Ex Corno Chifrudo
QSL56	Prostitua	Puta	Puta Prostituta Mulher de programa	Prostituta	Prostituta Meretriz Mulher da vida	Prostituta Meretriz
QSL57	Finado Falecido	Finado	Finado Falecido	Falecido	Falecido Defunto	Finado Falecido
QSL58	Madrasta	Madrasta	Madrasta	Madrasta	Madrasta	Madrasta
QSL59	Xará	Xará	Não soube	Parente	Não soube	Xará
QSL60	Grávida	Grávida	Não respondeu	Grávida Prenha	Grávida Buchuda Prenha	Prenha Grávida Buchuda
QSL61	Pariu	Deu a luz	Pariu Deu a luz	Deu a luz	Deu a luz	Pariu Deu a luz
QSL62	Não soube	Resguardo	Resguardo	Resguardo	Resguardo	Resguardo
QSL63	Amigados	Namorido	Amigados	União estável	Juntados Amigados	Amigados
QSL64	Criança Curumim	Criança	Criança Guri	Menino	Curumim Menino	Menino Curumim Garoto
QSL65	Moçinha Bebê	Menina	Criança Moça Guria	Menina	Menina Guria	Garota Menina
QSL66	Bocuda	Não soube	Linguaruda Bocuda	Tagarela	Faladeira Boca de lata	Bocudo Falador
QSL67	Burra	Não soube	Burro Tapado Desinteressado	Burro	Burro	Lento Burro
QSL68	Preta	Morena	Negro Mulato Preto	Negro	Negro	Negro Preto Pretinho
QSL69	Moreno	Pardo	Moreno Pardo	Moreno	Pardo	Miscigenado
QSL70	Descendente	Não soube	Não soube	Não soube	Mestiço	Não soube
QSL71	Ribeirinhos	Agricultor	Ribeirinhos	Ribeirinhos	Ribeirinhos	Agricultor Ribeirinho
QSL72	Estrangeiro	Turista	Turista Gringos	Paisanos Estrangeiros	Estrangeiro	Gringo Estrangeiro
QSL73	Caloteiro	Caloteiro	Trapaceiro Pilantra Mau pagador Caloteiro	Caloteiro	Mão-de-vaca Caloteiro Enrolão	Caloteiro
QSL74	Mão de vaca	Mão de vaca	Mão de vaca Pão duro	Miserável	Pão duro Mão de vaca Sovina	Mão de vaca
QSL75	Alcoólatra	Alcoólatra	Alcoólatra	Pé-inchado	Embriagado Porre Bêbado	Pinguço
QSL76	Bêbado		Viciado			Alcoólatra Bêbado Bebão
QSL77	Lésbica Machuda	Lésbica	Lésbica Machuda Gay	Machuda	Machuda Lésbica	Lésbica Machuda

QSL78	Gay	Gay	Gay Homossexual Lésbica	Gay Veado	Gay Fresco Veado Corta para os dois lados	Veado Gay Biba Boiola
QSL79	Apressado	Não soube	Precoce 7 meses Aperreado	Afobado	Afobado Estressado	Apressado
QSL80	Traquina Danada Sapeca	Danado	Peralta Danada Mimada	Traquino Danado	Traquina Malino	Danado
QSL81	Não soube	Não soube	Baba-ovo Puxa-saco	Puxa-saco	Baba-ovo Puxa-saco	Puxa-saco Baba-ovo
QSL82	Apanhar Ficar de castigo	Carão	Apanhar Carão Levar bronca	Apanhar	Apanhar	Apanhar
QSL83	Coque Cascudo	Coque	Cascudo Coque	Coque Cocorote	Coque Cascudo	Coque
QSL84	Não soube	Mau educado	Retardado Surdo	Gasguita	Não soube	Gritão
QSL85	Peruano Paisano	Peruano	Peruano Paisita Paisa Muchato	Peruano Paisano Cocama	Peruano Estrangeiro Paisano	Peruano Hermano
QSL86	Colombiano Hermano	Colombiano	Colombiano Colômbia	Colombiano Paisa	Colombiano	Colombiano Hermano
QSL87	Não soube	Não soube	Garoto de programa	Gigolô	Gigolô	Prostituto
QSL88	Cabeludo	Raelistas	Raelistas Peruano Barbudo	Israelitas Barbudos	Realistas Barbudos	Israelitas
QSL89	Caboclos Ticuna	Ticunas	Raelistas Índios	Ticunas	Ticunas	Ticuna
Localidade: Benjamin Constant						
Respostas dos informantes						
Informante	7	8	9	10	11	12
Questões						
QSL01	Café da manhã	Café da manhã	Desayuno	Desayuno Café da manhã	Desjejum	Café da manhã Desayuno Desjejum
QSL02	Picadinho	Não soube	Carne moída	Carne moída	Picadinho Carne moída	Picadinho Conserva Carne moída
QSL03	Mungunzá	Não soube	Muncunzá	Cocada	Canjica	Não soube
QSL04	Cachaça	Não soube	Cachaça Álcool	Cachaça	Cachaça	Cachaça 51 Skarnof Wodka Cana Pinga
QSL05	Não soube	Guloso	Comilão Guloso	Glutão	Gulosa	Guloso Barriga quebrada Acaba rancho

QSL06	Bombom Pirulito	Bala Bombom	Bombom Caramelo	Bombom Caramelo	Bombom Bala	Bala Bombom Chiclete
QSL07	Não soube	Cozido	Guisado	Não soube	Não soube	Não soube
QSL08	Pirão escaldado	Mingau de caridade	Mingau de caridade	Farofa	Mingau de caridade	Caldo de caridade Levanta até defunto
QSL09	Não soube	Não soube	Farofa de peixe	Não soube	Não soube	Mururu
QSL10	Moqueado	Amoqueado	Peixe assado	Moqueado	Não soube	Não soube
QSL11	Sarapatel	Sarapatel	Não soube	Batido	Sarapatel	Sarapatel
QSL12	Pé de moleque	Pé de moleque	Pé de moleque	Pé de moleque	Pé de moleque	Pé de moleque
QSL13	Peixe escalado	Pirarucu	Peixe seco	Peixe escalado	Pirarucu	Salmourado
QSL14	Não soube	Pirão	Farinha d'água	Pirão	Pirão	Pirão
QSL15	Sarapatel	Sarapatel	Sarapatel	Não soube	Sarapatel	Sarapatel
QSL16	Não soube	Tacacá	Tacacá	Caldo de tucupi	Tacacá	Tacacá
QSL17	Guisado	Não soube	Sopa Guisado Sarapatel	Guisado Macarronada	Guisado Picadinho	Guisado Assado Recheado
QSL18	Tapioca	Tapioca	Tapioca	Tapioca	Tapioca	Tapioca
QSL19	Cocada	Não soube	Não soube	Cocada	Cocada	Cocada
QSL20	Curite Dindim	Dindim Curite	Curite Dindim Geladinho Rala rala	Curite Dindim	Dindim Refrigerante	Dindim Sacolé Curite Geladinho
QSL21	Gorgulho	Gorgulho	Gorgulho	Gorgulho	Gorgulho	Gorgulho
QSL22	Não soube	Não soube	Não soube	Não soube	Farofa	Não soube
QSL23	Não soube	Não soube	Não soube	Não soube	Farinha	Não soube
QSL24	Não soube	Não soube	Não soube	Não soube	Não soube	Não soube
QSL25	Mojica	Sopa Caldo	Não soube	Sancocho Sopa	Caldeirada de galinha caipira	Mojica Sancocho
QSL26	Ceviche	Ceviche	Cebiche	Cebiche	Cebiche	Cebiche
QSL27	Não soube	Não soube	Chicharón	Chicharón	Chicharón	Chicharón
QSL28	Não soube	Não soube	Bife	Lomo saltado	Lomo saltado	Lomo saltado
QSL29	Bolinho de milho	Não soube	Não soube	Não soube	Bolinho de milho	Não soube
QSL30	Não soube	Não soube	Não soube	Não soube	Não soube	Arroz chaufa
QSL31	Empanado	Fane	Fane	Fane	Fane	Não soube
QSL32	Pupeca	Pupeca	Pupeca	Pupeca	Pupeca	Pupeca
QSL33	Patacão	Patacão	Patacão	Patacón	Patacão	Patacão
QSL34	Jacuba Farinha molhada	Chibé	Chibé	Mingau	Jacuba	Chibé
QSL35	Não soube	Limonada	Chicha	Chicha morada Suco de milho	Não soube	Não soube
QSL36	Pamonha	Pamonha	Pamonha Cuminta	Pamonha Cuminta Tamales	Pamonha	Pamonha
QSL37	Chicha	Suco	Aluá	Suco	Chicha	Não soube
QSL38	Caiçuma	Caiçuma	Caiçuma Maçato	Chicha	Não soube	Caiçuma

QSL39	Não soube	Não soube	Não soube	Não soube	Não soube	Michelada
QSL40	Balinha	Balinha	Balinha	Balinha	Não soube	Balinha Engradado
QSL41	Não soube	Não soube	Não soube	Pastel	Misto	x-caboquinho
QSL42	Cachorro-quente	Cachorro-quente	Kikão Cachorro-quente	Cachorro-quente	Cachorro-quente	Cachorro-quente Kikão
QSL43	Maçato	Não soube	Pajuarú	Pajuarú	Não soube	Chichuacha Pajuarú
QSL44	Não soube	Não soube	Caldeirada	Caldo de peixe	Caldeirada de tambaqui	Não soube
QSL45	Tucupi	Tucupi	Tucupi	Tucupi	Tucupi	Molho de tucupi
QSL46	Não soube	Tacacho	Tacacho	Tacate	Tacate	Tacate
QSL47	Mujangué	Poncho	Poncho	Poncho	Mujangué	Angú
QSL48	Não soube		Mingau	Mingau	Mingau de banana	Mingau de banana
QSL49	Menstruação	Menstruação	Menstruação	Morraria Menstruação	Menstruação	Cachorro-quente Bode Bandeira vermelha Dias da mulher
QSL50	Parteira	Parteira	Parteira	Parteira	Parteira	Parteira
QSL51	Gêmeos	Gêmeos	Gêmeos	Gêmeos	Gêmeos	Gêmeos
QSL52	Abortar	Abortar	Abortar	Abortar	Abortar	Tirar Fazer um aborto
QSL53	Segunda mãe Mãe de peito Mão de leite	Doadora	Mãe-de-leite	Não soube	Mãe-de-leite	Ama-de-peito
QSL54	Último Derradeiro	Caçula	Não soube	Caçula	Caçula	Caçula Mais novo
QSL55	Corno	Corno	Corno	Corno	Corno	Corno Chifrudo Boi
QSL56	Prostituta Quenga	Prostituta	Prostituta	Prostituta	Prostituta	Mulher de rua Prostituta Vagabunda Sem vergonha Puta
QSL57	Não soube	Não soube	Não soube	Finado	Defunto	Falecido Fulano Cicrano Finado
QSL58	Madrasta	Madrasta	Madrasta	Madrasta	Madrasta	Madrasta
QSL59	Xará	Xará	Xará	Xará	Não soube	Xará
QSL60	Grávida	Grávida Gestante	Grávida	Grávida	Trabalho de parto	Grávida Buchuda De barrigada
QSL61	Esvaziou Pariu Deu a luz	Deu a luz	Deu a luz Pariu	Deu a luz Pariu	Ficou livre	Pariu Teve nenê
QSL62	Não soube	Resguardo	Resguardo	Pós-parto	Resguardo	Resguardo
QSL63	Companheiros	Conviventes	Amigados	Amigados	Conviventes	Amigados

	Juntos					Juntos
QSL64	Adolescente	Adolescente	Criança Jovem	Criança	Adolescente	Curumim Menino Criança
QSL65	Jovem	Mocinha	Moça		Adolescente	Cunhantã
QSL66	Papagaio Linguarudo Arara baleada	Faladeira	Falador	Falador	Faladeira	Falador Língua de trapo
QSL67	Burro Ruim de memória	Lento	Burra	Retardado Pouco inteligente	Burra	Burro
QSL68	Moreno Preto	Negro	Preto	Moreno	Moreno	Negro Preto Escuro
QSL69	Não soube	Moreno	Não soube	Preto	Não soube	Moreno
QSL70	Não soube	Não soube	Não soube	Indígena	Não soube	Não soube
QSL71	Ribeirinho	Agricultor	Agricultor	Agricultor Ribeirinho	Agricultor	Agricultor
QSL72	Turista	Não soube	Estrangeiro	Turista Imigrante	Turista	Turista
QSL73	Caloteiro Enrolão	Caloteira	Mal pagador Vilhaco	Não soube	Caloteira	Caloteiro
QSL74	Mão-de-vaca	Miserável	Pão-duro Miserável	Tacanho Miserável	Mão-de-vaca	Mão-de-vaca
QSL75	Pé-enxado	Não soube	Não soube	Alcoólatra	Bêbedo	Bêbado Pé-enxado Cú de cana
QSL76	Não soube	Não soube	Não soube			
QSL77	Machuda Sapatão	Machuda	Lésbica	Não soube	Machuda	Lésbica Machuda Sapatão
QSL78	Sem vergonha Safado	Gay	Homossexual	Bissexual	Não soube	Gay Baitola Veado Fresco Dá-cú
QSL79	Avexado	Estressado	Afobado Agoniado	Impaciente	Impaciente	Afobado
QSL80	Não soube	Danado	Abençoada Terrível Bagunceiro	Traquina	Danado	Danado Capeta
QSL81	Interesseira	Interesseira	Puxa-saco Interesseiro	Não soube	Baba-ovo	Baba-ovo
QSL82	Apanhar	Apanhar	Apanhar Bronca	Não soube	Apanhar	Apanhar Porrada Surra
QSL83	Coque	Coque Cascudo	Coque	Coque	Coque	Coque
QSL84	Ignorante	Gritão	Louca	Gritão	Histérica	Gasguita
QSL85	Peruano Tibo	Peruano	Peruano Peruano sholo Thalaco	Peruano Estrangeiro	Peruano Paisano	Peruano
QSL86	Colombiano	Colombiano	Colombiano	Colombiano	Colombiano	Colombiano
QSL87	Gigolô	Não soube	Gigolô Aproveitador	Não soube	Gigolô	Gigolô
QSL88	Raelitas Barba de bode	Raelitas	Raelitas	Israelitas	Barbões	Raelistas
QSL89	Matis	Índios	Indígenas	Aldeias	Ticunas	Ticunas

	Marubo					

Localidade: Tabatinga						
Respostas dos informantes						
Informante	1	2	3	4	5	6
Questões						
QSL01	Café da manhã	Café da manhã	Café da manhã	Café da manhã	Desayuno Café da manhã	Café da manhã
QSL02	Picadinho Carne moída	Picadinho Carne moída	Carne moída	Carne moída	Carne caseira Carne moída	Carne moída
QSL03	Mungunzá	Mungunzá	Mungunzá	Mungunzá	Mingau de milho Milho doce	Carne moída
QSL04	Cachaça Pinga	Cachaça	Cachaça Caninha	Cachaça	Pinga	Cachaça Pinga
QSL05	Gulosa Gordo	Gulosa	Gulosa Comilão	Comilão Gulosa	Esfomeada Gulosa	Gulosa Olho grande
QSL06	Bala Bombom Pirulito	Bala Bombom Caramelo	Bala Bombom	Bombom Bala	Bala Bombom	Bombom Bala
QSL07	Não soube	Escabeche	Não soube	Não soube	Mojica	Não soube
QSL08	Caldo de farinha seca	Mingau da caridade	Caldo da caridade	Caldo da caridade	Mingau de caridade	Caldo de caridade
QSL09	Não soube	Mojica	Mojica	Mojica	Refogado de peixe	Mojica
QSL10	Não soube	Moqueado	Amoqueado	Moqueado	Mal assado	Não soube
QSL11	Não soube	Não soube	Sarapatel	Sarapatel	Batidinho	Sarapatel
QSL12	Pé de moleque	Pé de moleque	Pé de moleque	Pé de moleque	Pé de moleque Beiju doce	Pé de moleque
QSL13	Pirarucu Peixe seco	Não soube	Peixe seco	Peixe seco	Peixe seco	Peixe seco
QSL14	Não soube	Pirão Escaldado	Pirão escaldado	Pirão escaldado	Pirão	Pirão
QSL15	Não soube	Sarapatel	Sarapatel	Sarapatel	Sarapatel	Sarapatel
QSL16	Não soube	Tacacá	Tacacá	Tacacá	Tacacá	Tacacá
QSL17	Cozido Assado	Não soube	Batido Guisado	Batidinho Picadinho Guisado Recheado	Guisado Assado Sarapatel	Recheado Cozido Assado Picadinho
QSL18	Não soube	Tapioca	Tapioca	Tapioca	Tapioquinha	Tapioca
QSL19	Cocada	Não soube	Cocada	Cocada	Cocada	Cocada
QSL20	Curite Dindim	Curite Dindim	Curite Dindim	Dindim Curite Geladinho	Dindim Curite Geladinho	Curite Dindim Sacolé
QSL21	Não soube	Gorgulho	Gorgulho	Gorgulho	Gorgulho	Gorgulho
QSL22	Não soube	Não soube	Batidinho	Batidinho	Farofa	Não soube
QSL23	Não soube	Não soube	Piracuí	Piracuí	Disfiadinho de bodó	Não soube
QSL24	Não soube	Não soube	Paçoca	Paçoca	Paçoquinha	Paçoca
QSL25	Caldo de galinha caipira	Sancocho Caldo de galinha	Caldo de galinha	Sancocho	Caldeirada Caldo Canja	Pé-de-moleque Calde de galinha

QSL26	Cebiche	Cabiche	Cabiche	Cabiche	Cabiche	Cabiche
QSL27	Não soube	Chicharrón	Chicharrón	Chicharrón	Chicharrón	Chicharrón
QSL28	Não soube	Lomo saltado	Não soube	Lomo saltado	Lomo saltado	Lomo saltado
QSL29	Arepa	Arepa	Não soube	Arepa	Arepa	Arepa
QSL30	Arroz chaufa	Não soube	Arroz chaufa	Arroz chaufa	Arroz chaufa	Arroz chaufa
QSL31	Tamales	Tamales	Fane	Tamales	Fane	Tamales
QSL32	Pupeca	Pupeca	Pupeca	Pupeca	Pupeca Peixe na folha	Pupeca
QSL33	Não soube	Patacón	Patacón	Patacón	Patacão	Patacón
QSL34	Chibé	Chibé	Chibé Jacuba	Chibé	Chibé	Não soube
QSL35	Negrita	Chicha morada	Não soube	Chicha morada	Chicha morada	Chicha
QSL36	Pamonha	Pamonha	Pamonha	Pamonha	Pamonha	Pamonha
QSL37	Não soube	Não soube	Chicha	Chicha	Chicha	Chicha
QSL38	Não soube	Caiçuma Masato	Não soube	Caiçuma	Caiçuma	Caiçuma
QSL39	Michelada	Michelada	Caipirinha	Michelada	Michelada Cerveja com limão	Michelada
QSL40	Balinha	Balinha	Balinha Pacote	Balinha	Balinha	Balinha
QSL41	Não soube	X-caboquinho	Não soube	X-caboquinho	X-caboquinho	X-caboquinho
QSL42	Cachorro-quente Kikão	Cachorro-quente	Cachorro-quente	Cachorro-quente	Cachorro-quente Kikão	Cachorro-quente Hot dog Kikão
QSL43	Não soube	Não soube	Pajuarú	Caiçuma	Pajuarú	Caiçuma
QSL44	Caldo de tambaqui	Caldeirada	Caldeirada	Caldeirada	Caldeirada de tambaqui	Caldeirada
QSL45	Tucupi	Tucupi	Tucupi	Tucupi	Tucupi	Tucupi
QSL46	Tacacho	Tacacho	Tacate	Tacacho	Tacate Banana amassada	Tacate
QSL47	Não soube	Ovo batido	Arabu	Não soube	Ovo batido	Não soube
QSL48		Mingau de banana	Chapo	Mingau de banana	Não soube	Mingua de banana
QSL49	Menstruação Bode	Menstruação	Menstruação	Menstruação	Período menstrual Bode Vermelho	Menstruação
QSL50	Parteira	Parteira	Parteira	Parteira	Parteira	Parteira
QSL51	Gêmeos	Gêmeos Repetidos	Gêmeos	Gêmeos	Gêmeos	Gêmeos
QSL52	Abortar	Abortar Jogar	Abortar	Abortar	Abortar	Abortar
QSL53	Mãe-de-peito	Mãe-de-leite	Mãe-de-leite	Ama-de-leite	Não soube	Ama-de-leite
QSL54	Caçula	Mais novo	Caçula	Caçula	Caçula	Mais novo Caçula
QSL55	Corno Chifrudo Boi	Corno	Corno Chifrudo	Chifrudo	Chifrudo Corno Boi	Corno
QSL56	Prostituta	Prostituta	Puta Mulher da	Prostituta	Rapariga Puta	Puta Garota de

			vida		Piranha	programa Mulher fácil
QSL57	Não soube	Finado	Finado	Falecido	Finado	Falecido
QSL58	Madrasta	Madrasta	Madrasta	Madrasta	Madrasta Boadrasta	Madrasta
QSL59	Xará	Xará	Xará	Xará	Meu chapa	Xará
QSL60	Grávida	Grávida Prenha	Grávida Gestante	Grávida	Grávida Prenha	Grávida Buchuda Prenha
QSL61	Não soube	Ganhou nenê	Pariu Deu a luz	Pariu	Pariu Deu a luz	Pariu Teve nenê
QSL62	Não soube	Resguardo	Pós-parto Resguardo	Resguardo	Resguardo	Resguardo
QSL63	Namorados	Juntos	Conviventes	Amigados	Amigados	Casal
QSL64	Não soube	Menino Curumim	Menino Curi	Menino	Curumim Curi Sapeca	Menino Curi
QSL65	Não soube	Menina Cunhantã	Garota	Menina	Curia Mocinha	Menina
QSL66	Chato Perturbador	Tagarela	Linguarudo	Tagarela	Charlatão Fofoqueira Língua grande Língua solta	Faladeira
QSL67	Burro	Burro	Burro	Burro	Burro Tapado Bisonho	Sem conhecimento Burro
QSL68	Preto Negro	Negro Preto	Negro	Preto	Negro Preto	Preto Pretinho Negão Azul
QSL69	Pardo	Moreno	Moreno Pardo	Moreno	Moreno	Moreno
QSL70	Ticuna	Caboclo	Descendente	Caboclo	Civilizado	Corno
QSL71	Ribeirinho	Ribeirinho	Ribeirinhos	Ribeirinhos	Agricultores Ribeirinhos	Ribeirinhos
QSL72	Gringo	Estrangeiro	Turista	Estrangeiro	Turistas	Estrangeiro
QSL73	Mão-de-vaca	Caloteiro	Caloteiro	Caloteiro	Enrolão Mau pagador	Caloteiro Mal pagador
QSL74	Não soube	Mão-de-vaca	Miserável	Miserável Pão-duro	Pão-duro Mão-de-vaca Mão fechada	Mão-de-vaca Miserável
QSL75	Cachaceiro	Bêbado	Cachaceiro	Irresponsável Cachaceiro	Borracho Bêbado Mamado	Cachaceiro Beberão Bêbedo
QSL76	Alcoólatra Pé-enxado	Não soube		Pinguço		
QSL77	Amante Talarica	Lésbica	Lésbica Machuda Sapatão	Machuda	Sapatona Mulher macho	Machuda
QSL78	Gay Veado	Gay Veado	Gay Veado	Gay	Boiola Veado Veadinho Bicha Bichona	Gay
QSL79	Não soube	Avexado	Apressado	Apressado	7 meses Impaciente	Afobada

QSL80	Sapeca Atentado Capeta	Danado	Travesso	Sapeca	Sapeca	Danado Abençoado
QSL81	Puxa-saco	Puxa-saco Baba-ovo	Interesseiro	Puxa-saco	Puxa-saco Baba-ovo	Puxa-saco Baba-ovo
QSL82	Apanhar	Apanhar	Apanhar	Apanhar	Carão Peia Corretivo	Apanhar
QSL83	Coque	Coque	Coque	Coque	Coque Cascudo	Coque
QSL84	Não soube	Gasguita	Gasguita	Gasguita	Não soube	
QSL85	Peruano Perucha	Peruano	Peruano Paisano	Peruano Paisa	Peruano Come banana Israelitas Barbudos	Gasguita
QSL86	Maricón Cabrón	Colombiano	Colombiano Paisano	Colombiano	Colombiano Da fronteira	Peruano Paisa Cholo
QSL87	Vagabundo Come velha	Gigolô	Gigolô	Gigolô	Garoto de programa Gigolô	Gigolô
QSL88	Israelitas Jesus	Israelitas	Israelitas	Israelitas	Israelitas Cabeludos	Israelitas
QSL89	Indígenas Ribeirinhos	Indígenas	Indígenas Caboclos	Ticuna	Caboclos Ticunas	Ticunas Parentes
Localidade: Tabatinga						
Respostas dos informantes						
Informante	7	8	9	10	11	12
Questões						
QSL01	Café da manhã	Café da manhã Dasayuno	Café da manhã Dasayuno Desjejum	Café da manhã	Café da manhã Dasayuno Desjejum	Café da manhã Dasayuno
QSL02	Batidinho	Picadinho Carne moída	Carne moída Boi ralado	Picadinho Carne moída	Picadinho Carne moída	Carne moída Picadinho
QSL03	Mungunzá	Mungunzá	Mungunzá	Mungunzá	Mungunzá	Mungunzá Mingau de milho
QSL04	Cachaça	Cachaça	Cachaça	Cachaça Pinga 51	Aguardente Cachaça Pinga	Cachaça Pinga
QSL05	Comilão	Gulosa	Gulosa	Gulosa Olhuda	Gulosa	Comilão Guloso
QSL06	Bombom Bala	Bombom Bala Caramelo	Bombom Bala	Bombom Bala	Bombom Bala Caramelo	Bala Bombom Pirulito
QSL07	Não soube	Escabeche	Mojica	Não soube	Escabeche	Não soube
QSL08	Caldo de caridade	Caldo de caridade	Mingau de caridade	Mingau de caridade	Mingau de caridade Caldo da caridade	Mingau da caridade
QSL09	Não soube	Mojica	Mojica	Não soube	Mojica	Desfiado de peixe
QSL10	Amoqueado	Moqueado	Não soube	Não soube	Moqueado Assado	Não soube
QSL11	Sarapatel	Sarapatel	Não soube	Não soube	Não soube	Não soube
QSL12	Pé de moleque	Pé de moleque	Pé de moleque	Pé de moleque	Pé de moleque	Pé de moleque

		Beiju			Beiju	
QSL13	Peixe seco	Peixe seco Salmorado	Salmorado	Pirarucu	Peixe seco Salmorado	Peixe seco
QSL14	Pirão	Pirão	Escaldado Pirão	Não soube	Pirão Escaldado	Pirão
QSL15	Sarapatel	Sarapatel	Sarapatel	Sarapatel	Sarapatel Patelzinho	Não soube
QSL16	Tacacá	Tacacá	Não soube	Tacacá	Tacacá Caldo de jambu	Tacacá
QSL17	Batidinho Guisado	Guisado Assado	Cozido Guisado	Sarapatel Guisado Assado	Sopa Guisado Sarapatel	Guisado Picadinho
QSL18	Tapioca	Tapioca	Tapioca	Tapioca	Tapioca Beiju	Tapioca
QSL19	Cocada	Cocada	Cocada	Cocada	Cocada	Cocada
QSL20	Curite Dindim Sacolé	Curite Dindim	Curite Dindim Socolé	Curite Dindim Sacolé	Curite Dindim Geladinho	Curite Dindim
QSL21	Gorgulho	Gorgulho	Gorgulho	Não soube	Gorgulho Bichinho	Não soube
QSL22	Batidinho	Farofa	Não soube	Não soube	Não soube	Não soube
QSL23	Piracuí	Não soube	Não soube	Não soube	Não soube	Não soube
QSL24	Paçoca	Não soube	Não soube	Não soube	Não soube	Não soube
QSL25	Sancocho Caldo de galinha caipira	Sancocho Caldo de galinha	Sancocho Caldo de galinha caipira	Caldo de galinha caipira	Sancocho Caldo de galinha	Sancocho
QSL26	Cebiche	Cebiche	Cebiche	Cebiche	Ceviche Cebiche	Ceviche
QSL27	Chicharón	Chicharón Empanado	Não soube	Chicharón	Chicharón Empanado	Chicharón
QSL28	Filé com fritas	Lomo saltado Isca	Lomo saltado	Lomo saltado	Lomo saltado Isca	Não soube
QSL29	Não soube	Arepa	Arepa	Arepa	Arepa	Bolo de milho
QSL30	Arroz chaufa	Arroz chaufa	Arroz chaufa	Arroz chaufa	Arroz chaufa	Arroz chaufa
QSL31	Não soube	Tamales Fane	Tamales Fane	Tamales Fane	Tamales Fane	Não soube
QSL32	Pupeca	Pupeca	Pupeca	Pupeca	Pupeca	Pupeca Peixe na folha
QSL33	Patacón	Patacón	Patacón	Patacão Patacón	Patacão Patacón Banana amassada	Patacón
QSL34	Jacuba	Jacuba Chibé	Jacuba Chibé	Não soube	Chibé Jacuba	Chibé
QSL35	Não soube	Chicha morada	Chicha morada	Chicha morada	Chicha morada Suco de milho	Não soube
QSL36	Pamonha	Pamonha	Pamonha	Pamonha	Pamonha Cuminta	Pamonha
QSL37	Chicha	Aluá	Não soube	Não soube	Aluá	Luau
QSL38	Masato	Caiçuma Masato	Caiçuma	Não soube	Caiçuma Masato	Caiçuma
QSL39	Não soube	Michelada	Michelada	Michelada	Michelada	Michelada

			Cerveja suja		Chopp sujo	
QSL40	Balinha	Balinha Caixinha	Balinha Pacote	Balinha Bala de cerveja	Pacote Balinha Caixinha	Bala
QSL41	Não soube	X-caboquinho	X-caboquinho	X-caboquinho	X-caboquinho Sanduiche	X-caboquinho
QSL42	Cachorro-quente Kikão	Cachorro-quente Kikão	Cachorro-quente Kikão	Cachorro-quente Kikão	Cachorro-quente Kikão Hot dog	Cachorro-quente
QSL43	Pajuarú	Pajuarú	Ayahuasca Caiçuma	Não soube	Pajuarú	Não soube
QSL44	Caldeirada de tambaqui	Caldeirada	Caldo	Caldo de tambaqui	Caldeirada Caldo	Caldeirada de tambaqui
QSL45	Tucupi	Tucupi	Tucupi	Tucupi	Tucupi Molho	Tucupi
QSL46	Tacate	Tacate	Tacacho	Tacate Tacacho	Tacate Tacacho	Tacate
QSL47	Arabu	Ovo batido	Não soube	Não soube	Ovo batido Poncho	Gemada Arabu
QSL48	Mingau de banana	Mingau de banana	Chapo	Mingau de banana	Mingau de banana Chapo	Não soube
QSL49	Menstruação TPM	Menstruação	Menstruação Bode Bandeira vermelha	Menstruação Bode	Menstruação Bode	Menstruação
QSL50	Parteira	Parteira	Parteira	Parteira	Parteira Madrinha	Parteira
QSL51	Gêmeos	Gêmeos	Gêmeos	Gêmeos	Gêmeos Repetidos	Gêmeos
QSL52	Abortar	Abortar Jogar	Abortar	Abortar	Abortar Jogar	Evitar
QSL53	Mãe-de-leite Ama-de-leite	Mãe-de-leite	Não soube	Mãe-de-leite	Mãe-de-leite	Ama-de-leite Madrinha
QSL54	Caçula	Caçula Mais novo Último	Caçula	Caçula Caçulinha	Caçula Filho mais novo Último	Caçula
QSL55	Chifrudo	Corno Chifrudo	Corno Boi chifrudo	Corno Chifrudo	Corno Chifrudo	Corno Chifrudo
QSL56	Prostituta	Prostituta	Puta Prostituta Mulher da vida	Meretriz Prostituta Puta	Prostituta Puta Quenga	Quenga Prostituta Mulher da vida
QSL57	Falecido	Defunto Finado	Finado	Falecido	Defunto Finado Falecido	Finado
QSL58	Madrasta	Madrasta	Madrasta	Madrasta	Madrasta Boadrasta Maldrasta	Madrasta
QSL59	Xará	Xará	Xará	Sócio Xará	Xará Meu peixe	Não soube
QSL60	Grávida Gestante	Grávida Gestante	Grávida Embaraçada Ovada	Grávida	Grávida Buchuda Prenha Ovada	Grávida Gestante Prenha
QSL61	Pariu	Ganhou nenê	Pariu	Não soube	Ganhou nenê	Pariu

		Pariu			Pariu Deu a luz	Deu a luz
QSL62	Não soube	Resguardo	Resguardo	Resguardo	Resguardo Licença	Resguardo
QSL63	Juntos	Amigados	Não soube	Amigados	Juntos Amigados	Amasiados Conviventes
QSL64	Guri Moleque	Menino Moleque	Menino Carinha	Garoto Pirralho	Menino Moleque Curumim	Adolescente
QSL65	Menina Criança	Menina	Meninazinha	Garotinha Menina	Menina Moleca Cunhantã	Adolescente
QSL66	Faladeira	Gasguita	Bocudo Sapo	Linguarudo Fala muito	Gasguita	Linguarudo Fofoqueiro
QSL67	Burro	Burro	Burro Lerdo	Burro	Burro Leso	Burro Leso
QSL68	Negro	Negro Preto	Pretão	Negro Preto	Negro Preto	Preto Negro
QSL69	Morena Parda	Moreno	Moreno	Moreno	Mulato Moreno	Moreno
QSL70	Descendente	Misturado	Índio	Não soube	Miscigenado Misturado	Não soube
QSL71	Ribeirinhos	Ribeirinhos	Ribeirinhos Churara	Ribeirinhos	Ribeirinho	Ribeirinho Agricultor
QSL72	Estrangeiro	Estrangeiro	Estrangeiro	Turista	Estrangeiro Turista Forasteiro	Estrangeiro Turista
QSL73	Mau pagador	Caloteiro	Caloteiro Golpista	Charlatão Parasita Vagabundo	Caloteiro Mau pagador	Caloteiro
QSL74	Miserável	Mão-de-vaca Miserável	Mão-de-vaca Mão-de-macaco-massado Mão-de-porco	Miserável Mão-de-vaca Avarento	Miserável Sovino Mão-de-vaca	Mão-de-vaca Pão-duro
QSL75	Cachaceiro Irresponsável	Bêbado Alcoólatra	Doido	Bêbado	Bêbado Porre Borracho	Bebum Cachaceiro
QSL76			Noiado	Pé-enxado Beberrão		
QSL77	Lésbica Machuda	Lésbica Machuda	Machuda	Machuda Lésbica	Lésbica Machuda	Sapatão Maria homem Lésbica
QSL78	Veado Gay	Gay	Veado Gay	Gay Travesti Homossexual	Homossexual Gay Bicha Veado	Gay Baitola
QSL79	Apressado	Apressado	Precoce	Afobado Perturbado	Apressado	Apressadinho Ligeirinho
QSL80	Danado	Danado	Danado Traquina	Danado Sapeca Abençoado	Danado	Danado
QSL81	Interesseiro	Baba-ovo	Baba-ovo	Baba-ovo Interesseira	Baba-ovo Puxa-saco	Baba-ovo Interesseiro
QSL82	Apanhar	Apanhar	Peia	Pegar bronca	Apanhar	Apanhar
QSL83	Coque	Coque	Cocorote	Coque	Coque Cascudo	Coque

QSL84	Gasguita	Gasguita	Não soube	Escandalosa	Gasguita	Falador
QSL85	Peruano Paisano Estrangeiro	Peruano	Peruano Perucha	Peruano Peruaninho Peruano chola	Peruano Paisano Caga n'água	Peruano
QSL86	Colombiano Paisano Estrangeiro	Colombiano	Colombiano Perucha	Colombiano	Colombiano Colômbia	Colombiano
QSL87	Gigolô	Gigolô	Gigolô	Não soube	Gigolô Boy Bofe	Não soube
QSL88	Israelitas	Israelitas	Israelitas	Israelitas	Israelitas Cabeludos	Israelitas
QSL89	Ticunas Ribeirinhos	Indígenas	Churara Ticunas	Ticunas Índios	Indígena Ticuna Churara	Indígenas Ticunas